



livro 3 na série  
Memórias de um Vampiro

traída

morgan rice

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# **TRAÍDA (livro 3 na série Memórias de um Vampiro)**

## **MORGAN RICE**

### **Sobre Morgan Rice**

Morgan Rice é a autora do best-seller #1 MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série de Best-seller #1 - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); a série número um de vendas, O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, checo e eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

[TRANSFORMADA](#) (Livro #1 da série Memórias De Um Vampiro) e [EM BUSCA](#) DE HERÓIS (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Amazon!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar [www.morganricebooks.com](http://www.morganricebooks.com) faça parte de nosso

newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter, permaneça em contato!

### **Crítica aclamada sobre Morgan Rice**

"TRAÍDA é uma grande contribuição à série. Morgan Rice realmente produziu um vencedor com esta série. É rápido, cheio de ação, amor, suspense e intriga. Caso você não tenha lido seus dois primeiros romances, leia-os e, em seguida, ponha suas mãos em um exemplar de TRAÍDA.

Eu li esses livros em ordem, mas cada um destes livros também são escritos para serem lidos individualmente, de modo que, mesmo se você não tiver lido os dois primeiros, leia TRAÍDA. Eu tenho certeza que você vai acabar conseguindo os dois primeiros livros- todos eles são definitivamente uma boa leitura... ou duas! "

--VampireBookSite

"O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, intrigas, mistério, bravos cavaleiros e florescentes relacionamentos repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."

-- *Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

“Uma história ideal para jovens leitores. Morgan Rice fez um bom trabalho, dando uma interessante reviravolta na trama... Refrescante e original. As séries giram em torno de uma garota... Uma jovem extraordinária!... Fácil de ler, mas com um ritmo de leitura extremamente acelerado...

Classificação 10 pelo MJ/DEJUS.”

*The Romance Reviews* (referindo-se a *Turned*)

“Captou a minha atenção desde o início e eu não pude soltá-lo... Esta é uma história de aventura incrível que combina agilidade e ação desde o início. Você não encontrará nela nenhum momento maçante.”

*Paranormal Romance Guild* (referindo-se a *Turned*)

“Carregado de ação, romance, aventura e suspense. Ponha suas mãos nele e apaixone-se novamente.”

*Vampirebooksite.com* (referindo-se a *Turned*)

“Uma ótima trama, este é especialmente o tipo de livro que lhe dará trabalho soltar à noite. O final é tão intrigante e espetacular que fará com que você queira comprar imediatamente o livro seguinte, só para ver o que acontecerá.”

*The Dallas Examiner* (referindo-se a *Loved*)

“Um livro que é um rival digno de CREPÚSCULO (TWILIGHT) e AS CRÔNICAS VAMPIRESCAS (VAMPIRE DIARIES) e que fará com que você deseje continuar lendo sem parar até a última página! Se você curte aventura, amor e vampiros este é o livro ideal para você!”

*Vampirebooksite.com* (referindo-se a *Turned*) Livros de Morgan Rice

### **O ANEL DO FEITICEIRO:**

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)

UM GRITO DE HONRA (Livro #4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)

UM REINADO DE AÇO (Livro #11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

## **TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA:**

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS

(Livro #1)

ARENA DOIS (Livro #2)

## **MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO:**

TRANSFORMADA (Livro #1)

AMADA (Livro #2)

TRAÍDA (Livro #3)

DESTINADA (Livro #4)

DESEJADA (Livro #5)

PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)

JURADA (Livro #7)

ENCONTRADA (Livro #8)

RESSUSCITADA (Livro #9)

SUPLICADA (Livro #10)

DESTINADA (Livro #11)

Copyright © 2012 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados.

Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia do autor.

Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se você estiver lendo este livro sem tê-lo comprado, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho do autor.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, entidades, eventos e incidentes, são produto da imaginação do autor ou foram usados de maneira fictícia.

Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

Jacket art ©iStock.com /© Jen Grantham

# FATO

A 60 km ao norte de Manhattan, existe uma pequena e obscura ilha no rio Hudson onde há um castelo Escocês em ruínas. Esta ilha é conhecida como Pollepel, e foi nomeada em homenagem a uma jovem garota, Polly, que há centenas de anos, ficou presa no gelo do Hudson e acabou em sua costa. Conta a lenda que ela foi romanticamente resgatada por seu amado, que casou com ela na ilha.

"Setenta anos me lembro bem,  
Dentro do volume de tempo que já vi  
Horas terríveis e coisas estranhas; mas esta noite dolorosa  
Superou conhecimentos anteriores."

**William Shakespeare, *Macbeth***

# UM

*Ilha Pollepel, Rio Hudson, Nova Iorque (Presente)*

"Caitlin?" disse a voz, suavemente. "Caitlin?"

Caitlin Paine ouve a voz e tenta abrir seus olhos. Eles estavam tão pesados; que por mais que Caitlin tentasse, mal conseguia abri-los. Finalmente, ela consegue força-los a abrir, apenas por alguns segundos, e vê de onde vem a voz.

Caleb.

Ele está ajoelhado ao seu lado, segurando sua mão entre as dele, com preocupação gravada em seu rosto.

"Caitlin?" ele diz novamente.

Ela tenta avaliar sua situação, removendo a imensa névoa que cobre seus pensamentos. Onde estaria ela? Caitlin podia enxergar o suficiente para ver que o quarto onde se encontrava era simples, feito de pedra. Era noite, e a grande janela permitia a entrada dos raios da lua cheia. Chão de pedra, paredes de pedra, um teto arqueado de pedra. A pedra parece macia e antiga. Estaria ela em um convento medieval?

Além do luar, o quarto era iluminado apenas por uma pequena tocha, afixada à parede mais distante, e que não produzia muita luz. Estava escuro demais para ver muito além disso.

Ela tenta se concentrar no rosto de Caleb, tão perto, apenas trinta centímetros, encarando-a com esperança. Seus olhos parecem brilhar, enquanto ele aperta a mão dela com mais força. As mãos dele estão quentes. As dela estão tão frias. Ela não consegue sentir vida nelas.

Apesar de seus esforços, Caitlin não consegue manter os olhos abertos por um segundo a mais. Eles estavam simplesmente pesados demais. Ela se sentia... Doente não era bem a palavra. Ela estava... pesada. Ela parecia estar flutuando, como se estivesse no limbo, presa entre dois mundos. Ela não se sentia ligada ao seu corpo, não sentia mais fazer parte deste mundo. Mas também não estava morta. Ela se sentia como se estivesse tentando acordar de um sono muito, muito profundo.

Ela se esforça para lembrar. Boston... King's Chapel... a Espada. E então... sendo esfaqueada. Ficar deitada lá, morrendo. Com Caleb ao seu lado. E então... as presas dele. Se aproximando dela.

Caitlin sente uma dor persistente e latejante na lateral de sua garganta. Deve ser de quando ela tinha sido mordida. Ela tinha pedido — tinha suplicado por isso.

Mas considerando como ela se sentia agora, ela não tinha certeza de ter feito a coisa certa. Ela não se sentia bem. Ela sentia um sangue gelado correndo em suas veias. Ela se sentia como se tivesse morrido, mas sem ter dado o último passo. Como se estivesse presa.

Mais do que qualquer coisa, ela sente dor. Uma dor latejante no lado inferior direito, e em sua barriga. Devia ser de quando ela tinha sido esfaqueada.

“O que você está passando é normal,” diz Caleb suavemente. “Não tenha medo. Nós todos passamos por isso quando nos transformamos pela primeira vez. Tudo vai ficar melhor. Eu prometo. A dor vai passar.”

Ela queria sorrir, estender o braço e acariciar seu rosto. O som da voz dele tornava tudo no mundo melhor. Fazia com que tudo isso valesse a pena. Ela ficaria com ele para sempre, agora, e isso lhe dava esperança.

Mas a verdade é que ela estava muito cansada. O seu corpo não estava respondendo ao que seu cérebro pedia. Ela não conseguia fazer seus lábios sorrirem, e não conseguia juntar forças para levantar sua própria mão. Ela sente que está prestes a adormecer novamente...

Subitamente, seus pensamentos mudam de novo, despertando-a rapidamente. A Espada... ela estava lá, e depois... havia sido roubada. Quem estava com ela agora?

E, então, ela se lembra de seu irmão, Sam. Inconsciente. E depois, levado por aquele vampiro. O que teria acontecido com ele? Ele estaria em segurança?

E Caleb. Por que ele estava aqui? Ele deveria estar atrás da espada. Tentando acabar com eles. Ele estaria aqui só por causa dela? Ele sacrificaria tudo para ficar ao lado dela?

Muitas perguntas passavam por sua cabeça.

Ela junta todas as forças que ainda lhe restam, e abre a boca apenas o suficiente.

"A Espada", ela consegue dizer, sua garganta tão seca que dói ao falar. "Você tem que ir...", acrescenta. "É preciso salvar...".

"Shhh", diz Caleb. "Apenas descanse".

Ela queria dizer mais. Muito mais do que isso. Ela queria dizer-lhe o quanto gostava dele. Mostrar-lhe sua gratidão. Dizer-lhe o quanto ela desejava que ele nunca saísse de perto dela.

Mas isso tudo teria que esperar. Uma nova onda de confusão toma conta dela, e ela simplesmente não consegue abrir seus lábios novamente. Apesar de sua luta, ela se vê afundando cada vez mais, voltando para a escuridão, de volta a seu estado de sono imortal.

## DOIS

Enquanto sobrevoa a região norte de Manhattan, Kyle se sente como nunca antes. Atrás dele está Sergei, seu obediente soldado, e atrás dele, centenas de vampiros que se uniram a eles ao longo do caminho. Kyle agora estava com a lendária Espada em seu cinto, e não havia nada mais a ser dito. Vampiros maléficos de toda a Costa Leste já tinham ouvido a notícia e, enquanto Kyle se aproximava, muitos covens estavam ansiosos para se juntar a ele. Eles sabiam que uma guerra se aproximava, e a reputação de Kyle o precedia. Estes vampiros mercenários sabiam que, onde quer que ele fosse, seus planos não eram nada bons. E eles queriam fazer parte deles.

Kyle sentiu a emoção do crescente exército que o amparava, e sentiu outro surto de confiança ao voar sobre a cidade. Sergei tinha feito bem em pegar a Espada e esfaquear a garota, Caitlin. Na verdade, Kyle havia se surpreendido. Ele nunca tinha imaginado que Sergei fosse capaz disso. Ele o tinha subestimado, e como recompensa, Kyle tinha decidido mantê-lo vivo, percebendo que Sergei seria um bom companheiro. Ele tinha ficado especialmente impressionado quando Sergei havia lealmente lhe entregado a Espada, imediatamente após deixarem a King's Chapel. Sim, Sergei reconhecia sua posição. Se ele continuasse assim, Kyle poderia até mesmo promovê-lo, poderia de fato dar-lhe

sua própria pequena legião. Kyle odiava a maioria das coisas na maior parte das pessoas, mas uma coisa que ele apreciava era a lealdade.

Especialmente depois do que o seu povo, o Coven Blacktide, tinha feito com ele. Depois de milhares de anos de lealdade, Rexius, seu líder supremo, tinha expulsado Kyle como se ele fosse ninguém, como se os seus milhares de anos de serviço não tivessem significado nada. Tudo por causa de um pequeno erro. Era impensável.

O plano de Kyle tinha funcionado perfeitamente. Agora ele brandia a espada, e nada, absolutamente nada, ficaria em seu caminho. Uma guerra contra a raça humana, e contra as outras raças vampiras, em breve seria sua para lutar.

Enquanto Kyle prossegue em direção ao centro da cidade, agora sobre Harlem, ele se aproxima do chão, usando sua visão vampira para ampliar os detalhes abaixo. E abre um largo sorriso.

Sua propagação da peste bubônica realmente funcionou. O pandemônio e o caos tomam conta de tudo. Os patéticos humanos estavam lutando de todas as maneiras, acelerando seus carros na contramão de ruas simples, discutindo uns com os outros, saqueando lojas. Ele podia ver que a maioria dos seres humanos estava coberta de úlceras horríveis, indicativas da peste. Ele também podia ver os cadáveres, já em grandes pilhas acumuladas em todas as esquinas. Era um verdadeiro Armagedom. E nada poderia deixá-lo mais feliz.

Seria apenas uma questão de dias até que todos os seres humanos na cidade caíssem. Nesse momento, Kyle e seus homens poderiam facilmente acabar com o resto deles. Eles iriam se alimentar como nunca tinham se alimentado antes. E, em seguida, iriam escravizar o resto da raça humana.

O único pequeno obstáculo que permanecia no seu caminho era o Coven White, vampiros patéticos que se alimentavam somente de animais, e se achavam melhores do que os outros. Sim, eles iriam tentar. Mas eles não seriam páreo para a Espada. Quando ele terminasse com os seres humanos, ele ia acabar com eles.

Em primeiro lugar, e mais importante, ele assumiria novamente seu lugar em seu próprio coven. E ele faria isso de maneira brutal. Rexius tinha cometido um erro grave em puni-lo, pensa Kyle, erguendo a mão e sentindo as cicatrizes por toda a lateral de seu rosto, seu terrível castigo, sua punição por ter deixado Caitlin escapar. Rexius iria pagar por cada uma das cicatrizes de Kyle. Rexius era poderoso, mas agora, com a Espada, o poder de Kyle era ainda maior. Kyle não descansaria até que Rexius estivesse morto, por suas próprias mãos, e até que ele próprio fosse declarado o novo líder supremo.

Kyle sorri só de imaginar. Líder supremo. Depois de todos estes milhares de anos. Era o que ele merecia. Era o seu destino.

Kyle e seus homens voaram por um longo tempo, sobre o Central Park, sobre Midtown, a Union Square, e Greenwich Village... e, por fim, chegaram ao Parque da Prefeitura.

Kyle desce graciosamente, aterrissando suavemente, com seu bando de centenas de vampiros logo atrás. O exército de Kyle havia crescido assustadoramente. Que maneira de voltar, ele pensa.

Kyle esta prestes a se dirigir aos portões da Prefeitura para destruí-la e começar sua guerra, quando nota algo em sua visão periférica. Algo que o incomoda.

Kyle usa sua visão para enxergar vários quarteirões, e ver de perto o pandemônio em frente à Ponte do Brooklin. Centenas de carros estavam presos em um engarrafamento, encostados uns aos outros e amontoados em frente à ponte. Todos querendo sair.

Mas a ponte estava bloqueada. No caminho, diversos tanques e caminhões militares, e em cima deles dezenas de soldados com metralhadoras apontadas na direção da multidão. Obviamente, nenhum ser humano tinha permissão para deixar a ilha de Manhattan. Os militares tinham tentado evitar que a peste se alastrasse. Eles provavelmente haviam bloqueado todas as pontes e túneis.

Por um lado, era exatamente isto que Kyle havia planejado: isso tornaria sua vida mais fácil, uma vez que todos os seres humanos estivessem presos em Manhattan, ele poderia matá-los com mais facilidade.

Mas, por outro lado, agora que ele podia ver a cena com os seus próprios olhos, a ideia lhe causava náuseas. Ele odiava autoridade de qualquer espécie. E isso incluía os militares. Ele quase sentia uma empatia com a massa de seres humanos, clamando para sair daquela ilha. Eles estavam sendo impedidos por figuras de autoridade. As veias de Kyle ardiam só em pensar.

Ao mesmo tempo, uma nova ideia lhe ocorreu. Porque não deixar alguns seres humanos saírem da ilha? Na verdade, isso serviria o seu propósito. Eles espalhariam ainda mais a peste. Até o Brooklin, para começar. Sim, isso poderia lhe ser muito conveniente.

Kyle sobe repentinamente no ar, voando em direção à base da Ponte do Brooklin. Imediatamente as centenas de vampiros o seguem, como verdadeiras sombras.

Bom, pensa ele. Eles eram leais e obedientes, e não faziam perguntas. Este seria realmente um exército muito conveniente.

Kyle aterrissa na base da Ponte do Brooklin, sobre capô de um carro, e as centenas de vampiros desembarcam em carros atrás dele, o som de suas botas ressoando na medida em que tocavam a superfície.

Buzinas de carro soam de repente. Aparentemente os humanos não gostavam de pessoas andando em cima de seus carros.

Uma nova onda de raiva toma conta de Kyle enquanto ele considera a ingratidão dos patéticos humanos, tocando suas buzinas quando ele tinha vindo para ajudá-los.

Em pé no capô de um Saab SUV cuja buzina estava sendo tocada pra ele, Kyle para. Ele tinha estado prestes a descer e lidar com os militares, mas em vez disso, ele se vira lentamente, olha para baixo e vê através do para-brisa a família que o encara.

Era uma típica família feliz. No banco da frente sentavam-se o marido e a esposa, ambos em torno de 40 anos de idade, e atrás deles, seus dois filhos. O marido abre o vidro de sua porta, estende a mão e sacode o punho na direção de Kyle.

"Sai de cima da droga do meu carro!" o homem grita.

Kyle, de pé no capô, ajoelha-se, se prepara, e dá um soco que atravessa o para-brisa. Agarrando o homem pela gola de sua camisa polo, com um único movimento o puxa para fora, através do para-brisa. Estilhaços de vidro se espalham por toda parte, enquanto os gritos da esposa do homem e de seus filhos iluminam a noite.

Kyle se levanta sobre o capô, com um sorriso nos lábios, segurando o homem e erguendo-o sobre sua cabeça.

O homem chora e soluça, com a cabeça coberta de sangue dos vidros estilhaçados. Kyle, com um largo sorriso nos lábios, joga o homem no ar como se ele fosse um avião de papel. O homem é lançado, por dezenas de metros, e aterrissa em algum no fundo do congestionamento, em cima do capô de outro carro. Morto, espera Kyle.

Kyle volta ao trabalho em questão. Descendo do carro, avança em direção aos enormes tanques que fazem o bloqueio da ponte. Atrás

dele, era possível sentir as centenas de soldados que o seguiam.

Na medida em que Kyle se aproxima, os soldados ficam ligeiramente tensos. Vários deles levantam suas metralhadoras e as apontam na direção dele.

Havia uma área sem carros ou pessoas a certa distância dos tanques, uma área que aparentemente ninguém parecia disposto a atravessar.

Mas Kyle cruza a linha com prazer, dirigindo-se sem pestanejar até o espaço aberto, bem na direção do tanque.

"Parado!" grita um soldado com megafone. "NÃO se mova! Vamos disparar sem prévio aviso!".

Kyle sorri mais ainda, enquanto continua caminhando, bem na direção do tanque.

"Eu disse PARADO!" grita o soldado novamente. "Este é seu último aviso! Há um toque de recolher em vigor. Temos ordem de atirar em quem quer que seja durante a noite!".

O sorriso de Kyle fica ainda maior.

"Eu sou o dono da noite," ele responde.

Kyle continua em direção a eles, e, de repente, eles abrem fogo. Dezenas e dezenas de soldados disparam suas metralhadoras contra Kyle e seus homens.

Kyle sente a dor de todas as balas que o acertam. Uma após a outra, todas elas ricocheteiam do seu peito e braços e cabeça e pernas. Parecendo gotas de chuva, porém mais fortes. Ele sorri em pensar nas ridículas armas dos humanos.

Kyle vê a expressão horrorizada nos rostos dos soldados, quando começam a perceber que ele era imperturbável. Eles obviamente não conseguiam entender como ele ainda estava andando. E também como seus seguidores também conseguiam continuar andando.

Mas eles não têm tempo de reagir. Kyle se aproxima do tanque mais próximo, fica sob ele, colocando duas mãos sob as bitolas, e com força sobre-humana, o levanta acima de sua cabeça. Ele anda alguns metros, carregando o tanque, e chega até a grade da ponte. Vários soldados, sem equilíbrio, caem pra fora do tanque quando ele se move. Mas dezenas de outros se agarram a ele, abraçando partes do metal, tentando se segurar a qualquer custo.

Grande erro.

Kyle dá três passos, içá o tanque, e o arremessa com todas as suas forças. O tanque voa através do ar, por vários metros, ultrapassando a grade da ponte. Ele passa pelo ar sobre a Ponte do Brooklyn, despencando centenas de metros na direção do rio. O tanque vira diversas vezes, com os soldados gritando enquanto despencavam dele. Ele finalmente alcança o rio com uma enorme pancada na água.

De repente, o congestionamento toma vida. Sem qualquer hesitação, os ansiosos nova-iorquinos pisam nos aceleradores, e seus carros avançam pelas pistas da ponte, agora abertas. Dentro de segundos, centenas de carros aceleram para fora de Manhattan. Kyle olha para seus rostos enquanto saem, e pode ver que muitos já haviam sido infectados com a peste.

Ele abre um grande sorriso. Esta seria uma grande noite.

# TRÊS

Samantha acompanha as enormes portas duplas se abrindo para dela, rangendo enquanto se moviam, e sente um buraco no estômago. Ela entra nos aposentos de seu líder, acompanhada por vários guardas vampiro. Eles não a estavam segurando, eles nunca se atreveriam, mas eles a acompanhava de perto, e a mensagem era clara.

Ela ainda era um deles, mas estava em prisão domiciliar, pelo menos até que ela tivesse esse encontro com Rexius. Ele a havia convocado com soldado, mas também a convocava como prisioneira.

As portas batem atrás dela com um estrondo, e ela percebe que os enormes aposentos estão lotados. Ela não via tamanho comparecimento há anos. Havia centenas de seus colegas vampiros no quarto. É claro que todos queriam ver, para saber as novidades, o que tinha acontecido com a Espada. Como ela a havia deixado escapar.

Acima de tudo, eles provavelmente queriam vê-la punida. Eles sabiam que Rexius era um líder implacável, e que mesmo o menor erro exigia punição. Uma transgressão desta magnitude exigiria uma punição memorável.

Samantha estava ciente disso. Ela não estava tentando escapar de seu destino. Ela havia aceitado uma missão, e tinha falhado. A espada tinha sido encontrada, claro, mas a verdade é que ela também a havia perdido. Ela havia permitido que Kyle e Sergei a roubassem bem debaixo de seu nariz.

Tudo teria sido perfeito. Ela claramente se lembrava da espada, jogada lá, no chão da King's Chapel, no corredor, a poucos metros

de seu alcance. Ela estava a apenas alguns segundos de possuí-la, de concluir sua missão, de se tornar a heroína de seu coven.

E então Kyle e aquele seu terrível companheiro, Sergei, tinham aparecido, derrubando-a e tirando a Espada de seu alcance. Era muita injustiça. Como ela poderia ter previsto algo assim? E agora, o que era ela? A vilã. Aquela que havia deixado a Espada escapar. A que tinha falhado na missão. Ah, sim, seu castigo seria terrível. Ela tinha certeza disso.

Tudo o que ela queria agora era que Sam estivesse a salvo. Ele tinha sido nocauteado, inconsciente, e ela tinha levado ele para longe, carregando-o todo o caminho de volta até ali. Ela queria que ele estivesse por perto. Ela não estava pronta para deixá-lo partir, e não sabia onde mais poderia levá-lo. Ela havia entrado sorrateiramente, e guardado ele com segurança, no subsolo, em uma sala vazia do seu coven. Ninguém a tinha visto, pelo menos que ela soubesse. Ele estaria em segurança ali, longe dos olhares curiosos destes vampiros. Ela apresentaria um relatório para Rexius, sofreria seu castigo, e, posteriormente, iria esperar até o dia amanhecer, quando todos estivessem dormindo, e fugiria com Sam.

Naturalmente, ela não poderia simplesmente fugir sem mais nem menos. Ela teria que se reportar primeiro, para sofrer seu castigo, ou então seu coven a caçaria, e ela teria que viver como uma fugitiva pelo resto de sua vida. Uma vez que ela tivesse sido punida, ninguém os perseguiria. Então, ela poderia levar Sam, e eles fugiriam para longe dali, e se estabeleceriam em algum lugar. Apenas os dois.

Ela não imaginava que o rapaz, Sam, afetaria seus sentimentos dessa forma. Quando ela pensava em suas prioridades agora, pensava nele em primeiro lugar. Ela queria estar com ele. Ela precisava estar com ele. De fato, por mais loucura que fosse, ela sentia que não poderia mais viver sem ele. E ficou furiosa consigo

mesma. Ela não sabia como havia deixado as coisas chegarem a este ponto. Uma paixão com um adolescente.

Ainda pior, um humano. Ela se odiava por isso. Mas as coisas eram como deveriam ser. Seria uma perda de tempo tentar mudar a maneira como ela se sentia. Este pensamento lhe deu forças, enquanto lentamente se aproximava do trono de Rexius, preparando-se para sua sentença. Ela seria sujeitada a uma dor indescritível, sabia disso, mas a ideia de Sam a manteria forte durante toda sua provação. Ela teria algo para que voltar. E Sam estaria protegido, poupado de tudo isto. Era isso que tornava tudo suportável.

Mas ele a amaria depois que tivesse sofrido seu castigo? Se ela conhecia Rexius, ele lhe reservaria o tratamento com ácido iórico, marcando seu rosto da pior maneira que conseguisse. Era possível que ela perdesse a melhor parte da sua aparência depois disso. Será que Sam ainda a amaria? Ela esperava que sim.

Um silêncio descende sobre os aposentos, à medida que centenas de vampiros se aproximam ansiosos para presenciar o encontro. Samantha dá vários passos em direção a Rexius e ajoelhando-se, curvando sua cabeça.

Rexius, a poucos metros, a encara do alto de seu trono, com seus olhos azuis severos praticamente a perfurando. A sensação é de que ela a olha por vários minutos, embora Samantha saiba ter sido provavelmente apenas por alguns segundos. Ela mantém sua cabeça inclinada. Samantha sabe que é melhor não olhar seus olhos.

"Então," começa Rexius, sua voz grave cortando o ar, "o bom filho a casa torna."

Vários minutos de silêncio se seguem, enquanto ele estuda Samantha. Ela sabe que é melhor não tentar se explicar de maneira alguma. Ela apenas mantém sua cabeça curvada.

"Eu lhe enviei em uma missão muito simples," continua ele, "após os fracassos de Kyle, eu precisava de alguém em quem eu pudesse confiar. O meu soldado mais valioso. Você nunca tinha me decepcionado antes, não em milhares de anos", diz ele, encarando-a, "mas, agora, em uma simples missão, você conseguiu de alguma forma falhar. E falhou miseravelmente.". Samantha abaixa sua cabeça novamente. "Mas então, me diga exatamente o que aconteceu com a Espada. Onde é que ela está?".

"Meu mestre," começa ela lentamente, "Eu rastreei a garota. Caitlin. E o Caleb. Eu os encontrei. E eu achei a Espada. Eu até mesmo fiz com que Caitlin a soltasse. Ela estava no chão, a poucos metros do meu alcance. Em poucos segundos, ela certamente estaria em minhas mãos, para que eu pudesse trazê-la de volta para você.". Samantha engole a seco. "Eu não poderia ter previsto o que aconteceu em seguida. Fui surpreendida, atacada por Kyle". Sussurros se alastram por todo o quarto lotado de vampiros. "Antes que eu pudesse pegar a espada," ela continua, "Kyle já a havia pegado. Ele fugiu da igreja, e que não havia nada que eu pudesse fazer. Eu tentei encontrá-lo, mas ele já estava muito longe. A Espada está agora em sua posse."

Um murmúrio ainda mais alto espalha-se por todo o quarto.

A ansiedade no quarto é palpável.

"SILÊNCIO!" grita uma voz.

Lentamente, o silêncio toma conta do ambiente.

"Então," começa Rexius, "depois de tudo isso, você deixa que Kyle lhe tome a Espada. Você praticamente a entrega a ele."

Samantha sabe que é melhor não discutir, mas não consegue conter-se. Ela tem de dizer alguma coisa em sua defesa.

"Meu mestre, não havia nada que eu pudesse fazer".

Rex a interrompe simplesmente balançando a cabeça. Ela teme esse gesto. Significa que coisas ruins aconteceriam em seguida.

"Graças a você, agora devo me preparar para duas guerras. Esta patética guerra com os humanos, e agora uma guerra com Kyle."

Um silêncio pesado recai sobre o quarto, e Samantha sente que sua punição é iminente. Ela está pronta para aceitá-la. Ela se prende rapidamente à lembrança da imagem de Sam, e ao fato de que eles absolutamente não poderiam matá-la. Eles nunca conseguiriam fazer isso.

Haveria uma vida após esta, algum tipo de vida, e Sam faria parte dela.

"Eu tenho um castigo muito especial reservado para você: EU, diz Rexius lentamente, abrindo lentamente um sorriso.

Samantha ouve as grandes portas duplas abrirem atrás dela, e se vira para ver. Seu coração se aperta.

Sendo arrastado por dois vampiros, acorrentado pelos pés e mãos, está Sam.

Eles o haviam encontrado. Ele está amordaçado, e por mais que se contorça e tente fazer barulho, ele não consegue. Seus olhos se arregalam em estado de choque e medo. Eles o arrastam para um lado da sala, chacoalhando suas correntes, e o seguram com força, obrigando-o a assistir.

"Parece que você não perdeu apenas a Espada, mas também desenvolveu afeto por um ser humano, apesar de todas as regras da nossa corrida", fala Rexius. "O seu castigo Samantha, será ver sofrer aquilo que você mais valoriza. Vejo que o que é mais importante para você não é seu próprio bem estar. É este garoto. Este patético, jovem rapaz humano. Muito bem," diz ele, encostando mais

perto, com um sorriso nos lábios. "Então é assim que você será punida. Vamos submeter esse garoto a dores terríveis."

O coração de Samantha bate acelerado dentro de seu peito. Isso é algo que ela não havia previsto, uma coisa que ela não pode permitir que aconteça, custe o que custar.

Ela entra em ação, saltando na direção dos servos de Sam. Ela consegue chegar até um deles, chutando-o com força no peito. Ele é arremessado para trás.

Mas antes que ela possa atacar o outro, vários vampiros partem para cima dela, pegando ela, imobilizando-a. Ela luta com todas suas forças, mas há muitos deles, e ela não tem a mesma força que todos aqueles vampiros juntos.

Ela assiste impotente enquanto vários vampiros arrastam Sam pra frente, em direção ao centro da sala. Eles o posicionam no local, o local exato reservado para aqueles submetidos ao tratamento com ácido iórico. Em um vampiro, o castigo seria indescritivelmente doloroso. Ele marcava para toda a vida.

Em um ser humano, no entanto, a dor seria incalculável, e o castigo significaria uma morte certa e horrível. Eles estavam levando Sam para sua execução. E a estavam forçando a assistir.

Com um sorriso ainda mais amplo, Rexius acompanha enquanto Sam é acorrentado ao local. Com o consentimento de Rexius, um dos servos remove a mordaca de sua boca. Sam imediatamente procura por Samantha, com medo em seus olhos.

"Samantha!" ele grita, "Por favor! Salve-me!".

Samantha não consegue evitar, e cai no choro.

Não há nada, absolutamente nada que ela possa fazer.

Seis vampiros entram empurrando um enorme caldeirão de ferro borbulhante, colocado em cima de uma escada. Eles a posicionam corretamente, bem acima da cabeça de Sam.

Sam olha para cima.

E a última coisa que ele vê é o líquido que sai do caldeirão, borbulhante e chiando, em direção ao seu rosto.

# QUATRO

*Caitlin esta correndo. O campo de flores alcança sua cintura, e enquanto ela corre, abre um caminho entre elas. O sol, vermelho-sangue, assemelha-se a uma enorme bola no horizonte.*

*Em pé de costas para o sol, bem no horizonte, está seu pai. Ou, pelo menos, a sua silhueta. Seus traços estão irreconhecíveis, mas ela sabe que é ele.*

*Enquanto ela corre, desesperada para finalmente vê-lo, abraçá-lo, o sol se esconde rapidamente, rápido até demais. Tudo acontece muito rápido, e dentro de poucos segundos, o sol desaparece completamente.*

*Ela se vê correndo através do campo no meio da noite. Seu pai ainda está lá, esperando por ela. Ela sente que ele gostaria que ela a corresse mais rápido, que ele gostaria de abraçá-la. Mas suas pernas não conseguem correr tão rápido, e não importa o quanto ela corra, ele parece apenas distanciar-se ainda mais.*

*Enquanto ela corre, uma lua surge de repente no horizonte - uma enorme lua vermelho-sangue, que preenche todo o céu. Caitlin pode enxergar todos os detalhes dela, os vales, as crateras. É tudo muito claro. O pai permanece em pé, uma silhueta contra a lua, e enquanto ela tenta correr mais rápido, é como se ela estivesse em direção à própria lua.*

*Mas não está dando certo. De repente, suas pernas e pés não estão mais se movendo. Ela olha para baixo, e vê que as flores estão torcidas em torno das suas pernas e tornozelos, e estão*

*se transformando em videiras. Elas estão tão grossas e fortes, que logo ela não pode mais movê-las.*

*Enquanto ela assiste, uma enorme cobra rasteja em sua direção através do campo. Ela tenta lutar, tenta fugir, mas está impotente. Tudo o que pode fazer é assistir enquanto ela se aproxima.*

*Conforme ela chega mais perto, a cobra salta no ar, investindo contra sua garganta. Ela vira, gritando, e sente suas longas presas atravessarem a sua garganta. A dor é insuportável.*

Caitlin acorda sobressaltada, sentando-se na cama com a respiração ofegante. Ela alcança sua garganta, e sente duas pequenas cicatrizes. Por um momento, ela confunde sonho com realidade, vasculhando seu quarto atrás de uma serpente.

Não há nada.

Ela esfrega a garganta. A ferida ainda dói, mas não tanto quanto no sonho. Ela respira profundamente.

Caitlin está suando frio, seu coração ainda acelerado. Ela enxuga o rosto massageando as têmporas, e sente seu cabelo molhado e gelado, pregado em seu corpo. Quanto tempo tinha se passado desde a última vez que havia tomado banho? Lavado seu cabelo? Ela não consegue se lembrar. Por quanto tempo ela tinha ficado deitada ali? E onde, exatamente, ela estava? Caitlin olha tudo ao seu redor.

É o mesmo lugar que ela havia visto antes - seria em um sonho, ou ela já tinha estado ali, acordada, em algum momento do passado? O quarto era inteiramente feito de pedra, e tinha uma janela alta e arqueada através da qual era possível ver o céu, e a enorme lua cheia com sua luz iluminando o local.

Ela se senta na beira da cama esfregando a testa, esforçando-se para lembrar. Ao se movimentar, ela é tomada por uma terrível dor

no lado direito de seu corpo. Procurando a origem da dor, seus dedos tocam uma ferida em cicatrização. Ela tenta se lembrar de onde havia se ferido. Será que alguém a tinha atacado?

Caitlin tenta se concentrar e, devagar, os detalhes do que havia acontecido ressurgem. Boston. A Freedom Trail. King's Chapel. A Espada. Então... sendo atacada. Em depois,... Caleb. Ele estava lá, olhando para ela. Percebendo que estava perdendo os sentidos, ela tinha lhe pedido. *Me transforme*, havia implorado.

\*\*\*

Caitlin leva as mãos ao pescoço, sentindo as duas marcas no lado da garganta, e tem certeza que ele a tinha atendido.

Isso explicava tudo. Caitlin se levanta assustada com essa realização. Ela havia sido transformada. E tinha sido levada a algum lugar, provavelmente para se recuperar, e provavelmente sob o olhar vigilante Caleb. Ela mexe os braços e as pernas, virando o pescoço, testando seu corpo...

Ela está diferente, disso ela tem certeza. Ela não se sente mais como ela mesma. Ela sente uma força incalculável cursando todo seu ser. Um desejo de correr, sair em disparada, passando através de paredes, para saltar no ar. Ela também sente outra coisa: duas pequenas protuberâncias nas costas, acima das omoplatas. Bem sutis, mas ela sabia que elas estavam lá. Asas. Caitlin sabe, ela pode sentir que se quisesse voar, elas se abririam para ela.

E fica inebriada por sua recém-adquirida força. Ela quer desesperadamente testá-la. Ela sente-se tão presa, ela não tem a menor ideia de quanto tempo tinha ficado ali, e quer ver como será esta nova vida. Ela também sente outra coisa totalmente nova: certo sentimento de imprudência.

Uma sensação de que ela não pode morrer. De que pode cometer erros estúpidos, a sensação de que tem infinitas vidas com que

brincar. Ela quer ir até o limite das coisas.

Caitlin se vira e olha para fora da janela, para a noite lá fora. A janela tinha o formato de um grande arco, sem vidro, e era exposta aos elementos. O tipo de coisa que se esperaria encontrar em um convento antigo.

A Caitlin humana de antes teria hesitado, perderia tempo pensando sobre o que ela estava prestes a fazer, e ficaria duvidando de si mesma. Mas a nova Caitlin não sente a menor hesitação.

Praticamente um segundo depois de ter pensado, ela sai em disparada, na direção da janela.

Com apenas alguns poucos passos, Caitlin salta no parapeito da janela e mergulha no ar. Alguma parte dela, algum instinto, lhe dizia que uma vez que estivesse suspensa no ar, suas asas brotariam. Se estivesse errada, significaria uma grande queda, centenas de metros, até o chão. Mas a nova Caitlin não acha que jamais pudesse estar errada.

E não estava. Enquanto Caitlin salta em direção à noite escura, suas asas brotam de suas costas, e ela sente a excitante emoção de voar, deslizando pelo ar. Ela se espanta com o comprimento e amplitude das suas asas, alegre em sentir o ar fresco da noite em seu rosto, cabelo e corpo. É noite, mas a lua está tão cheia e tão grande, que ilumina a noite quase como se fosse dia.

Caitlin olha para baixo e tem uma visão ampla do lugar. Ela havia pressentido água, e tinha estado certa. Estava em uma ilha. Em torno dela, em todas as direções, havia um enorme e belo rio, suas águas muito calmas, iluminadas pelo luar.

Era o maior rio que ela já tinha visto. E lá, no meio dele, estava a pequena ilha onde ela havia dormido. Era uma ilha pequena, com pouco mais de alguns hectares, com um lado dominado por um

castelo escocês destruído, meio em ruínas. O resto da ilha era totalmente tomado por uma densa floresta.

Caitlin voa no ar, voando para cima e para baixo nas correntes de ar, com giros, piruetas e mergulhos, e circula a ilha mais uma vez. O castelo era enorme e magnífico. Algumas partes estavam caindo aos pedaços, mas outras partes, escondidas da vista exterior, dentro dele, estavam perfeitamente intactas. Havia pátios internos e pátios externos, muralhas, torres, escadarias sinuosas, e muitos hectares de jardins. Era grande o suficiente para esconder um pequeno exército.

Enquanto mergulha, ela vê que o interior do castelo está iluminado com tochas. E aquelas não eram pessoas dando mole por ali. Vampiros? Seus sentidos lhe dizem que sim. A sua própria espécie. Eles estavam andando pra lá e pra cá, interagindo uns com os outros. Alguns deles estavam treinando, lutando com espadas, jogando. A ilha estava borbulhando de atividades. Quem eram aquelas pessoas? Por que estavam ali? Eles a tinham acolhido?

Quando Caitlin termina sua volta, ela vê o quarto de onde havia saltado. Ela estava ficando no topo da torre mais alta, que se abria para um enorme terraço, um grande espaço aberto. Nele, está um único, solitário vampiro. Caitlin não precisa voar mais perto para saber quem é aquele vampiro. Ela já sabe, bem dentro do seu coração e da sua alma. O sangue dele agora corre em suas veias, e ela o ama do fundo de seu coração. E agora que ele a havia transformado, ela o amava com algo ainda maior que amor. Ela sabia, mesmo à distância, que a figura solitária andando em frente ao seu quarto era Caleb.

O coração dela dispara ao vê-lo. Ele está aqui. Ele está bem aqui. Parado ali, esperando, do lado de fora do quarto dela. Ele devia estar esperando ela se recuperar. Durante todo este tempo. Quem poderia dizer quanto tempo havia passado? Ele nunca tinha saído do seu lado. Mesmo com tudo que tinha acontecido, tudo o que estava

acontecendo agora. Ela o amava ainda mais do que era possível. E agora, eles ficariam juntos por toda a eternidade.

Lá está ele, encostado ao longo das muralhas, olhando para o rio, com um olhar preocupado e triste.

Caitlin mergulha na direção dele, na esperança de surpreendê-lo, de impressioná-lo com sua recém-descoberta habilidade.

Caleb olha para cima, chocado, e seu rosto se ilumina de alegria.

Mas quando Caitlin se aproxima para a aterrissagem, de repente algo dá errado. Ele se sente perdendo o equilíbrio, perdendo a coordenação. Ela sente como se tivesse se aproximado rápido demais, e não conseguisse corrigir a tempo. Passando por cima da muralha, ela raspa o joelho e cai no chão de mau jeito, rolando na pedra.

"Caitlin?" Caleb grita, correndo em direção a ela.

Caitlin está deitada na pedra dura, sentindo uma nova dor, que lhe sobe pela perna. Ela está bem. Se tivesse sido a antiga Caitlin, uma simples humana, ela teria quebrado vários ossos. Mas como a nova Caitlin, ela sabe que logo estará de pé, recuperada rapidamente, em poucos minutos, provavelmente. Mas agora ela está constrangida.

Ela pretendia surpreender e impressionar Caleb.

E agora ela parecia mais uma idiota.

"Caitlin?" ele pergunta novamente, ajoelhando-se ao lado dela, colocando a mão em seu ombro. "Você está bem?"

Ela olha para ele, sorrindo sem graça.

"Belo jeito de te impressionar," ela diz, se sentindo uma boba.

Ele passa a mão ao longo do lado da perna dela, verificando o seu prejuízo.

"Eu não sou mais humana," ela fala, "você não tem que se preocupar comigo."

Ela imediatamente se arrepende de ter falado, e do seu tom. Tinha soado como uma acusação, quase como se ela lamentasse ter sido transformada. E ela não tinha tido a intenção de parecer tão dura. Pelo contrário, ela adorava o toque dele, adorava o fato de que ele ainda era tão protetor. Ela queria agradecer-lhe, dizer tudo isto para ele e muito mais, mas como sempre, ela tinha estragado tudo, e dito exatamente a coisa errada na hora errada.

Que terrível primeira impressão como a nova Caitlin. Ela ainda não sabia manter a boca fechada. Obviamente algumas coisas nunca mudam, mesmo com a imortalidade.

Ela se senta, e está prestes a colocar a mão no ombro dele e pedir desculpas, quando, subitamente, ouve um barulho choroso e sente uma nuvem fofa em seu rosto. Ela se inclina para trás, e percebe o que é. Rose. Seu filhote de lobo Rose salta em seus braços. Rose geme de felicidade, lambendo todo o rosto de Caitlin. Ela não consegue se segurar e cai na gargalhada. Ela dá um abraço em Rose, e puxando-a para trás, observa ela. Ainda um filhote, Rose parecia ter crescido, e estava maior do que Caitlin se lembrava. Caitlin reflete, e se lembra da última vez que tinha visto Rose, na King's Chapel, deitada no chão, sangrando, baleada por Samantha. Ela tinha certeza que Rose estava morta.

"Ela conseguiu se recuperar", diz Caleb lendo sua mente, como sempre, "Ela é forte. Como a mãe," ele acrescenta com um sorriso.

Caleb deve ter cuidado dos dois durante todo este tempo.

"Quanto tempo eu fiquei inconsciente?", Caitlin pergunta.

"Uma semana", responde Caleb.

*Uma semana, ela pensa. Incrível.*

Ela sentia como se tivessem sido anos. Ela sentia como se tivesse morrido e voltado à vida, mas com uma nova forma. Ela se sentia revigorada, prestes a começar a vida novamente de ficha limpa.

Mas quando se lembrava de todos os acontecimentos que estavam transcorrendo, ela percebia que a passagem de uma semana também significava uma eternidade. Eles tinham roubado a Espada. E seu irmão, Sam, tinha sido raptado.

Uma semana inteira tinha se passado. Por que razão Caleb não tinha ido atrás deles? Cada minuto contava.

Caleb se levanta, e Caitlin também. Ela fica na frente dele, olhando em seus olhos. O coração dela começa a bater. Ela não sabia o que fazer. Qual seria o protocolo, o costume, agora que ambos eram verdadeiros vampiros? Agora que ele havia sido o responsável pela transformação dela? Eles estavam juntos? Será que ele a amava da mesma forma, agora que ela pertencia à raça dele? Agora que eles ficariam juntos para sempre?

Ela se sente ainda mais nervosa, como houvesse mais em jogo, do que nunca antes.

Ela alcança sua mão e toca gentilmente o rosto dele.

Ele olha nos olhos dela, e os olhos dele brilham no luar.

"Obrigada", ela diz, suavemente.

Ela quer falar, *eu amo você*, mas as palavras não saem. Ela quer perguntar: *Você vai ficar comigo para sempre? Você ainda me ama?*

Mas apesar de tudo, apesar de todos os seus novos poderes, ela não tem coragem de dizer isso.

Ela poderia ter pelo menos dito: *obrigada por me salvar* - ou, *obrigada por cuidar de mim*, ou *Obrigada por estar aqui*. Ela sabe o quanto ele tinha sacrificado para estar ali, o quanto ele tinha sacrificado. Mas tudo o que ela consegue dizer é: *Obrigada*.

Ele sorri devagar, e com uma das mãos cuidadosamente tira o cabelo da frente do rosto dela, colocando-o atrás da orelha. Então, ele passa a mão, tão suavemente sobre seu rosto, estudando-a.

Ela tenta imaginar o que ele está pensando. Ele estaria prestes a manifestar o seu amor eterno por ela? Será que ele iria beijá-la?

Ela sente que ele está prestes a isso e, de repente, fica nervosa. Nervosa ao imaginar como sua nova vida seria. Nervosa em pensar no que aconteceria se não desse certo. Então em vez de aproveitar o momento, ela simplesmente estraga tudo, abrindo sua boca larga quando tudo que queria fazer era mantê-la fechada.

"O que aconteceu com a Espada?" ela pergunta.

A expressão no rosto dele muda completamente.

Ela se transforma em uma expressão de amor, de paixão, em uma expressão de medo preocupante.

Ela vê tudo isso instantaneamente, como uma nuvem escura que atravessa um céu de verão.

Ele se vira e dá vários passos em direção à borda da muralha de pedra, de costas para ela, e observa o rio ao longe.

*Você é uma idiota*, ela pensa consigo mesma.

*Por que você foi abrir a boca? Por que razão não podia simplesmente deixar que ele te beijasse?*

Ela se preocupava com a espada, isso era verdade, mas nem de longe tanto quanto se preocupava com ele. Com *eles*, como um casal.

Mas ela tinha estragado o momento.

"Receio que a Espada tenha desaparecido", diz Caleb suavemente de costas para ela, olhando o horizonte. "Ela foi roubada de nós. Por Samantha, em seguida, por Kyle. Eles nos pegaram de surpresa. Eu não previa a presença deles ali. Eu deveria pensando nisso."

Caitlin se dirige até ele e, em pé ao seu lado, suavemente coloca a mão em seu ombro. Ela espera que talvez consiga mudar o clima novamente.

"O seu pessoal está bem?" ela pergunta.

Ele se vira e olha para ela, ainda mais inquieto do que antes.

"Não," ele responde calmamente. "O meu coven está em grave perigo. E cada minuto que fico longe, o perigo aumenta."

Caitlin pensa.

"Então, por que você ainda não foi até eles?" ela questiona.

Mas ela já sabe a resposta, antes mesmo que ele a diga.

"Eu não podia te deixar," diz ele. "Eu tinha que me certificar que você estava bem".

*Será que isso era tudo?* Caitlin pensa. Será que ele só se preocupava em ver se estava tudo bem com ela? E assim que tivesse certeza, simplesmente iria embora?

Por um lado, Caitlin sentia um impulso de amor por ele, sabendo de tudo que ele havia sacrificado.

Mas, por outro lado, ela se perguntava se ele apenas se preocupava com seu bem-estar físico. E não com eles como um casal.

"Bem..." Caitlin começa, "agora que você está vendo que está tudo bem comigo... você pensa em ir embora?"

Não tinha saído como ela esperava. O que havia de errado com ela? Por que ela não conseguia ser mais amável, mais gentil, como ele tinha sido?

Com certeza não era isso que ela queria. As palavras simplesmente saíam assim. O que ela queria dizer era, *Por favor, não me deixe nunca.*

"Caitlin," ele começa suavemente, "preciso que você entenda. Minha família, meu povo, o meu coven - estão todos em grave perigo. A Espada está lá fora, e está nas mãos erradas. Eu preciso voltar para eles. Eu preciso salvá-los. Na verdade, eu deveria ter saído há mais de uma semana... e agora que estou vendo que você se recuperou, bem... não é que *queira* deixar você. É que eu preciso salvar minha família," ele fala suavemente.

"Eu poderia ir com você," Caitlin responde, com esperança. "Eu poderia ajudar".

"Você não está totalmente recuperada", ele diz.

"A aterrissagem forçada não foi um acidente. Todos os vampiros levam algum tempo para desenvolver completamente seus próprios poderes. E no seu caso, você também teve um ferimento horrível feito pela Espada. Que pode levar dias ou semanas para cicatrizar. Se você viesse, poderia se machucar. O campo de batalha não é lugar para você agora. Eles vão treinar você aqui. É por isso que eu te trouxe."

Caleb se vira e atravessa o terraço, conduzindo-a, e eles observam o pátio abaixo.

Lá, bem lá embaixo, dezenas de vampiros iluminados pela luz das tochas, lutam e duelam uns com os outros.

"Esta pequena ilha abriga um dos melhores covens existentes", diz Caleb. "Eles concordaram em abrigá-la. Eles vão ensinar você. Eles vão treiná-la. Torná-la mais forte. E então, quando seus poderes estiverem completamente desenvolvidos, quando você estiver totalmente curada, será uma honra lutar com você ao meu lado. Até então, receio que não possa permitir que você vá. A guerra que estou prestes a lutar será muito perigosa. Mesmo para um vampiro."

Caitlin franze a testa. Ela temia que ele dissesse algo assim.

"Mas o que acontece se você não voltar?" ela pergunta.

"Se eu estiver vivo, vou voltar para você. Eu prometo."

"Mas e se você não viver?" Caitlin pergunta, quase com medo de pronunciar as palavras.

Caleb se vira e olhando o horizonte, respira profundamente. Ele olha as nuvens, e não diz uma palavra.

Essa é a chance que Caitlin esperava. Ela quer desesperadamente mudar de assunto. Ele estava determinado a partir, ela podia ver, e nada poderia impedi-lo. E era evidente que ele não poderia levá-la. Sentindo uma onda de cansaço, ela se dá conta que ele estava certo: ela não está pronta para a luta. Ela precisava se recuperar.

Ela não quer perder mais tempo tentando impedi-lo. E também não quer mais falar sobre vampiros, guerras ou Espadas. Ela quer usar o precioso tempo que lhes resta para falar sobre eles.

Caitlin e Caleb. Eles, como um casal. O futuro deles. Sobre o amor que sentem um pelo outro.

Seu compromisso. Em que ponto, exatamente, eles se encontravam no relacionamento?

Mais importante, ela pensa, durante todo o tempo que passaram juntos, desde que ela o havia conhecido pela primeira vez, ela nunca havia lhe dado o devido valor. Ela nunca tinha parado, por um instante que fosse para olhar em seus olhos e lhe dizer exatamente o quanto era intenso seu sentimento por ele. Ela era uma mulher agora, e sentia que já estava na hora de assumir suas responsabilidades e agir com maturidade, de agir como mulher. De dizer o que ela realmente sentia por ele. Ela precisava que ele soubesse disso.

Talvez ele intuísse, sentisse o quanto ela gostava dele, mas ela nunca havia realmente pronunciado as palavras. *Caleb, eu amo você. Eu amo você desde o momento em te conheci. Eu vou amar você para sempre.*

O coração de Caitlin bate acelerado, mais apavorado com isso do que jamais havia estado.

Tremendo, ela estende a mão e gentilmente acaricia o rosto dele.

Ele se vira lentamente para ela.

Ela está pronta, finalmente, para lhe contar o que sente.

Mas, ao tentar lhe dizer, as palavras travam em sua boca.

Ao mesmo tempo, ele a observa com um olhar preocupado, e abre a boca para falar.

“Caitlin há algo que eu preciso lhe dizer...” ele começa.

Mas ele não tem a chance de terminar a frase.

De repente o som de uma porta se abrindo é ouvido, e imediatamente Caitlin pressente que os dois já não estão sozinhos.

Ambos se viram em direção ao barulho, e olham para ver quem se aproxima.

É uma pessoa. Um vampiro. Uma criatura incrivelmente bela, mais alta, mais magra, com melhores proporções do que Caitlin. Cabelos ruivos, compridos e esvoaçantes e brilhantes olhos verdes.

Quando Caitlin percebe quem é, seu coração se parte. Não. Não podia ser.

Era ela. Sera. A ex-mulher de Caleb. Caitlin a havia conhecido apenas uma vez, de forma breve, nos Claustros. Mas ela nunca a tinha esquecido.

Sera caminha em direção a eles com a elegância de uma criatura que já estava neste planeta há milhares de anos. Confiante. Sem diminuir o ritmo, com os olhos grudados em Caitlin durante todo o tempo, ela se dirige até o lado de Caleb.

Ela envolve uma única, pálida e bela mão, lentamente, ao redor de Caleb. Ela dirige a Caitlin um olhar de total desprezo.

"Caleb?" ela diz suavemente, com um sinistro sorriso no rosto, "Você não contou a ela sobre nós?".

E com aquelas poucas palavras, Caitlin sente como se uma faca tivesse sido enfiada em seu coração.

## CINCO

Samantha assiste com horror enquanto o caldeirão se inclina na direção do rosto de Sam.

Ela tenta com todas as suas forças, mas não há nada que ela possa fazer para se livrar de seus captosres. Ela está indefesa. Ela seria obrigada a ficar ali e presenciar a destruição da pessoa que ela tinha aprendido a amar.

Enquanto o líquido é derramado sobre Sam, Samantha se concentra, à espera de escutar os terríveis gritos que frequentemente acompanhavam o tratamento com ácido iórico.

Mas enquanto Sam se perde completamente embaixo de uma cachoeira de ácido, não se ouvia, estranhamente, qualquer ruído.

O ácido teria matado ele tão rapidamente, tão completamente, que ele não havia tido sequer uma oportunidade de gritar? Quando o líquido acaba, é possível ver Sam.

E Samantha fica realmente chocada. Assim como todos os outros vampiros no quarto.

Ele está bem. Sam pisca os olhos enquanto olha tudo a seu redor, obviamente sem sentir dor alguma. Ele até parece um pouco desafiador.

É incrível. Samantha nunca tinha visto nada parecido, nunca tinha visto ninguém, humano ou vampiro, que fosse imune ao líquido. Quer dizer, ninguém, exceto uma pessoa. Agora ela se lembrava. Caitlin. A irmã dele. Ela tinha sido imune, também. O que isso poderia dizer? Talvez por que eram geneticamente ligados? Ela considera novamente o relógio dele, a dedicatória. *A rosa e o Espinho*. Seria a dinastia dividida entre eles? Será possível que ela não era A Escolhida? Mas que ele era?

Caitlin era alguns anos mais velha que o Sam, e talvez tivesse demonstrado sinais de amadurecimento mais cedo do que ele. É possível, que se tivessem esperado alguns anos, Sam também mostrasse sinais de transmutação em mestiço da raça vampira.

Independente do motivo, ele era claramente imune. O que o tornava muito, muito poderoso. E muito perigoso para o coven dela.

Samantha olha ao redor, e naquele quarto com centenas de vampiros, não havia um único som.

Todos eles apenas encaravam, em estado de choque.

Sam parece irritado. Ele estica os braços, arrastando suas correntes, e enxuga a água de seu rosto. Ele força as correntes, mas não consegue se libertar.

"Alguém pode me tirar dessa droga de corrente?" ele grita.

E é então que tudo acontece.

De repente, há um estrondo na porta.

Samantha se vira, e vê quando as enormes portas duplas vêm abaixo.

Ela não pode acreditar. Lá está Kyle, com metade do rosto desfigurado, Sergei ao seu lado, e centenas de vampiros mercenários atrás dele.

E isso não é tudo. Kyle está com ela. Está segurando ela. A Espada.

Kyle emite um grito horrível e avança impetuosamente, para dentro da sala. Seus apoiadores o seguem prontamente, gritando, alvoroçados. E o caos toma conta do local.

Vampiro contra vampiro, enquanto Kyle e seus homens viciosamente atacam todos que encontram à sua frente. Mas o Coven Blacktide

estava em guerra há milhares de anos, e não se deixaria vencer com facilidade. Os vampiros de Rexius lutam com igual determinação.

É uma verdadeira batalha, frente a frente, vampiro contra vampiro. E ninguém estava recuando um passo sequer.

Mas Kyle, sozinho, consegue progressos incríveis. Empunhando a Espada com as duas mãos, ele desfere golpes dos dois lados. Onde quer que ele vá, vampiros são abatidos. Braços, pernas, cabeças... Kyle é um exército de um homem só. Ele abre um caminho através da multidão de milhares de vampiros, assassinando cada um deles.

Samantha está horrorizada. Em seus milhares de anos, ela nunca tinha visto um vampiro sendo assassinado, de fato e realmente, morto. Ela nunca tinha imaginado um vampiro como sendo frágil.

Esta Espada era inspiradora. E muito, muito fatal.

Samantha não espera nem mais um segundo. Quando um vampiro a ataca, gritando, com suas afiadas presas sangrentas na direção de seu rosto, ela rapidamente se abaixa, deixe que ele voe sobre ela, e, em seguida, sai em disparada.

Ela atravessa toda a sala, indo na direção de Sam.

Bem a tempo. Um vampiro perdido tinha tido a mesma ideia, e já se dirigiu até o garoto amarrado e assustado. O vampiro pula sob Sam, seus dentes longos, visando sua garganta. Ele é como um cordeiro amarrado em uma sala cheia de leões.

Samantha o alcança bem na hora. Ela salta, colidindo com o vampiro em pleno ar e derrubando-o no chão. Antes que ele possa se levantar, Samantha dá um tapa nele, nocauteando o vampiro.

Ela fica em pé e rompe as correntes de Sam.

Enquanto ela o liberta, ele olha tudo ao redor, sem acreditar, como se estivesse assistindo a um fantástico pesadelo na vida real.

"Samantha", diz ele, "o que diabos está acontecendo...".

"Agora não", responde Samantha, enquanto arrebenta a última de suas correntes, e ela o agarra pelo braço, e o sacode, conduzindo-o pelo caos.

Ela se encaminha para a saída.

Enquanto isso, outro vampiro salta bem no rumo deles, com suas presas expostas.

Samantha agarra Sam e o joga no chão, esquivando-se, e o vampiro pula direto acima de suas cabeças.

Ela rapidamente fica em pé de novo, levantando Sam e correndo pelo quarto. Eles conseguem se esquivar e desviar, com ela conduzindo-os durante todo o tempo. Ela sabia que, se conseguissem ao menos chegar até a porta, havia um corredor, uma escada traseira que poderia levá-los até a rua.

Uma vez lá fora, ela poderia levá-los para longe, bem dali.

Com toda a bagunça, ninguém nota os dois correndo. Ela está quase para fora da porta, a poucos metros de distância.

E, então, quando ela está prestes a sair, ela sente a pressão em suas costas, pode sentir que está caindo, batendo no chão. Ela tinha sido atacada pelas costas.

Ela vira para ver quem tinha sido. Sergei.

Aquele execrável russo, companheiro de Kyle. O que tinha roubado a Espada de sua mão.

Ele sorri para ela, um sorriso terrivelmente cruel, e ela o odeia com mais forças do que antes.

E Sam, para seu próprio crédito, não demonstra medo. Ainda acorrentado, ele salta sobre as costas de Sergei, usando suas correntes, enrolando-as ao redor da garganta de Sergei. O rapaz é forte. Ele consegue apertar o suficiente para fazer com que Sergei soltasse Samantha, e ela aproveita a oportunidade para fugir de debaixo dele.

Mas Sam não é páreo para um vampiro, apesar de tudo. Sergei fica em pé, rosnando, e tira Sam de cima dele como se ele fosse uma boneca de pano. Sam vai parar há metros de distância, batendo contra a parede.

À medida que Samantha tenta se levantar, é assaltada por mais uma dúzia de vampiros. Ela nota que Sam também está cercado. Eles estão presos.

A última coisa que ela vê, antes de levar um soco que a deixa desacordada, é o sorriso cruel no rosto de Sergei.

\* \* \*

Enquanto Kyle atravessa os enormes aposentos do Coven Blacktide, empunhando a espada descontroladamente, destruindo vampiro atrás de vampiro, ele se sente mais vivo do que nunca. O sangue se espalha em todas as direções, cobrindo-lhe, e suas mãos estão molhadas com sangue, enquanto ele ataca com cada vez mais intensidade. É uma vingança. Vingança por seus milhares de anos de bom e leal serviço, pela maneira como tinha sido tratado. Como ousam.

Agora, eles entenderiam o significado da palavra vingança. Todos pediriam desculpas, cada um deles, se curvariam diante dele, até o chão, e admitiriam que eles tinham se enganado profundamente.

Tudo está indo perfeitamente bem. Depois do seu pequeno desvio na Ponte do Brooklin, ele havia levado sua fiel multidão de seguidores através das portas da Prefeitura, matando os poucos vampiros que ousaram ficar no seu caminho. Na sequência, eles tinham se enfileirado na passagem secreta e descido até as entranhas do prédio da prefeitura, dirigindo-se ao ninho do Coven. Nenhum vampiro ousou ficar em seu caminho quando ele invadiu a sala. Muitos outros vampiros, ao ver Kyle, e especialmente a Espada, imediatamente se juntaram a ele. Ele fica feliz em ver que muitos do seu antigo coven ainda eram leais a ele. Ele sabia que o dia tinha chegado em que ele reivindicaria seu direito à liderança.

Rexius era um líder fraco. Se tivesse sido mais forte, a teria encontrado sozinho há muitos anos.

Ele nunca teria enviado outros para fazê-lo. Ele gostava de castigar os outros por seus próprios defeitos, quando ele era o único que precisava ser punido. Ele tinha se embriagado com o poder.

Banir Kyle tinha sido uma última e desesperada tentativa de remover todas as pessoas próximas a ele. Mas o tiro tinha saído pela culatra.

Quando Kyle invade o local, parte na direção exata do trono de Rexius. Rexius vê que ele se aproxima, e seus olhos se arregalam em pânico.

Rexius salta de cima de seu trono e tenta se afastar, para longe do combate. O famoso líder deles, mostrando suas verdadeiras cores em tempo de guerra.

Mas Kyle tem outros planos.

Ele corre para o outro lado, para encontrar Rexius frente a frente. Seria muito mais fácil enfiar a espada em suas costas, mas ele se recusa a permitir que Rexius encontre seu fim tão facilmente. Ele quer que Rexius veja, de perto, quem o matou.

Rexius para, seu caminho bloqueado pelos enormes ombros de Kyle, pelo resplendor da espada reluzente. O queixo de Rexius treme. Ele levanta um dedo trêmulo, apontando-o para o rosto de Kyle. Nessa hora, ele parece apenas um homem velho. Um homem fraco, velho e aterrorizado. *Que patético.*

"Você está banido!" ele grita descontrolado, "Eu ordenei que você fosse banido!".

Agora é a vez de Kyle sorrir, um sorriso largo e malicioso.

"Você não pode ganhar!", completa Rexius, "Você não vai ganhar!".

Kyle se aproxima casualmente, se prepara, e com um golpe ligeiro, mergulha a espada bem no coração de Rexius.

"Eu já ganhei," diz Kyle.

Toda a sala, mesmo ocupados com a batalha, se vira e olha fixamente para eles. Um grito terrivelmente penetrante toma conta de todo o quarto. Ele parece continuar interminavelmente, enquanto Rexius continua gritando. O corpo dele se dissolve bem na frente dos olhos de todos, desintegrando-se em uma nuvem de fumaça e então apenas um tufo, subindo no ar em direção ao teto.

Todos param e encaram Kyle.

Kyle levanta a Espada e dá um rugido. É um rugido de vitória.

Os vampiros sobreviventes, de ambos os lados da batalha, viram-se na direção de Kyle. Todos caem de joelhos, abaixando a cabeça, curvando-se até o chão. A luta havia acabado.

Kyle respira profundamente, assimilando tudo.

Ele é o líder agora.

# SEIS

Caitlin, incapaz de falar, se afasta rapidamente de Caleb e Sera.

Era muita coisa para ela processar de uma só vez. O que ela acabava de presenciar seria real? Como era possível?

Ela tinha pensado que conhecia Caleb tão bem, que eles estavam mais próximos agora do que nunca. Ela tinha certeza de que eles estavam juntos, que formavam um casal, e as coisas seriam assim para sempre. Ela tinha tido um claro vislumbre da vida que levariam juntos, e tinha estado certa de que nada poderia separá-los.

E agora isso. Nunca havia lhe ocorrido que poderia haver outra mulher na vida de Caleb. Como ele pôde esconder esta informação dela?

Naturalmente, Caitlin se lembrava de Sera de sua breve visita aos Claustros, mas Caleb havia insistido que não tinha mais sentimentos por ela, que tudo que havia existido, fazia parte do passado- *centenas* de anos atrás.

Então o que ela estava fazendo aqui? Especialmente agora, bem nesse momento? Durante o momento mais íntimo entre Caleb e Caitlin, quando Caitlin tinha acabado de despertar, completamente transformada, em uma verdadeira vampira, pelo próprio sangue de Caleb? Como é que ela sabia onde eles estavam? Será que Caleb a tinha convidado? Ele deve tê-la convidado. Mas por quê?

A dor progressivamente toma conta de Caitlin.

Não havia como explicar isto. Ela sempre tinha tido receio de ficar vulnerável, especialmente para rapazes, exatamente por esta razão.

Mas com Caleb, ela tinha se deixado levar, tinha confiado nele completamente. Ela havia se tornado mais vulnerável do que com qualquer outro rapaz com quem já tinha estado. E ele tinha conseguido magoá-la profundamente, mais profundamente do que ela podia acreditar ser possível.

Ela ainda não conseguia entender como pôde estar tão completamente enganada a respeito dele, como ela pôde ser tão burra, tão errada. Ela sentia como se todo seu ser estivesse se partindo em pedaços. Como seria a imortalidade agora, sem ele? Seria como uma sentença. Uma condenação eterna. Ela queria apenas morrer. E pior ainda, ela se sentia uma verdadeira idiota.

"Caitlin!" Caleb grita atrás dela, enquanto ela ouve seus passos a perseguindo. "Por favor, deixe-me explicar".

O que poderia haver para explicar? Obviamente, ele a tinha convidado. Estava claro que ele ainda gostava dela. E, é claro, o sentimento de Caleb por Caitlin não eram tão fortes quanto os sentimentos dela por ele.

Caleb a segura pelo braço, puxando-a, implorando para que ela vire e olhe para ele.

Mas ela se desvencilha. Ela não consegue suportar a sensação do seu toque.

Ela não quer nada com ele. Nunca mais.

"Caitlin!", ele grita. "Você não me deixa explicar?"

Mas Caitlin não diminui o ritmo. Ela é uma pessoa diferente, um novo ser agora, e ela sente isso de mais do que uma maneira. Juntamente com sua recém-descoberta força vampira, também sente uma nova gama de emoções. Ela já pode sentir que suas emoções estão mais fortes do que tinham sido enquanto

humana; muito, muito mais fortes. Ela sente tudo muito mais profundamente.

Ela não se sente apenas deprimida, ela sente como se estivesse literalmente morrendo. Ela não se sente apenas traída, ela sente como se estivesse literalmente sendo esfaqueada no coração. Ela quer se desaparecer, fazer qualquer alguma coisa para parar a dor que dilacerava seu interior.

Ela atravessa todo o terraço e avança para dentro de seu quarto, batendo a porta de carvalho.

"Caitlin, Caitlin, por favor!" fala a voz abafada do lado de fora de sua porta.

Caitlin se vira e bate a porta.

"Vá embora!" ela grita, "Volte para a sua esposa!".

Depois de alguns segundos, ela finalmente sente que ele parte.

Agora ela está sozinha. Apenas o silêncio.

Caitlin se senta à beira da cama em seu pequeno quarto, leva as mãos à cabeça e chora. Ela chora um choro contínuo e dilacerante. Ela sente que todos os motivos que tinha para viver lhe tinham sido subitamente roubados.

Caitlin ouve um gemido, e sente um leve toque em seu rosto, olhando para baixo ela vê Rose, esfregando o rosto contra o seu. Rose lambe as bochechas de Caitlin, tentando secar suas lágrimas.

Isso ajuda Caitlin a sair do transe. Ela acaricia o rosto de Rose, passando a mão por seu pelo. Rose pula no colo de Caitlin, ainda pequena o suficiente para fazê-lo, e Caitlin a abraça.

"Eu ainda tenho você, Rose," fala Caitlin, "Você não vai me deixar, vai?".

Rose se inclina para trás e lambe seu rosto.

Mas a dor é grande demais. Caitlin não podia se permitir ficar ali sentada por mais um segundo que fosse. Ela parecia estar prestes a atravessar as paredes.

Olhando para a enorme janela, ela vê o convidativo céu noturno, e, sem hesitar, coloca Rose no chão e pula para fora da cama, dando dois longos passos e saltando para a noite.

Ela sabe que suas asas brotariam, e a levariam para longe. Mas uma parte dela deseja que não o fizessem - deseja que elas lhe deixem na mão e permitam que ela despenque até a terra.

## **SETE**

Samantha está acorrentada. Ela havia sido presa por vários vampiros que agarraram seus braços com brutalidade e a arrastaram pela enorme sala.

O quarto tinha se tornado um matadouro. Onde quer que olhe, ela pode ver milhares de corpos de vampiros, membros do seu antigo coven, seu sangue agora formando uma enorme poça no chão, tendo sido cortados em pedaços por Kyle e sua maldita Espada. Aquela Espada tem poderes muito além dos que ela havia imaginado.

Mas no meio de toda aquela carnificina, centenas vampiros continuam vivos. Seguidores do Kyle, agora. E a cada minuto, mais dezenas deles entravam pelas portas abertas. Na verdade, a fila de vampiros ansiosos em declarar lealdade a Kyle parece não ter fim. Está claro que aquele era o coven dele agora. Com a morte de Rexius, quase não havia mais ninguém a quem declarar lealdade. E Kyle tinha ganhado este direito. Ele tinha dado um jeito de acabar com todos os vampiros que de alguma forma o tinham traído.

Centenas de vampiros tinham ajudado ele na batalha contra Rexius. Alguns eram realmente leais ao Kyle, embora alguns fossem simplesmente oportunistas. Outros simplesmente não gostavam de Rexius, e estavam apenas à espera de uma oportunidade.

Vampiros estavam surgindo vindos de covens de toda a cidade. As notícias se alastravam rapidamente no mundo dos vampiros e todos queriam fazer parte da próxima guerra.

Independente de suas razões, este seria o exército de Kyle agora.

Agora que Kyle era líder, agora que ele tinha a Espada, era evidente que em breve haveria uma grande guerra, uma guerra diferente de qualquer guerra que todos os vampiros já haviam travado.

Kyle era implacável e sentia um desejo por sangue, e mesmo aquela carnificina não o tinha satisfeito. Ele tinha um sentimento de rancor de que ele simplesmente não consegue se livrar.

Todos os vampiros lá fora que já não tivessem se apressado em lhe declarar absoluta lealdade iriam pagar por isso. Junto com todos os inocentes seres humanos. Sua vingança se estendia interminavelmente, Samantha sabia, e a cidade de Nova Iorque logo seria seu brinquedo.

Eles arrastam Samantha bruscamente por todo aquele caos, até o centro da sala.

Kyle, agora sentado no trono de Rexius saboreando seu poder, carrega um sorriso maquiavélico no rosto, enquanto vampiros ajoelham-se para ele de todos os lados. Sergei, em pé ao lado de Kyle, bate seu cajado de metal no chão, três vezes.

Toda a sala, milhares de vampiros, alinha-se em perfeita ordem. Todos levantam seus punhos, gritando: "Saudações Kyle!".

Samantha esta atônita. Era uma incrível demonstração de força e lealdade. Ela nunca tinha visto tamanha obediência em toda a sua vida. Kyle era sedutor. E, já era um tirano.

Mas Kyle não parece interessado em seus soldados. Em vez disso, seus olhos se fixam em Samantha. Todo o quarto parece notar seu interesse nela, e o murmúrio diminui enquanto eles se preparam para testemunhar a conversa.

"Então," Kyle diz para ela, "você chegou primeiro até a Espada. Mas como você pode ver, sou eu que a empunho."

"Por enquanto", responde Samantha rispidamente.

Deixe que ele pense nisso, pensa ela. Porque, na verdade, um dia ela já não pertencerá mais a ele.

A pessoa que deveria empunhar a Espada o faria, e ela sabia, no fundo, que essa pessoa não era ele.

Kyle arqueia as sobrancelhas.

"Você sabe por que eu a mantive viva durante todo este tempo?" ele pergunta.

Samantha o encara desafiadoramente. Ela não tem o mínimo interesse em ter um diálogo com ele. Ela não quer nenhuma ligação com este novo coven. Quer apenas partir, ir o mais longe possível daquele lugar. Ela quer apenas pegar o Sam e ir.

Se ele os deixasse.

Mas Sam não está em parte alguma. Eles haviam sido capturados pelos soldados de Kyle, e ela não o via desde então. Samantha precisa manter a calma até que consiga descobrir onde ele se encontra. Ela precisaria ganhar tempo, declarar sua lealdade a ele se necessário, até o momento em que ela e Sam pudessem escapar.

"Eu ainda não entendi por que Rexius enviou você para recuperar a Espada em vez de mim. Como todos sabemos, eu sou um guerreiro melhor. Mas tenho que admitir, você tem algumas habilidades," diz ele. "Mas esse não é o motivo pelo qual mantive você viva. Rexius planejava punir você. Com isso, suponho que você não tenha nenhuma razão para continuar sendo fiel a ele. Uma guerra se aproxima, e eu posso fazer bom uso de guerreiros fortes como você. Se você estiver pronta para jurar lealdade a mim, prometo considerar a possibilidade de manter você viva."

Samantha pensa. Ela não teria problema algum em declarar lealdade, pois sabia que muito em breve iria deixar tudo aquilo para trás. Mas antes ela precisa de notícias sobre Sam.

"E o garoto?" pergunta ela, "Onde ele está?"

Kyle sorri.

"Ah sim, o rapaz. Você foi direto ao ponto do que eu gostaria de discutir com você. Não sei ao certo o porquê do seu interesse neste humano, e você já violou nossas regras ao fazê-lo. Eu poderia tê-la matado apenas por esta razão, você sabe disso. Mas eu realmente considero isso muito interessante, e este é, de fato, uma das razões pelas quais eu permiti que você continuasse viva."

"Veja bem, Samantha, você precisa ser punida. Qualquer vampiro que tenha um dia sido leal ao Rexius, e não a mim, deve ser punido. É parte do processo de iniciação do meu novo exército. Você vai

aprender a me obedecer, e a mim apenas." No seu caso, encontrei a solução perfeita: um ato que vai tanto provar sua lealdade a mim, quanto servir como castigo. Meus homens vão levar você até o rapaz, você vai trazer ele de volta aqui, e na frente de todos, irá matá-lo."

Samantha não consegue sequer pensar nisso. É algo que ela não poderia nunca, nunca fazer. Ela seria capaz de tirar a própria vida antes de fazer qualquer mal a ele. Kyle, como de costume, está delirante. E cruel. Sim, ele é um sucessor à altura de Rexius.

"Terei enorme prazer em ver você pessoalmente levando-o à morte", Kyle diz, rindo da ideia. Veja bem, eu considero este rapaz uma ameaça. Ele vem da mesma linhagem que sua irmã, e até onde eu saiba, eles têm uma imunidade que pode afetar todos nós. Não confio em nenhum deles. Isso sem contar que ele é humano."

Kyle estuda a expressão no rosto de Samantha.

"Se você fizer isso, vou recompensá-la com honra e prestígio. Haverá um lugar especial para você em meu novo coven. Esta será uma guerra magnífica, uma das mais magníficas que nossa raça já viu. E você pode ser um dos seus principais arquitetos."

"Mas se você se recusar... será torturada lentamente, submetida à dor eterna, e seu nome será completamente apagado da história do nosso coven."

O quarto é tomado por um silêncio mortal enquanto Samantha pensa. Ela vasculha seus pensamentos, procurando desesperadamente uma saída.

"Por que você mesmo não o mata logo de uma vez?" ela finalmente dispara.

Kyle lentamente se reclina em seu trono, abrindo um sorriso.

"Metade da diversão será assistir você fazendo isso." diz ele, "Uma das minhas atividades favoritas é assistir as pessoas matando aquilo que elas mais amam."

## OITO

Caitlin voa sem parar. Ela não tem ideia de onde está indo, mas onde quer que o vento a levasse estaria bom para ela. Ela sente como se não tivesse para onde ir e, de qualquer forma, nenhum motivo para continuar vivendo. Seu querido Caleb a tinha traído, e a única outra pessoa com quem ainda se importava nessa vida, seu irmão, Sam, provavelmente a tinha traído, também. Afinal de contas, Sam tinha levado Samantha, tinha levado todos aqueles terríveis vampiros, diretamente até ela, direto à King's Chapel. Será que ainda havia alguém em quem ela pudesse confiar? Ou seria o destino dela ser traída por todas as pessoas que faziam parte da sua vida?

Enquanto sobrevoa o Rio Hudson, Caitlin olha para baixo e observa o reflexo da lua. O ar da noite lhe faz bem ao acariciar seu rosto e cabelos, enxugando suas lágrimas. Ela agora se encontra no lado oposto da ilha, apenas um ponto no horizonte. Ela voa para cada vez mais longe, desesperada para organizar seus pensamentos.

Ela dá um mergulho, descendo até alguns metros da água, e continua voando baixo sobre a superfície do rio, quase a tocando. Era bom estar tão perto da água. Uma parte dela quer apenas continuar mergulhando, até submergir-se. Por completo. Mas outra parte, seu novo lado vampiro, sabe que isso seria inútil. Um vampiro não pode morrer. Nem mesmo por afogamento.

Ao sobrevoar o rio, cardumes saltam para fora da água em torno dela. Eles devem ter percebido sua presença. Será que eles tinham detectado seu sangue vampiro?

Caitlin voa mais alto, subindo pelo ar e, à medida que ascende, seus pensamentos se tornam claros novamente. Ela pensa em tudo o que tinha acontecido. Os detalhes já se confundem. Será que ela tinha feito uma tempestade em copo d'água?

Agora que ela pensava a respeito, o que Caleb tinha realmente feito? Sim, Sera estava ali, e por um lado, sua presença era imperdoável. Mas quanto mais pensava sobre o assunto, mais Caitlin percebia que ela realmente não sabia exatamente por que ela estava ali, ou como ela tinha ido parar lá. Ela realmente não sabia com certeza se Caleb a tinha convidado.

Ela realmente não sabia com certeza se os dois estavam juntos novamente. Seria possível, mesmo que remotamente possível, que houvesse alguma outra explicação?

Talvez ela tivesse reagido rápido demais. Ela sempre fazia isso, nunca tinha conseguido se controlar.

Ao voar ainda mais alto, Caitlin faz uma grande curva aberta, voltando na direção de sua ilha. Ela se sente atraída de volta naquela direção, e uma parte dela se pergunta se seria bem vinda ao retornar. Afinal de contas, onde mais ela poderia ir?

Dirigindo-se naquela direção, ela sente um novo senso de propósito. Talvez ela devesse, ao menos, dar a Caleb uma chance de se explicar. Ele havia salvado sua vida tantas vezes. Ele tinha cuidado dela todos esses dias, a trazido de volta à vida. Talvez ele ainda a amasse. Talvez...

Caitlin já não tem tanta certeza disso. Mas quanto mais ela voa, mais ela percebe que ela devia a Caleb pelo menos uma oportunidade, uma chance de se explicar.

Sim, ela lhe daria esta chance. E, então, ela decidiria.

\* \* \*

Caleb está furioso. Mais uma vez, Sera tinha reaparecido em sua vida, causando destruição em todos os lugares por onde passava. Ele não consegue se lembrar, ao longo de milhares de anos, quantas vezes ele havia pedido a ela que ficasse longe dele, quantas vezes ele tinha deixado claro que ele não sentia nada por ela, que ele a queria em sua vida. Mas inúmeras vezes, nos piores momentos possíveis, ela tinha encontrado uma forma de aparecer de novo. Era como se ela soubesse, como se percebesse que ele estava com alguém novo, sempre que ele estava com alguém com quem realmente se importava. E ela sempre ressurgia exatamente na hora errada. Ela era a criatura mais territorial e possessiva que ele já tinha conhecido. E ele tinha sido condenado a tê-la em sua vida há milhares de anos.

Desta vez, ele simplesmente não aceitaria a situação. Ele não permitiria. Ela havia arruinado seus relacionamentos muitas vezes, e desta vez tinha passado dos limites.

Ele se importa com Caitlin mais do que havia se importado com qualquer pessoa - vampiro ou humano - com quem já tinha estado. E Sera devia ter percebido isso, assim como um mosquito é atraído para a luz. Deveria ser isso o que a tinha tirado de seu esconderijo, o que a tinha levado a rastreá-lo.

Ela tinha uma desculpa, ela sempre tinha uma desculpa. Era esse o problema com ela: você nunca poderia realmente culpá-la cem por cento, pois ela sempre aparecia com alguma mensagem urgente, e que sempre apresentava alguma legitimidade. Neste caso, obviamente, o seu coven estava à beira de um ataque. Kyle, ela tinha dito, estava de volta à Nova Iorque, com a Espada, e seria apenas uma questão de dias até que uma guerra vampira eclodisse. Ela veio trazendo uma mensagem do seu coven: queriam que

ele voltasse. E que eles perdoariam todas as suas transgressões anteriores. Eles precisariam de cada soldado que tinham em tempo de guerra, e Caleb era um dos seus melhores homens.

Assim, por um lado, ele não podia ficar tão chateado com Sera quanto gostaria, - o que tornava a situação ainda mais enlouquecedora. Por outro lado, ele suspeitava que ela esperasse exatamente por uma situação como esta para ter uma desculpa para infiltrar-se novamente na vida dele. Mas independentemente da notícia, ela não tinha o direito de passar a impressão para Caitlin de que eles ainda estavam juntos.

Ele parte para cima dela, ainda no terraço do castelo, com o rosto vermelho de raiva.

"Sera!" ele dispara, "Por que você disse aquilo? Por que esta escolha de palavras? Não existe esta história de nós! E, como você bem sabe, não há nada que eu não tenha dito a ela. Você veio aqui para entregar uma mensagem do nosso coven. Isso é tudo. Você deu a impressão de que havia algum segredo que eu estava escondendo, que você e eu ainda estávamos juntos."

Ela não se deixou abalar por sua ira. No mínimo, parecia estar gostando da atenção. Ela tinha conseguido irritá-lo, e parecia que era exatamente isso que ela queria.

Ela sorri lentamente, dando um passo na direção dele, e levanta a mão colocando-a em seu ombro.

"E não estamos?" ela pergunta de maneira sedutora. "Você sabe, bem lá no fundo, que sim. E é precisamente por esta razão que ficou tão perturbado. Se você não tivesse nenhum sentimento por mim, isso tudo não teria feito a menor diferença."

Caleb tira a mão dela do seu ombro.

"Você sabe que isso é um total disparate. Não estamos juntos há centenas de anos. E nós nunca ficaremos juntos novamente. Eu não sei quantas vezes eu vou precisar repetir isso", fala Caleb, desesperado. "Eu preciso que você fique de fora da minha vida. Eu preciso que você fique longe de mim. E, acima de tudo, longe de Caitlin. Estou te avisando para ficar longe dela."

O rosto de Sera é transformado pelo ódio, em um piscar de olhos.

"Aquela garotinha patética," ela dispara. "Só porque ela é uma de nós agora, não lhe dá precedência sobre mim. Ela não é nada perto de mim. Não consigo entender como é possível que você sequer olhe para ela. Sem contar que nosso coven nunca sancionou a transformação dela," diz Sera, lançando um olhar obscuro na direção de Caleb.

Caleb sabia o que isso significa. Era uma ameaça. Ela o estava avisando, comentando sua violação das leis vampiras. Ele poderia ser punido severamente por isso e ela estava ameaçando contar a todos.

"Suas ameaças não me atingem", Caleb retruca. "Você pode falar o que quiser com quem bem entender. Eu vou enfrentar tudo o que eles quiserem fazer comigo."

"Você me enoja," responde Sera. "Aqui estamos nós, em plena guerra, todo o nosso coven, nossa família em risco. E o que é que você está fazendo? Se escondendo aqui, numa ilha qualquer, à espera da recuperação de uma garotinha patética. Você deveria estar em casa, defendendo seu povo, como o homem de verdade que costumava ser...".

"O meu coven me baniu," explica Caleb,, "após centenas de anos de serviços leais. Não lhes devo nada. Agora eles estão recebendo exatamente o que merecem."

Caleb respira.

"No entanto, eu realmente me importo com eles, e dada a atual situação das coisas, não os deixarei desamparados. Eu lhe disse que voltaria, na hora certa."

"Você disse que retornaria quando ela tivesse se recuperado. Claramente, ela se recuperou. Você não tem mais desculpas. Você tem que voltar agora!".

"Vou honrar minha palavra, como sempre faço, mas, quero ser bem claro quanto a isso: Estou voltando apenas para ajudar a salvar nosso coven, e os seres humanos que podem ser afetados, e para ajuda-los a recuperar a Espada. Não crie ilusões de que seja por qualquer outro motivo. Assim que minha missão for completada, partirei novamente, em definitivo desta vez, e será a última vez que você verá o meu rosto. Não crie fantasias de que estamos juntos novamente, porque não estamos."

"Oh, Caleb," ela diz, com uma risadinha obscura, "acredite no que quiser, mas você sabe bem lá no fundo que você e eu estamos juntos desde sempre, e que sempre continuaremos juntos. Quanto mais você relutar, mais próximo de mim ficará. Eu sei o quanto você me ama. Eu posso sentir, todos os dias."

"Você está delirando," rebate Caleb, "Você está ficando cada vez pior com o passar do tempo."

Sera sorri abertamente.

"Está certo," diz ela, "continue se enganando. Lute contra seus sentimentos. Lute contra o que nós dois já sabemos ser verdade."

Sera de repente dá dois passos em direção a ele, envolvendo-o em seus braços, e com um movimento rápido, o puxa em sua direção.

Antes que ele possa reagir, ela planta seus lábios firmemente nos seus, beijando-lhe com tremenda força.

Caleb recua, enojado. Ele retira os braços dela, e a empurra. Enquanto faz isso vê, pelo canto do olho, alguém aterrissando no parapeito ao lado deles.

Caitlin.

\* \* \*

Ao se aproximar da ilha, Caitlin sente suas esperanças se renovando mais uma vez. Estava tudo claro na sua cabeça agora. Caleb, ela tinha percebido, não tinha feito nada errado no final das contas. Ela tinha sido boba. Ela deveria ter lhe dado uma chance de se explicar. Até onde ela sabia, Sera tinha surgido sem ter sido convidada. E não havia absolutamente nada entre os dois. Por que ela havia sido tão precipitada?

Voando mais baixo, à medida que a ilha se torna visível, ela pode vislumbrar o enorme castelo de pedras espalhado na terra abaixo dela, e centenas de vampiros treinando à meia luz. Era um lugar muito bonito, e ela era grata a Caleb por tê-la levado até ali.

Ela começa a sentir que tudo iria dar certo, afinal, ao dar uma última volta, fazendo a curva e aterrissando no terraço superior.

Mas, ao se aproximar, ao aterrissar, seu coração se aperta.

Lá estavam Caleb e Sera. E desta vez, eles estavam se beijando.

Se beijando. A simples ideia é pior para Caitlin do que ter a Espada atravessando-lhe o corpo. Ela não consegue se mover. Não consegue pensar. Nem respirar. Eles estavam se beijando. Beijando.

Ah, então eles *estavam* juntos. Não havia mal-entendido desta vez. Ele ainda estava apaixonado por ela.

Ele tinha descartado Caitlin como se ela não fosse nada. E tinha feito tudo isso bem debaixo do nariz dela.

Caleb se apressa em sua direção e, desta vez, Caitlin não corre. Ela fica onde está, paralisada em estado de choque, e sente a raiva se acumular dentro dela. Ela sente uma força feroz, mais forte do que jamais havia sentido enquanto humana.

"Caitlin," começa Caleb, "não é o que parece.

Por favor, deixe-me explicar".

Mas, quando Caleb se aproxima dela, quando começa a falar, Caitlin simplesmente estica o braço e aponta um dedo na direção do horizonte.

"Vá!" ela grita, com semblante sério.

Era uma ordem. Não era um pedido, e não deixava aberta a possibilidade de discussão.

Caleb permanece ali, paralisado, aparentemente chocado com sua ferocidade.

Ele deve ter visto o quanto ela estava decidida.

"EU DISSE SAIA!" Caitlin grita novamente, "Eu nunca mais quero ver você, enquanto eu viver!".

Caleb continua ali, parecendo chocado e triste, como um menino que tinha acabado de ser repreendido. Ele parece ter muito a dizer a ela, mas também pode perceber que ela nunca lhe daria ouvidos.

Ele lentamente abaixa a cabeça, desanimado.

Caleb se vira, dirigindo-se ao final do terraço; com dois grandes passos ele salta em cima da grade, saltando. Ele logo está em pleno voo, batendo suas gigantescas asas em direção à escuridão da noite.

Caitlin pode ver Sera virando o pescoço e olhando para ele, observando enquanto ele se afasta, com um olhar preocupado,

como se quisesse voar atrás dele. Mas a verdade é que ela também parece dividida, como se tivesse algo a dizer para Caitlin antes de partir.

Repentinamente, Sera dá diversos passos até Caitlin, chegando a poucos metros dela.

"Eu te odeio", diz ela lentamente, sua voz pingando veneno, "Eu sempre vou odiar você. Você tentou tirar o meu homem de mim. E isso nunca vai acontecer. Caleb não te quer. Ele quer a mim, somente a mim, e é assim que sempre foi."

Caitlin está com raiva demais para se incomodar em responder e, de qualquer modo, não há nada a lhe dizer.

Sera expande suas asas atrás dela, se preparando para partir. Antes de se virar, ela se chega bem perto de Caitlin, e sussurra uma última mensagem:

"Tenho uma coisa com Caleb que você nunca terá. Não importa o quanto você viva!. Tenho certeza que ele nunca lhe disse, e tenho certeza que nunca dirá."

Caitlin a encara com igual ódio, perguntando-se o que mais esta criatura vil poderia possivelmente lhe dizer que pudesse lhe causar chateações ainda maiores do que as que já tinha. Ela não acredita que isso seja possível.

Mas, ao ouvir as palavras seguintes, ela percebe que havia, afinal, algo que poderia fazê-la se sentir ainda pior.

"Caleb e eu temos um filho."

# NOVE

Samantha é escoltada por dois gigantescos guardas vampiros pelo corredor de pedras.

Eles estão perto, mas nenhum ousa segurá-la pelo braço. Ela é uma guerreira muito mais experiente, eles nunca ultrapassariam certo limite de desrespeito. Apesar do tamanho deles, apesar do fato de que eram homens, ela era uma guerreira muito mais poderosa do que os dois juntos e eles sabiam disso.

Eles a levam cada vez mais para baixo, descendo pelas entranhas do coven deles, em direção ao quarto de Sam. Eles descem outro lance da escada de pedra, o som dos seus passos em botas de couro ecoando pelas paredes. O local fica cada vez escuro enquanto descem, - os corredores arqueados iluminados apenas por uma ou outra tocha.

Samantha se sente furiosa. Ela quer matar aqueles dois guardas ali mesmo, mas ainda não é a hora. Ela precisa deles para guiá-la até onde estavam escondendo Sam. Ela precisa resgatá-lo. Que estúpido que Kyle tinha sido. Será que ele realmente pensava que ela se importava tanto assim com a própria vida, com sua própria honra, para pegar o Sam, e matar ele na frente de todo mundo? Ele deve ter pensando que ela era um peão, assim como os outros. Ele tinha muito que aprender. Ela era diferente. Muito diferente, e não havia sobrevivido por milhares de anos concordando com as outras pessoas. Ela fazia o que ela queria, quando ela queria. E, algumas vezes, era necessário ser corajosa.

Eles viram por mais um corredor, este ainda mais profundo e escuro que os outros. As câmaras embaixo do coven deles na prefeitura eram intermináveis. Alguém poderia se perder vagando anos por

elas. Seria um local muito conveniente para guardar prisioneiros. Na verdade, havia estórias sobre vampiros lendários que supostamente estavam sendo mantidos presos ali, alguns há milhares de anos. Poucos realmente conheciam a verdadeira profundidade ou extensão destas câmaras, ou da história de mil anos de vampiros, guardadas dentro daquelas paredes.

Finalmente, eles param em frente a uma porta arqueada de madeira. Um guarda a segura pelo braço, enquanto o outro retira do bolso um enorme anel de chaves feitas de ossos. Ele insere uma delas na fechadura e a vira. Assim que Samantha ouve o clique, e assim que vê a porta começar a se mover, ela sabe que chegou a hora.

Com um movimento rápido, ela puxa o braço com força, deslocando a mão do guarda, e com a mão esticada dá um golpe certo no pescoço dele.

É um golpe perfeito.

Ele cai de joelhos, com os olhos arregalados, levando as duas mãos ao pescoço. Ele tenta abrir a passagem de ar. Mas não conseguiria. Três mil anos a tinham ensinado como aplicar o golpe perfeito no pescoço, com a quantidade exata de força necessária para levar o maior dos homens ao chão. Em questão de segundos, como ela havia previsto, o homem cai para o outro lado, sua cabeça batendo na pedra quando ele desmaia. Ele era um vampiro, então isso não o mataria completamente. Mas ele ficaria imobilizado por muito, muito tempo.

Antes que ela se vire, dois grandes braços musculosos envolvem seu pescoço em um mata-leão. É o outro guarda. Ele é mais rápido do que ela tinha previsto, e a segura com força, apertando; Mas ele não é rápido como ela. Ela sente que ele é forte, mas que lhe falta habilidade. É um vampiro jovem, com metade da sua experiência.

Provavelmente por isso tinha sido designado à guarda.

Ela abaixa e dá um passo para o lado, passando a perna por trás da dele, e ao se levantar, empurra o guarda para trás usando o peso dele como arma.

Ele voa por cima do pescoço dela, indo parar de costas no chão de pedra. Ela consegue ver que ele está sem ar, e antes que ele possa se levantar, ela avança e começa a pisar no pescoço dele, esmagando-o com sua bota. Ela segura o pé no lugar, empurrando, apertando, com mais e mais força, até que finalmente, ele para de debater e morre também.

Samantha se vira para a porta. Olhando para os dois lados do corredor para se certificar de que ninguém se aproxima, ela rapidamente entra no quarto e fecha a porta, trancando-a em seguida.

Mais guardas em breve viriam, disso ela sabia.

Mas por agora, ela tinha tempo.

Ali estava ele. Sam. Ver seu rosto faz com que tudo tenha valido a pena. Ele está acorrentado à parede. Pobre garoto: ele provavelmente tinha sido acorrentado mais nos últimos dias do que em toda sua vida. Ele está pálido, mesmo para um humano, e fica claro que sua condição não é nada boa.

Mais do que qualquer coisa, ele parece assustado. Os olhos dele se arregalam ao vê-la, e ele luta contra as correntes, tentando falar, mas é impedido por sua mordada.

Samantha se apressa até ele e remove o pano.

Ele imediatamente começa a falar.

"Samantha, que droga é essa que está acontecendo?" ele pergunta de uma vez, "Isso é pra valer? Aquelas pessoas são na

verdade vampiros? Você é uma vampira? Você vai me matar? Me fala que estou sonhando."

Antes de remover as correntes dele, Samantha segura seu rosto entre as mãos e se aproxima, dando-lhe um beijo. Um longo beijo.

Primeiro, ele resiste, assustado, mas então ela sente que ele relaxa, e a beija de volta.

Quanto mais se beijam, mas ela consegue sentir.

Ele a ama.

É só isso que ela precisa saber. Ela já tinha se decidido.

"Samantha, por favor," fala Sam, "Solte-me, tire-me daqui. Eu quero ficar com você. Quero sair daqui. Por favor...".

"Shhh," ela diz, com um dedo estendido, "Não há tempo para explicar. Eu quero ficar com você também. E não temos muita escolha. Não há saída desse lugar. Todas as saídas estão bloqueadas. Há milhares de vampiros novos aqui agora, e não tem nenhuma saída. Temos que fingir, pelo menos por agora."

"Fingir o quê? Do que você está falando?"

"Sam," ela diz, acariciando seu rosto, "eu amo você. Eu preciso saber se você sente o mesmo por mim".

Sam olha bem nos olhos dela, com uma mistura de medo e surpresa.

"Eu também te amo", ele responde. "Eu vou com você pra qualquer lugar. Só me tire daqui, por favor. Eu não ligo se você é vampira ou sei lá o quê. Eu só quero ficar com você."

Samantha sorri. Ela sente seu coração se encher de uma emoção que ela não sentia há milhares de anos. Ele sentia as mesmas coisas

que ela.

"OK," ela diz, "então você tem que confiar em mim. Não tem outro jeito. Não temos como escapar. Se eu te levar pra cima, desse jeito, ele vai te matar. Eu quero salvar você. Mas só tem uma maneira."

"O que você quer dizer?" ele pergunta. "Quem vai me matar? Por quê?"

"Sam," ela fala com urgência, "não temos tempo. Você vai ter que confiar em mim. Você quer ficar comigo para sempre? Pense bem a respeito. Não estou apenas perguntando. Eu realmente, realmente estou perguntando isso"

Ela olha bem nos olhos dele, aqueles olhos verdes refletindo os azuis dela. Ele parece sem palavras.

Ela repete a pergunta mais uma vez, bem devagar, com toda seriedade que consegue demonstrar.

"Você quer ficar comigo para sempre?"

Ele finalmente se acalma, sua respiração regular, e olha de volta nos olhos dela. Ele deve ter sentido o quanto ela realmente estava séria.

"Sim," ele responde, com segurança e igual seriedade. "Eu quero ficar com você para sempre."

Ela sorri.

"Você pode ficar bravo comigo no começo, mas quero que saiba que não havia outra saída. Sem isso, você não viveria. De jeito nenhum. Nós nunca mais nos veríamos. Estou fazendo isso por você. Por nós. Eu acredito que você tem um poder que nenhum de nós tem, - um poder que vai salvar você."

Samantha se reclina, deixando o desejo tomar conta do seu corpo. Ela se deixa tomar pelo cheiro da pele dele, respirando fundo, e enquanto faz isso, suas presas crescem, ficando incrivelmente longas.

Ela pode ver os olhos de menino dele se abrirem de medo, quando ele finalmente se da conta do que ela está prestes a fazer.

Ele abre a boca para falar, mas é tarde demais. Ela não iria deixar que ele estragasse o momento.

Ela o queria.

Para sempre.

E antes que Sam possa gritar Samantha já esta se aproximando, com toda sua força. Ela sente o delicioso sabor, inigualável, quando suas presas perfuram o pescoço do garoto, bebendo como nunca antes havia bebido.

Sim. Agora a eternidade lhes pertence.

## **DEZ**

Caitlin permanece na cama, encolhida como uma bola. Ela já estava assim há horas. Caleb tinha ido há muito tempo, assim como Sera. Ela não sabia quantas horas haviam passado desde que ela o tinha mandado embora. Desde então, ela não tinha conseguido se mover. Ela tinha ficado ali, paralisada, desejando morrer;

Como ele pôde fazer isso com ela? Um filho? Como ele pôde não ter contado para ela? Mas também, ela considera, quem disse que ele era obrigado a contar? Eles se conheciam há apenas algumas semanas - ou seriam dias? Caitlin se surpreende ao pensar. Parecia que eles já tinham estado juntos já anos. Talvez a ligação deles fosse mais passageira do que ela tinha pensado?

Não. Não era isso. Definitivamente havia algo a mais. Ela pôde ver nos olhos dele. E conseguiu sentir em seu coração. Ele tinha fortes sentimentos por ela, quanto a isso não havia dúvidas. Mas então por que ele guardou este segredo dela?

Talvez apenas estivesse esperando o momento certo. Tecnicamente, eles não estavam namorando sério. O que eles eram na verdade? Caitlin sentia como se estivessem acima de rótulos, como se tivessem pulado todas essas etapas. O que eles tinham era mais forte. No fundo, ela sentida como se já estivessem juntos há uma eternidade.

Loucura, ela sabia, mas era como se sentia. E era como ela achava que Caleb se sentia, também. Ele deveria ter contado para ela. Se ele realmente tivesse esperado que ficassem juntos para sempre, então ele teria encontrado uma oportunidade para lhe dar as notícias. *Sera e eu temos um filho juntos.* Por que ele não tinha contado para ela? Por que ele estava escondendo isso dela? Por acaso ela não tinha o direito de saber?

E o que tinha acontecido com o filho deles? Era menino ou menina? Quantos anos ele tinha? Ela imaginava que fosse um menino. Será que Caleb e ele eram próximos? E se não eram, por que não? E o que mais ele estava escondendo dela?

As perguntas dão voltas na cabeça de Caitlin, enquanto ela tenta entender tudo o que havia acontecido. Uma parte dela gostaria de perdoá-lo, arrumar desculpas para tudo e, deitada ali agora, ela se

culpa por não ter ao menos escutado tudo, escutado todo o lado dele da história.

Mas outra parte, uma parte maior, se sente traída. Afinal de contas, ela tinha visto eles se beijando. Não havia dúvidas quanto a isso. Isso só poderia significar uma coisa: Caleb ainda estava apaixonado por ela. Não havia nenhuma outra explicação racional.

Caitlin se encolhe ainda mais, querendo simplesmente desaparecer. E justo agora, que ela tinha sido amaldiçoada com a imortalidade.

Passar por toda uma dor como essa já era difícil o suficiente, e agora ela teria que sofrer não somente durante uma vida, mas uma eternidade. Talvez ela não devesse ter pedido para ser transformada.

Talvez ela devesse ter se permitido morrer dentro daquela igreja. Certamente teria sido menos doloroso.

Caitlin sente algo umedecendo seu rosto e ao olhar, encontra Rose lambendo e tentando animá-la com seu focinho. Rose começa a choramingar, lambendo Caitlin com mais ímpeto. Ela deve ter sentido o humor de Caitlin.

Caitlin estica o braço e passa a mão em Rose, acariciando seu rosto. Graças a Deus por Rose. Caitlin não sabia o que faria sem ela.

Enquanto Rose continua lambendo e cutucando, Caitlin se levanta na cama, saindo do transe. Ela olha ao redor do quarto, pensando: *E agora?* Ela sabe que abaixo dela há uma comunidade inteira de vampiros que a haviam acolhido. Eles provavelmente estavam esperando para conhecê-la. Será que ela deveria descer?

Mas Caitlin não se sentia disposta a conhecer ninguém naquele exato momento. A dor era forte demais, intensa de mais. Ela precisava ficar sozinha, e organizar seus pensamentos.

Ela dá uma olhada, e vê, na pequena e antiga escrivaninha no canto do quarto, que ele ainda está lá. O diário dela. O seu velho, e inseparável amigo.

*Sim*, ela pensa, *é isso*. É disso que ela precisava. Papel e caneta. Para organizar tudo. Como sempre, tudo tinha acontecido muito rápido. Ela mal conseguia lembrar os eventos dos últimos dias, muito menos das últimas semanas. Ela precisa se recordar.

Caitlin caminha até a escrivaninha e se senta na pequena cadeira medieval. Ela acende uma vela, que ilumina as páginas desgastadas do seu diário.

Ela vira as páginas quebradiças devagar, fazendo um barulho suave. À luz de velas ela pega a caneta, recostando a mão na testa, e começa a escrever.

\* \* \*

Como eu chegue até aqui? Onde, exatamente, é aqui? Já nem sei mais. Estou em um quarto, no topo de uma torre, em alguma ilha remota de algum rio enorme. Sinto-me como uma princesa. Só que o príncipe encantado acabou de me abandonar.

Por onde começar? Caleb. Sempre pelo Caleb. Desde que nos conhecemos, não consegui pensar em muitas outras coisas. Dias e semanas se passaram, mas ele sempre domina meus pensamentos. E meus sentimentos.

Quando nos conhecemos pela primeira vez, ele de repente apareceu ali, do meu lado, me salvando, atravessando as ruas comigo como um furacão. Parece que nada mudou no nosso relacionamento. Uma vez e mais outra, continuamos a mesma rotina: estamos em perigo, ele me salva. E a parte triste de tudo isso, é que eu nunca tive a chance de agradecer, de dizer a ele o quanto o amo.

As últimas semanas foram mágicas... Nova Iorque, Martha's Vineyard, Edgartown, os penhascos Aquinnah, e finalmente a Freedom Trail. Sempre à caça da antiga Espada que supostamente deve salvar a humanidade.

Quanto mais procurávamos, mais começávamos a acreditar que talvez fosse verdade, que eu talvez fosse A Escolhida, afinal de contas. Talvez seja verdade. Talvez eu realmente venha de uma linhagem especial que ajudará a salvar a humanidade...

Pistas levaram a mais pistas, e finalmente a encontramos.

Mas estou me adiantando.

Primeiro Caleb e eu nos encontramos. Na praia, em Martha's Vineyard, embaixo dos penhascos Aquinnah, tivemos uma noite mágica juntos.

Finalmente tivemos a chance de demonstrar nosso amor um pelo outro. Viramos um casal, e as coisas mudaram entre nós para sempre.

Mas depois que encontramos a Espada, vampiros malevolentes a roubaram. E também sequestraram meu irmão, Sam. E me esfaquearam.

Caleb foi forçado a ficar comigo, ao invés de segui-los.

Eu poderia ter morrido. Eu deveria ter morrido.

Senti minha vida se esvaindo. Mas insisti para que Caleb me transformasse. Eu não tinha certeza de que ele iria. Mas tinha esperança. E rezei. E aqui estou. Ainda viva. Mas agora, viva para a imortalidade.

Acordei aqui, nesta ilha remota. Estou diferente agora. Não sou mais uma simples humana. Sinto-me mais forte, mais confiante. E

também mais sensível.

O pior golpe, ironicamente, foi reservado para a pessoa mais próxima de mim, Caleb. Justo quanto eu pensava que ficaríamos juntos para a eternidade, descobri que ele ainda estava com sua ex-mulher. E os peguei beijando. E pior, ela me disse que eles têm um filho. Não faço a menor ideia do que mais Caleb está escondendo de mim. Mandei-o embora. Eu não suportaria conversar com ele depois daquilo. Talvez ele tivesse explicado tudo, mas eu não consigo imaginar como isso seria possível. Ele foi embora, voando, e com seu voo, levou todas as minhas esperanças e sonhos com ele.

Não sei o que vai ser da minha vida agora. Não sei se quero saber...

\* \* \*

"Vai dormir o dia inteiro, vai?" diz rapidamente uma voz jovial com forte sotaque irlandês.

Caitlin olha para cima, tentando descobrir onde ela se encontra e quem está falando com ela. Ao se sentar lentamente, ela sente uma dor profunda nas juntas, e percebe que tinha dormido sentada na cadeira, com a cabeça encostada na escrivaninha.

Na sua frente esta seu diário, aberto. Ela deve ter caído no sono enquanto escrevia.

Ela pode ver os raios de sol atravessando sua janela. Será que ela tinha dormido a noite toda?

Caitlin olha para cima e vê uma moça bonita, de uns 17 anos, em pé sob ela, a centímetros de distância, olhando para baixo. Ela fica impressionada pela beleza da moça, e pela sua presença. Sua pele era de um tom branco pálido e transparente, seu cabelo castanho claro e de enormes olhos azuis brilhantes. A garota sorria abertamente, seu comportamento demonstrando completa sensação de felicidade.

Caitlin não faz ideia de quem ela seja, ou por que ela está conversando com ela, mas pode sentir que esta garota é da mesma raça que a sua - uma vampira - e que ela é uma pessoa muito calma e boa.

"Você perdeu o sinal da manhã, sabia?" diz a garota, ainda com um sorriso. "Aiden não vai gostar disso. Sem falar que há centenas e centenas de pessoas querendo conhecer você. Estão todas morrendo de curiosidade, sabe. Eu, mais do que ninguém," ela dispara de uma vez, e se aproxima esticando a mão. "Meu nome é Polly. Sou sua nova melhor amiga - se me atrevo. Quero dizer, se você me aceitar. Não há muitas garotas como nós. Fiquei tão animada quando te deixaram aqui. Mas você está sempre dormindo." Polly fala, depressa. "Estou esperando você acordar há uma eternidade!"

Caitlin não sabe que parte do discurso responder primeiro. Ela imediatamente gosta dela e estica o braço, apertando sua mão gelada e acordando devagar, tentando processar tudo. Polly fala tão rápido e, com tanta animação e com seu sotaque irlandês, é difícil absorver tudo. Certamente serve para acordar Caitlin, a fazendo esquecer o que estava pensando.

"E quem é essa aqui?" Pergunta Polly, quando Rose corre e salta sobre ela. Polly se ajoelha e dá um abraço em Rose. Rose fica ganindo como uma louca enquanto lambe todo o rosto dela. "Nossa! Eles não tinham me falado sobre isso! Um novo animalzinho na ilha, hein!? Felicidade dupla! Eu não fazia ideia. Ela é um filhote de lobo de verdade? Qual o seu nome, querida?"

"Rose," responde Caitlin.

"Rose! Que gracinha. Sim, é perfeito. Você tem cara de Rose, não tem?"

Caitlin não sabe exatamente o que dizer. Ela ainda não sabia quem era essa pessoa, ou como ela responderia a tudo aquilo. Está

tudo acontecendo rápido demais.

"Desculpe..." começa Caitlin, "mas quem é você mesmo?".

"Você não é a única pessoa nessa ilha, querida," Polly começa a explicar com um sorriso, "há centenas de nós, sabia? Todos lá embaixo. Somos uma grande família feliz, como dizem por aí. Mas não faz sentido ficarmos sentadas aqui falando sobre o assunto. Vamos lá ver com nossos próprios olhos. Fui designada para lhe dar um tour. Pra falar a verdade, eu me ofereci. Estava morrendo de vontade de conhecer você, e queria ser a primeira," diz Polly sem hesitar, agarrando a mão de Caitlin e saindo pela porta, toda feliz.

Ao sair ao ar livre, Caitlin sente pontadas de dor e recua da luz forte do sol, abaixando imediatamente a cabeça e cobrindo os olhos.

"Ah, querida, você ainda não tinha sentido os raios de sol, tinha?" Polly pergunta.

A dor é tão intensa, diferente de tudo que Caitlin já havia experimentado. Essa era sua primeira verdadeira experiência como vampira no sol, e estava sendo opressiva. Ela tenta, mas não consegue abrir os olhos. Ela sente uma mão macia em sua testa.

"Deite-se um pouco, querida. Isso não vai levar mais que um minuto."

Caitlin se reclina, e Polly se aproxima e pinga duas gotas de uma pequena latinha em cada um dos seus olhos. Caitlin sente uma sensação de queimação, e cerra os olhos com a dor. Após diversos segundos, ela consegue abri-los de novo. Ela respira aliviada, sem dor.

"Você é um de nós agora," diz Polly, "Você não pode se dar ao luxo de andar por onde bem entende, como um humano. O sol é uma coisa real pra você agora. Falo sério. Você tem que pingar isso todas

as manhãs," ela completa, empurrando a lata na mão de Caitlin, "e use sua manta de pele, também." Polly inspeciona a pele de Caitlin. "Vejo que você já está envolvida, isso serve por agora. Mas você tem que trocá-los entende, pelo menos a cada dois ou três dias."

Polly segura o braço de Caitlin e a guia através do terraço, e então descem por uma estreita escada em caracol.

"Vem logo Rose, não podemos esperar o dia todo!" Grita Polly.

Rose hesita no topo da escada, olhando do alto da escada, e de repente desperta, correndo atrás delas.

Polly dá uma risada.

"Pobrezinha, deve estar morrendo de fome. Quanto tempo faz que você desde que você a alimentou?".

Caitlin tenta se recordar. Ela não consegue lembrar.

"Vamos cuidar de você também," emenda Polly, acariciando ela.

Enquanto descem os degraus, Caitlin começa a se sentir melhor, mais normal. Ela tinha gostado de Polly instantaneamente, e já se sente como se a conhecesse há tempos. Ela já tem uma nova amiga, - alguém que realmente se importa com ela - e ela tem Rose. Ela também percebe que não via a luz do sol há dias, e ver o céu agora serve pra lhe animar.

Sem falar que Polly está certa. Rose precisa ser alimentada. As coisas precisam voltar a acontecer no mundo real. A vida precisa continuar. Sim, ela vai ter que sair do seu transe, funcionar novamente. A vida realmente continuaria sem Caleb, ela percebe, por mais doloroso que seja.

Descendo os degraus, Caitlin pensa em todos os novos amigos que está prestes a conhecer, e se eles forem parecidos com a Polly, ela mal pode esperar. Sim, ela precisa conhecer pessoas novas.

Qualquer coisa que tire Caleb de sua cabeça. À medida que desce as escadas, virando e virando, Caitlin pode ter uma visão geral de toda a ilha, em todos os sentidos. Ela é linda. O castelo de pedras e suas muralhas se espalham em todas as direções, algumas mais altas, outras mais baixas, a maioria em ruínas, mas algumas partes, especialmente o pátio interior, maravilhosamente intactas. Há pátios abertos em abundância em todas as direções, gramados e jardins vibrantes, e hectares de terra além das paredes do castelo, preenchidos por uma densa floresta. A ilha parece estar em estado de ruína, e ao mesmo tempo é confortável, habitada. Por toda a parte, em todas as direções, ela pode ver o rio, refletindo os raios de sol. Brisas frescas sopram de todas as direções, e a refrescam durante a descida.

"Onde estamos?" Caitlin pergunta, "Quero dizer, esta ilha. Em que país ela fica?".

Polly dá uma risada divertida.

"Minha querida, você está um pouco desorientada, não é? Nós ainda estamos nos bons e velhos Estados Unidos da América, ainda estamos em Nova Iorque. Aquela água que você está vendo à sua volta, por maior que seja não é o oceano. É apenas um rio. O Hudson, na verdade. Você está bem no meio dele. E nem tão longe de Manhattan. Só 70 milhas. Ou, com nosso meio de transporte, um voo de vinte minutos," ela completa, piscando.

Milhões de perguntas passam pela cabeça de Caitlin, mas antes que ela possa perguntar, Polly recomeça, com seu jeito tagarela.

"Esta ilha se chama Pollepel. Os humanos a chamam de Bannerman's Island, só por que não fazem ideia de como ela é realmente chamada, mas Pollepel é o seu nome. Ela está aqui desde

os tempos mais remotos, e sempre foi um lugar sagrado para o nosso povo. Por milhares de anos, usamos o lugar com exclusividade, nenhum humano era permitido na ilha. Mesmo os índios tinham medo dela: era praticamente o único lugar na América que eles não ousavam colocar os pés. Eles sabiam que ela era nossa. Então os holandeses vieram nos anos 1600 com seus grandes navios. Foi então que ela ganhou um nome. Pollepel é Polly em holandês. Eles deram esse nome por causa de uma jovem garota que ficou presa no gelo e acabou vindo parar aqui, resgatada pelo homem que casou com ela, caso você esteja se perguntando," ela emenda com um sorriso, "é daí que eu ganhei o meu nome, também. Polly. Espero que você goste. Deixaram-me aqui ainda bebê. Abandonada pelos pais pode-se dizer. Este coven, eles me acolheram. Na realidade, esta ilha é o único lugar que eu conheço. Quando me deixaram aqui, nossos amigos vampiros não sabiam como me chamar. Então me deram o nome desse lugar. Algumas pessoas diriam que eu sou esse lugar. Como eu disse, não conheço nenhum outro local. E nem quero. Mas nem tudo diz respeito a mim, do que costumo me esquecer," Polly se apressa em dizer. "Há dezenas de nós aqui e eu amo todos eles, por mais mal humorados e desorganizados que sejam. Todos nós pertencemos ao mesmo coven, o Coven Pollepel. Uma grande família feliz, como costumam dizer, embora não sejamos tão grandes e, a maior parte do tempo, nem tão felizes uns com os outros. É isso que acontece quando se vive em uma ilha. Especialmente quando estão todos presos nos anos da adolescência pelo resto de suas vidas."

Caitlin olha para baixo, e pode ver todos os adolescentes vampiros esparramados lá embaixo.

Eles estavam em pequenos grupos, em todos os pátios. A maioria parecia envolvida em algum tipo de treinamento, alguns lutavam com espadas de madeira de brinquedo, atiravam lanças e praticavam salto com vara. Parecia quase um acampamento militar, mas mais relaxado.

"Somos um coven de desajustados," continua Polly, "há 23 de nós agora, na verdade, 24, contando você. Somos um grupo bem especial, pode-se dizer. Todos nós estamos aqui por ninguém mais nos aceita."

"O que isso quer dizer?" Caitlin consegue finalmente perguntar. Quanto mais ela fala, mais Caitlin se sente a vontade em sua presença. Mas é bem difícil conseguir dizer alguma coisa. Ela fala tão rápido, e mal respira.

"Somos todos vampiros desajustados," Polly diz com naturalidade. "Você não vem parar aqui a não ser que tenha feito algo errado, ou quando se é uma verdadeira dor de cabeça para alguém. A não ser que alguém, em algum lugar, não lhe queira. A não ser que você esteja fugindo de alguma coisa. Nosso coven é um coven que aceita pessoas que ninguém mais aceitaria. Eu, por exemplo, fui deixada aqui como órfã, outros por que são mestiços, ou fruto de um relacionamento proibido. Há ainda aqueles deixados aqui por que possuem poderes especiais, poderes que outros no mundo dos vampiros não compreendem e não aceitam. Dá um bom assunto para a mesa de jantar, em minha opinião," fala Rose, piscando de novo.

*Então é por isso que Caleb me deixou aqui, pensa Caitlin. Nenhum outro coven me aceitaria. Certamente, o dele não o faria. E ele não sabia onde mais me levar.*

Tudo faz sentido para Caitlin agora. Mas uma vez, ela tinha sido abandonada. Mas estranhamente, desta vez ela sentia como se pertencesse, como se não fosse a única estranha. Talvez ela fizesse amigos aqui, encontrasse a comunidade que nunca tinha tido. A ilha certamente era bela o suficiente, ela já conseguia se imaginar sentindo-se em casa aqui. Talvez até, com o tempo, não pensaria tanto no Caleb. Afinal, que escolha ela tinha?

Elas entram no pátio do enorme castelo, e Polly a guia pelas quadras de treinamento, no meio de diversos vampiros. Caitlin sente um nervosismo familiar, como se estivesse comparecendo ao primeiro dia de aula em sua nova escola. Ela percebe que esta nervosa em conhecer estas pessoas, que espera que gostem dela.

"Estes são Tyler e Taylor," indica Polly, gesticulando. "Gêmeos vampiros. Não se vê isso todos os dias. O coven deles não os quis, então acabaram aqui. Bom para nós. Eles são verdadeiros guerreiros. E, embora sempre saibamos o que os outros estão pensando, aqueles dois realmente sabem o que o outro está pensando.

Caitlin os observa. O irmão e irmã gêmeos são assustadoramente atraentes, talvez com 16 anos, e lutavam com espadas de bambu, golpe a golpe, rebatendo cada golpe que o outro dava. Ambos estão transpirando.

Quando Caitlin passa por eles, Taylor, a garota, se vira e sorri, acenando para ela. Seu irmão, Tyler, aproveita a oportunidade para bater nas pernas dela com sua espada de bambu.

Taylor se volta e grita, indignada.

"Não é justo! Isso foi golpe baixo."

Tyler simplesmente ri.

"Vocês dois querem, por favor, parar com isso e vir até aqui dar boas vindas a nossa nova irmã?"

Polly censura.

*Irmã.* Caitlin gosta da ideia. Ela sempre quis ter uma irmã.

Taylor e Tyler se aproximam correndo. Rose fica em pé para cumprimentá-los, e os olhos de Taylor se arregalam de felicidade.

"Ah, meu Deus! Ela é linda!" exclama ela, se ajoelhando para abraçar a alegre Rose.

Rose lambe seu rosto.

Tyler então se levanta e envolve Caitlin com um enorme abraço.

Caitlin se surpreende, e p abraça de volta, sem jeito.

"Parece que te conheço há tempos," diz Taylor, afastando-se e olhando no rosto de Caitlin.

"Minha vez," fala Tyler ao empurrar Taylor para o lado, tomando seu lugar e abraçando Caitlin.

Caitlin é surpreendida mais uma vez, e não sabe ao certo como reagir. Ela está prestes a abraçar Tyler quando de repente, com seu recém-adquirido senso vampiro, sente um arrepio de eletricidade percorrer seu corpo. Ela consegue realmente sentir o que aquele vampiro estava sentido, de verdade. E isso a assusta. Ela percebe que ele se sente atraído por ela.

Caitlin rapidamente se desvencilha de seu abraço, sentindo-se de alguma forma desleal com Caleb. Tyler a encara, e ela pode sentir a atração dele como se fosse algo tangível.

"AI!" Tyler grita.

Ele se vira e percebe que Taylor tinha lhe dado uma espadada nas costas com sua espada de bambu.

"Isso é o que você merece!" Diz Taylor. "Deixe a novata em paz"

Caitlin sorri e acena, mas Polly segura seu braço e continua a guiá-la. Logo elas estão seguindo por outro caminho, em outro pátio.

"A maioria de nós está dormindo agora," fala Polly. "podemos sair na luz, é claro, mas a maioria de nós prefere não fazê-lo. Os únicos que

ficam acordados a essa hora são os que estão fazendo a guarda, ou os que estão treinando por ordem do Aiden."

"Aiden?" Caitlin pergunta.

"Ele é o líder do nosso coven. Como um treinador e mentor e diretor de escola misturado. Ele é muito velho. Está aqui desde sempre, provavelmente antes mesmo da ilha. Ninguém sabe exatamente quando ele veio pra cá, mas ele tem milhares e milhares de anos. Um amor de pessoa, desde que você esteja do lado dele. É ele que vai determinar o que você vai fazer. Ele mantém as coisas em ordem por aqui, mantém todos nós na linha. Todos nós respondemos a ele, quer dizer, se quisermos continuar aqui. Mas ele é mais como uma figura paterna do que qualquer outra coisa. E é um dos melhores treinadores de vampiros da área. De qualquer forma, como eu disse, a maioria de nós está dormindo. Estarão presentes esta noite. Vê aquele lugar, é ali que nós dormimos."

Caitlin olha e, quando passam por outro arco de pedra, vê, mais ao lado, diversas portas arqueadas levando ao castelo.

"E ali, é onde comemos", Polly continua, apontando.

Caitlin vê uma enorme mesa de jantar de pedra, comprida o suficiente para pelo menos 30 pessoas, encostada em um lado do pátio.

"Fazemos um rodízio. Um de nós fica sempre responsável pela caça. E essa pessoa traz o veado para todos os outros. Esta ilha, por sorte, está repleta deles. Hectares e mais hectares de florestas, caso você não tenha percebido. Bom, a pessoa em serviço providencia a refeição para os demais. Uma das regras do Aiden. Ele quer que todos comam juntos, como pessoas civilizadas. Bem, é mais beber do que comer, mas pelo menos fazemos isso juntos."

Rose corre até a mesa, pula sobre ela e começa a farejar. Quando faz isso, começa a choramingar.

"Acho que ela está com fome," diz Caitlin. "Tem alguma coisa que eu possa dar a ela?"

Sorrindo, Polly responde:

"Acho que podemos dar um jeito nisso."

Ela vai até o caldeirão de pedra, levanta a tampa e, esticando a mão, tira um pedaço de carne crua dele. Os olhos de Rose iluminam com a visão.

Polly atira a carne do outro lado do pátio e Rose corre atrás dele, saboreando-a com prazer.

"Obrigada," agradece Caitlin. Ela não sabia o que teria feito sem Polly.

"Carne crua aqui é o que não falta," diz Polly. "Vai ser um paraíso para Rose."

De repente, Rose começa a rosar baixo. Isso surpreender Caitlin, que nunca tinha ouvido Rose fazer qualquer barulho parecido. Ela imagina que talvez alguma outra pessoa ou animal tivesse se aproximado de Rose enquanto ela comia, mas procura e não encontra nada. Ela acompanha a direção do olhar de Rose, e finalmente descobre o que ela tinha visto.

Afastado, à distância, um vampiro adolescente havia se aproximado delas. Vestido de preto, com semblante taciturno, seus enormes olhos negros queimavam com uma raiva ardente. Mesmo de tão longe, Caitlin consegue sentir a energia escura saindo dele. Ela também consegue sentir sua nova amiga Polly, tensa ao seu lado.

"Aquele é Cain," ela diz. "Ele também é um de nós. Mas ele nem sempre age como tal. Ele tem verdadeiros problemas de dominância. E pode ser um verdadeiro valentão. Acho que é por isso que ele veio parar aqui, ninguém mais queria ter que lidar com ele. Todos nós já

pedimos a Aiden para expulsá-lo, mas ele se recusa. Aiden ainda acredita que pode curá-lo, do que quer que seja o problema dele. Eu mesma não acredito. Não suporto vê-lo. Mas, geralmente, há muitos de nós presentes e, quando estamos juntos, não é tão ruim. Na verdade, eu raramente o vejo por aí. Ele deve ter sentido que você estava aqui. Uma novata. É bem típico dele. Sempre querendo marcar território. Infelizmente, não sou tão forte quanto ele. Já nos envolvemos em brigas antes, mas eu sempre perco, e dói. E Aiden nunca está por perto para ver. Ele já foi punido, mas não adiantou muita coisa. Sinto muito, mas os outros 22 de nós são bem legais, prometo. Sabe como é, toda família tem sua ovelha negra.”

Enquanto Polly fala, Cain lentamente se aproxima, e agora está cerca de 10 metros de distância.

O grunhido de Rose se intensifica à medida que ele se aproxima. Ao passar por ela, seu grunhido se transforma em rosnado e Cain se abaixa, dando-lhe um tapa no focinho com toda sua força. Rose, ainda um filhote, só geme e se acovarda.

Caitlin fica revoltada.

"Não coloque suas mão no meu cachorro!" ela grita.

"É disso que você chama isso?" Cain responde com sua obscura voz grave.

Caitlin pode sentir a raiva se acumulando dentro dela. É sua primeira experiência com a verdadeira ira vampira, e ela ultrapassa em muito a raiva que ela tinha sentido como humana. Ela apenas torce que consiga controlá-la.

Cain para a apenas alguns metros delas. Ele observa Caitlin de cima embaixo com um olhar carrancudo. Caitlin se sente violada.

"Então essa é a porcaria trazida pela maré?" Cain pergunta, encarando Caitlin.

"Não fale assim dela," diz Polly.

Cain olha para ela com malícia.

"Falo com ela como eu bem entender," ele responde devagar. "E não há nada que você possa fazer a respeito."

Ele se vira pra Caitlin.

"Eu lhe fiz uma pergunta."

Caitlin lhe devolve o olhar, furioso, e pode sentir o ódio passando por eles.

"Não foi uma pergunta," Caitlin devolve. "E mesmo que tivesse sido eu não a responderia," completa ela desafiadoramente, por entre dentes.

Cain balança negativamente a cabeça, sorrindo.

"Você tem uma grande curva de aprendizado á sua frente," diz ele. "Você vai precisar aprender quem é que manda aqui"

"Você não manda em ninguém," fala Polly, "mesmo que você pense...".

Cain de repente estica o braço e dá um tapa com força, bem no meio do rosto de Polly. Tudo acontece muito rápido. Polly está chocada, e Caitlin pode ver que ela está assustada demais para se defender.

Mas Caitlin não está. Sem conseguir mais se controlar, Caitlin deixa toda a raiva tomar conta dela. Ela ouve um som gutural surgindo de suas entranhas, e joga a cabeça para trás, rugindo. Ela dispara na direção de Cain, com os braços estendidos na direção de sua

garganta. Ela a segura com as duas mãos e continua correndo, empurrando-o cada vez mais.

Cain a encara em choque com os olhos arregalados e sem conseguir respirar - claramente surpreso que alguém ousasse se defender. Ele ergue os braços e agarra os pulsos de Caitlin, tentando livrar-se de seu controle. Ele deve ter achado que conseguiria, já que devia ser o mais forte de todos ali. Mas ele está prestes a ter outra surpresa.

Caitlin possui uma força que Cain obviamente não consegue entender. Ele é incapaz de livrar-se das mãos dela.

Caitlin finalmente o leva ao chão, indo parar bem em cima dele, as duas mãos ainda em seu pescoço, apertando até a morte.

Cain chuta e reluta, mas não há nada que ele possa fazer. Caitlin estava ganhando e iria matá-lo. Mesmo em seu estado, Caitlin se pergunta se um vampiro poderia matar outro vampiro, e quanto mais ela estrangula Cain, mais ela sente que poderia. Que ela o faria. Ela não tinha intenção alguma de parar.

Caitlin ouve ao longe um sinal tocando, diversas vezes, e dentro de segundos, o pátio é tomado por vampiros, dezenas deles, todos se aglomerando em volta dela, assistindo, gritando. O coven inteiro havia se reunido para assistir.

Aparentemente, ninguém estava interessado em intervir. Talvez todos ficassem felizes em ver Cain morto.

E ela também. Toda a raiva de Caitlin, toda sua ira, suas frustrações - em relação a Caleb, em relação a seu irmão, - tudo se converge ao mesmo tempo e encontra um destino na figura daquele valentão. Ele tinha escolhido a garota errada na hora errada.

Se Caitlin tem certeza de alguma coisa, é de que ela de fato estrangularia aquele garoto até a morte.

# ONZE

Caleb voa pela noite de Manhattan, com Sera rastejando atrás dele, e ao mergulhar, voando mais baixo sobre o Bronx, ele pode enxergar com sua visão vampira os detalhes do que se passa nas ruas abaixo. É um completo caos. Humanos lutam contra humanos, lojas estão sendo saqueadas e os carros se acumulam nas ruas. É como se uma guerra houvesse começado.

Pior ainda, Caleb pode ver vampiros do Coven Blacktide espalhados pelas ruas, atacando os humanos. Humanos correm em todas as direções, dos vampiros, uns dos outros, das pessoas infectadas com a peste bubônica, e do eventual policial. Ninguém entende quem está atacando quem, isso fica claro. E também fica claro que os vencedores seriam os vampiros. Eles estão se alimentando de humanos em todas as partes, em um frenesi. Há sangue espalhado nas ruas.

O coração de Caleb se aperta. Ele sente pena dos humanos, raiva que os outros covens agiriam com tanta impunidade, especialmente bem nas imediações do coven dele. Obviamente, tudo isso tinha sido orquestrado. Kyle certamente havia retornado para o seu Coven com a Espada e agora, eles deviam estar se sentindo invencíveis.

Seria apenas uma questão de tempo até que o próprio coven de Caleb fosse atacado. E a essa altura, Caleb sabia, seria tarde demais.

Caleb sobrevoa o muro dos Claustros, aterrissando em seus amplos pátios externos, com Sera poucos metros atrás. Ela ainda está ali, junto aos seus calcanhares. Parece que ele nunca conseguiria se livrar dela. Ela o tinha seguido em voo, toda aquela distância desde a Ilha Pollepel.

Ele sabia que ela faria isso. Mas isso não quer dizer que ele tenha que conversar com ela. Ela o tinha seguido até a Ilha Pollepel em uma missão para trazê-lo de volta e, agora, ela devia estar se sentindo vitoriosa. Mas ele não daria este gostinho a ela. Ele tinha decidido voltar por suas próprias razões e vontade. O que ela era incapaz de perceber, o que ela sempre tinha tido dificuldade em compreender, era que isso nada tinha a ver com ela.

Caleb atravessa o pátio de pedra, passando por guardas vampiros que ficaram a postos ao vê-lo passar. Caleb nunca tinha presenciado tamanha demonstração de força, seu coven realmente devia estar de guarda. Geralmente, havia apenas dois guardas; agora, em um vislumbre, ele nota ao menos 50. Todos soldados, todos alarmados, e todos olhando para o céu.

Caleb tem certeza que, se não o tivessem reconhecido, teriam atacado antes que ele atingisse o solo.

"Você não vai esperar por mim?" pergunta Sera, marchando ao seu lado, em frente à enorme porta que se abre para eles.

Caleb a ignora, continuando seu caminho, até que sente sua mão gelada em seu braço, seus dedos perfurando sua carne. Ela o segura, virando-o para que a veja.

"Não serei desrespeitada por você na frente do nosso povo," ela dispara em um sussurro. "Entraremos juntos. Ainda somos um casal."

"Nós não somos um casal," Caleb dispara de volta. "Não sei quantas vezes devo repetir isso."

"Só por que você acha que não sejamos não significa que não somos," responde Sera, igualmente determinada. "Você casou comigo há 600 anos. Não há divórcios no mundo vampiro. Nossa separação nunca foi sancionada."

"Não preciso que ela seja," diz Caleb. "Nosso casamento foi um erro. Aconteceu há 600 anos. Você realmente precisa desistir disso. Não preciso de ninguém para me dizer que tenho permissão de me separar."

"Ah, mas precisa," diz Sera. "Sem a sanção deles, você está violando nossas leis. Você está sujeito à punição, e sempre estará."

Caleb ri com escárnio. "Você está delirando, é isso? Você realmente acha que temo qualquer punição, deles ou de qualquer outra pessoa? Nunca em minha vida tive medo de autoridade."

Ela se aproxima dele, fora do alcance do ouvido dos guardas que agora os observam. Ela sussurra,

"Posso contar mais coisas para eles. Posso falar sobre você e aquela humana. Caitlin. Você violou nossa lei mais sagrada dormindo com ela. Você sabe qual é a punição."

Caleb a encara de volta, seus olhos frios de raiva.

"E mais ainda," ela diz, "muito mais, eu posso contar que você a transformou. Ninguém te deu permissão pra fazer aquilo, também. E isso é algo que eles nunca aceitariam. Eles te matariam por causa disso, você sabe."

Caleb cerra os dentes.

"Então conte a eles," ele diz, reconhecendo seu blefe.

Ela o encara com um olhar duro e frio. Ele sabe que ela nunca contaria. Se eles matassem Caleb, ela ficaria sem ninguém a quem direcionar sua obsessão. Ela precisava dele vivo. Por mais que quisesse chantageá-lo, eram ameaças vazias.

E mesmo que ela contasse a eles, ele realmente não se importa mais. Ele está cansado de responder a organizações vampiras. Ele

agora viveria como bem entendesse. A segurança de seu coven já não significava tanto para ele quanto antes. Ele não estava ali para implorar por perdão.

Ele estava aqui para avisá-los, para salvá-los. Se eles não quisessem sua ajuda, ele ficaria tão ou mais feliz em deixar aquele lugar para sempre.

Ele já sente falta de Caitlin desesperadamente.

Ele pode senti-la, como algo tangível dentro do peito. Ele odeia ficar longe dela. E odeia ainda mais o fato de que enquanto estivesse longe dela, teria que suportar a presença de Sera, aquela mulher louca que simplesmente se recusava em aceitar a realidade.

Caleb se vira, atravessando a porta e entrando no pátio interno dos Claustros, seguido de Sera. Ela simplesmente não desiste. Os dois caminham lado a lado pelo corredor de pedra, ela fazendo de conta, para todos os efeitos, que ainda formam um casal.

Eles passam por outro corredor, atravessando uma pequena passagem de pedra, chegando por fim a um espaço amplo em frente a uma escada. Ali, esperando por eles, está Samuel. O irmão de Caleb.

Samuel está ladeado por uma dúzia de vampiros soldados, com olhar severo.

Caleb para na sua frente, e seus olhares se cruzam. Eles eram tão próximos quanto irmãos poderiam ser, embora não o demonstrassem publicamente. Eles não se abraçam, nem mesmo se cumprimentam. Ficam parados, a alguns centímetros de distância, se encarando, apenas acenando a cabeça discretamente, com um olhar de reconhecimento e admiração mútuos.

"Caleb", diz Samuel secamente.

"Samuel," responde Caleb.

"Você voltou," continua Samuel. "Isso é bom. Precisamos de você neste momento."

"Tenho muitas coisas para reportar ao conselho," diz Caleb. "Espero apenas que estejam dispostos a me escutar."

Samuel assente mais uma vez, quase imperceptivelmente.

"Eu também", ele emenda.

Os homens de Samuel abrem caminho para Caleb e Sera, e ambos descem as escadas sinuosas, seguidos de perto pelos soldados vampiros. Toda aquela comitiva segue pelos níveis inferiores dos Claustros, através de um sarcófago e uma sala de artefatos, até finalmente alcançar um lance de escadas circulares, interditado por uma corda.

Os dois guardas parados em frente a ela se afastam, retirando a corda e abrindo a porta de madeira. Caleb entra, seguido pelo grupo, e logo todos estão descendo, infiltrando-se nas profundezas embaixo dos Claustros.

Eles chegam a uma enorme câmara subterrânea, com dezenas de metros de comprimento, ampla e espaçosa. Diferente das outras vezes em que tinha estado ali, a sala está repleta de vampiros do seu coven. Caleb nunca tinha visto aquilo tão cheio.

Geralmente, havia apenas alguns vampiros ali, sem fazer muita coisa. Agora parecia ter pelo menos 1000 membros do seu coven, vampiros que ele não via há séculos, andando pra lá e pra cá, agitados, conversando uns com os outros em tom severo.

Quando Caleb e sua comitiva chegam, o caos parece lentamente se concentrar neles. Todos abrem caminho para eles e, devagar, tudo parece se acalmar. Um silêncio de antecipação se espalha pelo lugar.

Eles sabem o que aguarda Caleb. No final do corredor há um trono elevado, onde está reunido o Conselho Sênior, um painel de sete juízes. Os líderes daquele coven. O Conselho normalmente se reunia em uma antessala, mas em noites como essa, quando havia uma crise sem precedentes, eles se reuniam aqui.

Como Caleb suspeitava lá estão eles, sentados, já com um olhar severo dirigido a ele. Caleb não consegue se lembrar de nenhuma vez em milhares de anos, em que aqueles olhos tivessem expressado qualquer coisa senão a condenação.

Ele suspeita que esta noite não seja diferente.

Estes homens eram da antiga guarda e, com o passar dos anos, Caleb achava que talvez eles já não fossem os melhores homens para liderar seu coven. Seus julgamentos eram arcaicos, de outra era. Eles eram rígidos demais, muito intransigentes. É claro, eles alegavam que esta rigidez era precisamente o que havia mantido o coven vivo por tantos milhares de anos. Mas Caleb sente, cada vez mais, que não era bem assim. Ele acredita que essa atitude rígida estava colocando o coven em perigo em uma época de rápidas mudanças.

Caleb já suspeitava o que eles diriam em resposta ao seu relatório. Para não fazer nada. Para esperar. Não se envolver. A estratégia de ação padrão deles. Sempre conservadora, segura, paciente. Sempre em oposição à mudança.

Eles ficariam especialmente irritados com ele desta vez, por que ele tinha provado que estavam errados. Há algumas semanas, Caleb tinha insistido que a Espada existia, e que Caitlin poderia levá-los até ela. Eles o tinham ignorado, tinham insistido que a Espada era apenas uma lenda, uma estória de crianças. Obviamente, eles estavam errados.

Era provavelmente por isso que estes milhares de vampiros tinham se silenciado quando o viram, observando-o com respeito. E também

porque os juízes o olhavam com um olhar ainda mais cruel que o de costume.

Todos estão absolutamente vidrados, quando Caleb para a alguns metros do painel. Eles o encaram em silêncio.

Caleb sabe que deveria se curvar em sinal de reverência. Mas algo dentro dele simplesmente não quer mais fazer isso. Ele não deve nada a essas pessoas. Eles o haviam expulsado, e ele não está aqui para implorar. Ele está aqui para salvá-los.

Mesmo que eles não mereçam.

As expressões deles se endurecem.

"Caleb do Coven White," começa o juiz chefe, do centro do painel. "Nós o convocamos aqui para nos dar um relatório, mas primeiro você deve pagar por todos os seus crimes. Você violou a lei de não nos abandonar sem permissão. O que você tem para dizer em sua defesa?"

Caleb os encara, insolente.

"Eu voltei aqui esta noite para avisá-los, para salvar vocês. Não para pedir perdão," ele dispara.

A multidão emite um suspiro atônito. Ninguém nunca havia falado assim com um juiz.

"SILÊNCIO!" grita um administrador, batendo no chão com seu cajado de ferro. Eventualmente, todos se silenciam.

"Sério?" pergunta um dos juízes. E pra nos salvar do quê exatamente?"

"Vocês por acaso não viram o que esta acontecendo do lado de fora dos portões"? Pergunta Caleb. "Vocês não viram a guerra que nesse

exato momento está se espalhando por Manhattan?".

"Nós já a vimos. Você não é o único capaz de fazer tal observação. E onde isso nos diz respeito?".

"Respeito?" pergunta Caleb, atordoado. Será que essas pessoas tinham se tornado tão complacentes, tão indiferentes? Endurecido seus corações de tal forma em relação à raça humana? Se você acha que essa guerra vai ficar limitada aos humanos, você está redondamente enganado," continua Caleb. "Essa guerra foi começada pelo Coven Blacktide. Depois que eles acabarem com os humanos, eles vão concentrar todas suas atenções em nosso coven, em nossos irmãos e irmãs espalhados por Manhattan, e no país inteiro. É o começo de uma guerra sem precedentes."

"Ou eles estão apenas tentando nos atrair," dispara outro juiz. "Talvez nossa reação seja exatamente o que eles desejam. Eles nos querem por causa de nossa fortaleza. Lá fora, ficaríamos mais vulneráveis ao ataque. Deixar este lugar seria a coisa mais estúpida que poderíamos fazer."

Caleb balança a cabeça, desanimado. Ele não conseguia entender a burrice desse vampiro. Eles tinham vivido por muito tempo protegidos ali.

"Você está errado," diz Caleb.

Mais uma vez, todos ficam alarmados, e o administrador tem que bater seu cajado repetidamente.

"Isso não é uma guerra de mentirinha," continua ele. "Não é um truque, não adianta atrair vocês pra fora. É muito real. Quando ela terminar, todos os humanos desta ilha estarão mortos. E o Coven Blacktide, e todos os seus irmãos e irmãs, vão estar empanturrados de sangue, mais fortes do que nunca. Eu te garanto, quando estiverem prontos, vão concentrar todas as suas forças contra o nosso coven. Ao esperar aqui, deixando que se

tornem cada vez mais fortes, vocês se tornam, nos tornam a todos, um alvo certo. E se você esperar muito será tarde demais. "Além disso, eles têm uma arma secreta à disposição," emenda Caleb, se preparando para a reação deles. "Eles agora têm a Espada."

A sala irrompe em um alto murmúrio caótico. Não importava o quanto os administradores batessem com seus cajados no chão de pedra, gritando por silêncio, eles simplesmente não conseguiam que se calassem. Alguns minutos se passam.

"Eu já a vi!" Caleb grita por cima da multidão e, quando ele faz isso, todos se acalmam. "Já a vi com meus próprios olhos. Ela existe. Não é uma lenda. Vocês estão errados. Ela é muito real. E agora está nas mãos do Coven Blacktide. Ela é uma arma muito além do que já vimos, e com certeza vai nos aniquilar. Ela torna a imortalidade uma coisa do passado."

"Você diz que já a viu," começa outro juiz. "Se isso é verdade, por que você não está com ela? Por que não a trouxe de volta pra nós?".

Essa era uma pergunta que Caleb já esperava, com uma resposta de que ele se envergonha.

"Porque eu fracassei," ele diz simplesmente. "Fui vítima de uma emboscada, estava em menor número, e deixei que ela escapasse. É um ato pelo qual assumo toda culpa. E é por isso que vim aqui avisá-los. Eles realmente têm a espada. E começaram essa guerra. Ela vai chegar até nós. E nós temos que agir agora. Meu plano é enviarmos nossas legiões agora, para atacarmos antes que eles cresçam em número. Se concentrarmos todas nossas forças neles, se os pegarmos de surpresa, talvez sejamos capazes de contê-los no centro, e recuperamos a Espada. Velocidade e o fator surpresa são a chave. Irei à frente com prazer, e me posicionarei a frente da linha de batalha."

Outra vez é possível ouvir a reação da multidão enquanto os juízes se entreolham, pegos de surpresa, trocando algumas palavras.

Eles conversam por um bom tempo. O juiz do meio finalmente se prepara para falar, e os administradores batem seus cajados, levando a sala ao silêncio.

"Você tem razão quanto a uma coisa Caleb," os juízes começam. "Você realmente fracassou. Você nos desafiou em todos os momentos possíveis, e se o que você diz sobre a Espada é verdade, você, e só você, é culpado por tê-la perdido. Longe de vir aqui nos salvar, você não causou nada além de dor e perigo para o seu coven e para o seu povo. Você deveria se envergonhar. E que insolência pensar que poderia nos salvar. Você é apenas um vampiro. Vivemos coletivamente há milhares de anos. Não precisamos da sua ajuda, ou de qualquer outra coisa. Esta fortaleza é nossa, e sempre foi. Aqui, temos todas as defesas necessárias para nos proteger de qualquer ataque. Aqui, nosso número nos fortalece. Lá fora, ficaremos separados, e perderemos nossa força. Não, o melhor caminho é ficarmos aqui, e lutar esta guerra daqui, se é que haverá uma guerra. E nem temos certeza disso. Essa guerra com certeza não vai dar em nada, como sempre."

"Mas e os humanos?" Pergunta Caleb. "Você vai simplesmente permitir que sejam todos trucidados? Por acaso não temos a responsabilidade de salvá-los?"

"Nossa responsabilidade é com nós mesmos, com nosso coven. Ajudamos os humanos quando é conveniente para nós. E agora não é. Podemos deixar que morram. Mais humanos sempre dão um jeito de aparecer. Mas nós, nós somos uma raça especial."

"Mas que conveniente," declara Caleb. "Proteger os humanos apenas quando é conveniente para vocês. Isso não soa muito como a crença de um guerreiro, em minha opinião."

O juiz o encara de volta.

"Esta audiência acaba aqui. Da última vez que nos encontramos, lhe condenamos a 50 anos de confinamento. Desta vez, seu castigo

será seu banimento. Você não faz mais parte deste coven. Seu rosto não será mais reconhecido. Você nunca mais será bem vindo neste local, e se aparecer por aqui, será imediatamente morto. Junte seus pertences, e vá embora daqui."

Com isso, o administrador bate seu cajado, e a sala irrompe em caos.

\* \* \*

Caleb se apressa em sair dali, saindo pela porta.

Ele continua pelo corredor, subindo as escadas dois degraus de cada vez. Ele tinha que se afastar daquilo tudo, de toda a política interna que ele tanto desprezava. Todos aqueles pronunciamentos dos juízes, julgamentos, atrasos... Era tudo tão antiquado, tão resistente a mudanças. Tão previsível. Ele não consegue suportar.

Ele está feliz que o tenham banido permanentemente. Pelo menos agora, é oficial. No seu íntimo, ele sente que aquele não é mais seu lugar. A única verdadeira ligação que ele ainda tem com eles é seu irmão. E as lembranças.

Caleb salta das sinuosas escadas até o nível mais baixo dos Claustros, e ao fazer isso sente uma mão forte em seu ombro. Ele se vira. Samuel o observa com preocupação, dezenas de soldados atrás dele.

"Para onde você vai?" Ele pergunta.

Caleb não tem certeza de como responder a pergunta. Tudo o que sabe é que precisa sair dali. Ele sabe que não conseguiria simplesmente assistir, enquanto todos aqueles humanos estivessem morrendo. E sabe que precisa atacar o Coven Blacktide, tem que tentar recuperar a Espada. Se ele tivesse que atacá-los sozinho, que assim fosse. Ele sabe que seria suicídio, mas precisa ao menos tentar.

"Vou pegar a Espada," Caleb responde.

"Sozinho?"

"E que alternativa eu tenho? Ela foi tirada das minhas mãos. Sinto-me obrigado. Além disso, não posso permitir que todos aqueles humanos morram. Não se eu puder evitar."

Samuel assente.

"Vejo que algumas coisas nunca mudam. Você é ousado. E corajoso."

Caleb se permite um leve sorriso.

"É de família, meu caro irmão."

"Eu, também, estou insatisfeito com o Conselho," anuncia Samuel. "Concordo com você. Devemos começar a guerra agora. Não podemos esperar. Como você disse, eles crescerão em número. Ficando aqui, vamos apenas nos enfraquecer."

Caleb observa seu irmão.

"Estou com você nessa," informa Samuel. "Assim como meus homens."

Samuel estende o braço e Caleb o cumprimenta - um segurando no antebraço do outro. Como haviam feito por milhares de anos, Caleb e Samuel lutariam esta batalha juntos. É tudo que Caleb queria ouvir. Ele agora sentia como se pudesse lutar contra as legiões do mundo inteiro, e que se morresse, ao menos morreria com seu irmão ao seu lado.

"Precisaremos das armas," completa Samuel. "Das armas sagradas."

Caleb o encara por um segundo, e então se lembra. Claro.

Eles se viram e seguem pelo corredor, indo para a sala do tesouro dos Claustros. Eles param diante de uma caixa de vidro, onde era guardado um cajado de marfim com pouco mais de um metro, esculpido elaboradamente, com uma cabeça redonda e misteriosas marcações em volta.

Samuel alcança e com as duas mãos remove a pesada caixa de vidro. Agora eles podem ver o cajado com mais clareza, um báculo, uma das armas mais poderosas daquele coven. Ele havia estado sob a proteção deles há milhares de anos, guardado para ser usado na grande guerra.

"Podemos levá-lo?"

"Ele é seu," responde Samuel. "Você o conquistou durante uma batalha. Nenhum membro deste coven tem mais direito a ele do que você. Vá em frente."

Caleb coloca a mão dentro da caixa e agarra o cajado. Uma descarga elétrica atravessa todo seu corpo quando ele o segura nas mãos. Ele fecha os olhos e respira profundamente, lembrando o passado. Esta era uma arma admirável. Ela não era páreo para a Espada mágica que haviam encontrado em King's Chapel, mas ainda assim era formidável. Ainda era capaz de mutilar a maioria dos vampiros, especialmente aqueles com tendências para o mal.

Caleb segura o cajado com as duas mãos, examinando-o atentamente.

Enquanto isso, Samuel alcança dentro da caixa, removendo o grande manto azul que estava o lado do cajado. O manto do poder tinha sido um escudo para a raça deles durante milhares de anos. Com ela, um vampiro se tornava praticamente invencível. E ela sempre devia ser usada por aquele que empunhasse o cajado.

Samuel coloca o manto sobre os ombros de Caleb. Caleb pode sentir a energia tomando conta do seu corpo à medida que o manto o

envolve com sua proteção. Com o manto e o cajado em mãos, Caleb sente-se invencível, pronto para a batalha.

"E você?" Caleb pergunta para o irmão.

Caleb considera todas as maravilhosas armas que eles mantinham escondidas, espalhadas pelos Claustros. Espadas, cajados, escudos - um verdadeiro arsenal. Ele pondera qual arma Samuel escolheria.

Samuel dá alguns passos até o centro da sala, e remove uma pequena caixa de vidro.

Claro. Sempre tinha sido a favorita dele. O relicário. É uma manopla feita completamente em ouro, com dois dos seus dedos esticados, uma arma realmente incrível. Ela funciona tanto como uma arma quanto como um escudo, dando poderes incríveis a qualquer vampiro que a use.

Samuel a retira de dentro da caixa, encaixando-a em sua mão direita. Imediatamente, ele sente sua formidável força.

"Mas e o que será de nós?" exclama de repente uma voz.

Surgindo do nada, Sera se aproxima, marchando entre eles e dirigindo um olhar amarrado a Caleb.

"Vocês se esqueceram de nós?" grita ela, furiosa com Caleb. "Vocês não vão a lugar algum. Você vai ficar aqui, são e salvo, junto comigo. A determinação do Conselho não significa nada em tempos de guerra. Você pode ficar aqui em segurança, e nós continuaremos juntos. Você não vai participar desta guerra, e muito menos você," diz ela, olhando na direção de Samuel. "Vocês são dois tolos imprudentes. E certamente morrerão. Especialmente se a Espada realmente existir. Suas armas são fortes, mas não significam nada contra a Espada."

"Essa é uma escolha que cabe a Caleb fazer," retruca Samuel.

"Errado!" Berra Sera. "Caleb é meu!"

Samuel, incapaz de discutir com Sera, meramente olha para seu irmão, Caleb.

"Nos dê um minuto," Caleb pede a Samuel, pegando Sera pelo braço e guiando-a para fora da sala.

"Seja rápido," diz Samuel. "Temos pouco tempo."

\* \* \*

Antes mesmo de entrar na antessala, Sera parte para cima de Caleb, aos berros.

"Você sabe que não pode vencer!" Sera grita. "Você está sendo tolo. E vai arrastar seu irmão para o meio disso tudo. Vocês dois, sempre tão bobinhos. Certamente morrerão desta vez."

"A escolha é nossa," responde Caleb.

"Não é não!" Sera grita. "Você pertence a mim, também."

"Eu não pertencço a você," Caleb refuta. "Não pertencço a ninguém! Muito menos a você."

"Podemos ir embora deste lugar," Sera declara. "Somente eu e você, juntos. Podemos começar nosso futuro juntos. Agora é chegada nossa vez. Podemos voltar para aquele castelo na Europa. Tentar ter outro filho...".

"Sera!" dispara Caleb. Ele não tem mais paciência para aquilo. "Ouça o que você está dizendo. Não faz o menor sentido. Já te disse inúmeras vezes que eu não amo mais você...".

"Você me amou um dia. Pode aprender a me amar novamente," ela responde, com a mesma determinação. "Estaremos juntos. E nada

mais importa. Com o tempo, a maneira como se sente pode mudar...".

Caleb já tinha ouvido o bastante. Ele não consegue mais suportar aquela situação. Centenas de anos com este coven a tinham enlouquecido. Não havia modo de argumentar com ela. Ele se vira e deixa a antessala. Mas com sua velocidade vampira, ela bloqueia sua saída. Sera fica parada ali, impedindo que ele saia. Seu rosto está distorcido pelo ódio e medo.

"Você não pode me abandonar!" Sera grita.

"Eu já estou te abandonando," Caleb responde. "Estou deixando este coven. Para sempre."

"Para quê? Para a sua pequena batalha? E depois para fugir com aquela vagabunda?".

Caleb pode sentir a raiva tomando conta dele ao ouvir o comentário.

"É isso, não é?" ela continua. "Você está disposto a abrir mão de tudo, sacrificar tudo - até mesmo o nosso amor, por aquela garotinha estúpida. Bom, já vou te adiantar," ela completa, com um sorriso perverso, "sua garota não vai estar mais te esperando. Pode ter certeza disso."

"O que você quer dizer com isso?"

Sera pausa, sorrindo, saboreando o momento.

"Contei a ela."

A mente de Caleb dá voltas, tentando descobrir o que Sera poderia ter contado a Caitlin. Ele sabe que o que quer que fosse não seria bom.

"O que você falou para ela, exatamente?" Caleb questiona devagar, enunciando cada palavra.

O sorriso de Sera aumenta, tornando-se mais perverso.

"Contei tudo para ela tudo sobre nós.

*Tudo.*"

Caleb reflete por um instante. Tudo. Isso só poderia significar uma coisa.

"Você contou a ela sobre Jade, é isso?" Caleb pergunta, com receio e ao mesmo tempo compreendendo, pelo olhar de Sera, que ela de fato havia contado a Caitlin sobre o filho deles.

O sorriso de Sera agora é um sorriso de vingança.

"Sim, ela sabe que temos um filho juntos. E sabe também que você me ama mais. E que sempre vai me amar."

"Temos?" pergunta Caleb. "Você disse a ela que nós temos um filho? Ou que tivemos?"

Sera não responde, mas seu sorriso aumenta.

Caleb a agarra pelos ombros.

"Você a enganou!" ele grita. "Você a enganou de propósito!"

"Ah, Caleb," responde Sera, abanando a cabeça, "você é tão ingênuo. Quem nesse mundo nunca enganou alguém? Você não aprendeu até hoje que todo amor é baseado em mentiras?"

Ela é mais doente do que Caleb imaginava.

Ele balança a cabeça com desgosto, e antes que tome uma atitude impulsiva, dá dois passos e sai pela porta.

"É isso mesmo," grita a voz atrás dele. "Agora você vai me escutar! Agora não irá a parte alguma!".

\* \* \*

Caleb se se encaminha para fora, com o manto nas costas e de cajado na mão, e encontra seu irmão.

"Preciso apenas de um minuto, irmão," diz ele.

"O que foi?" Pergunta Samuel.

"Preciso acertar algumas coisas," diz Caleb.

Samuel concorda, notando o tom decidido do irmão.

"O dia logo amanhecerá. Ande logo com essa tarefa."

Caleb caminha pelo corredor, sozinho, e entra em uma pequena câmara, batendo e trancando a porta em seguida.

Este costumava ser seu escritório. Uma pequena sala de pedra, com um alto teto abobadado e alguns vitrais. Ele sempre tinha vindo aqui para organizar seus pensamentos.

Sentando-se na pequena mesa medieval, simples e feita de madeira, ele pega um pedaço de pergaminho velho e uma pena, e mergulhado-a na tinta, começa a escrever.

*Minha amada Caitlin,*

*Sinto pelo que Sera possa ter lhe dito, mas tenha certeza, o que quer que tenha sido, tratava-se apenas de uma parte da verdade.*

*Sim, em determinado momento, Sera e eu tivemos um filho juntos. Um menino. O nome dele era Jade. Eu o amava profundamente.*

*Jade, como você, era um mestiço, pois quando me casei com Sera, ela era apenas uma humana.*

*Jade, choro ao me recordar, não viveu muito tempo.*

*Meu coração esta com Jade todos os dias, mas sinto em dizer, apenas em espírito. Ele não está mais neste plano há centenas de anos.*

*Tinha a intenção de contar para você, na hora certa, mas não tivemos a hora certa para que eu compartilhasse esta história. Presumo que se sinta como se eu tivesse escondido algo sagrado de você, e de certo modo estava, mas somente devido à minha própria e mais profunda tristeza.*

*E insegurança. Entenda, eu tinha medo de perder você. O que aparentemente, acabou acontecendo.*

*Por favor, acredite que não há nada entre mim e Sera, e já não temos nada há muitas centenas de anos. Sinto profundamente que ela tenha lhe passado essa impressão. Eu não a estava beijando, apesar das aparências: ela havia se jogado para cima de mim, e eu estava apenas a empurrando.*

*Saiba do meu profundo amor por você, e do quanto penso em você, mesmo agora.guardo ansiosamente o final desta guerra, e uma nova vida em algum lugar bem distante daqui, se você estiver nele.*

*Acredite, você tem meu coração com esta carta.*

*Meu mais profundo afeto,*

*Caleb*

Caleb dobra gentilmente o pergaminho, repetidas vezes, até que ele fique quadrado, menor que a palma da sua mão. Então ele se levanta, caminha até a grande janela aberta e assobia com um dedo na boca.

Dentro de segundos, um enorme falcão aparece, e quando Caleb estende o braço, ele pousa perfeitamente em seu pulso. Caleb passa a mão na cabeça do Falcão.

"Meu velho amigo," cumprimenta ele suavemente.

Ele vira a cabeça em sua direção, reconhecendo Caleb imediatamente.

"Entregue isso a Caitlin. Ilha Pollepel. Você sabe onde é."

Caleb enfia o pequeno pedaço de papel no minúsculo medalhão ao redor do pescoço do Falcão e o fecha em segurança.

"Vá!" Caleb grita, levantando o braço.

Com isso, o Falcão voa pela janela e se perde na escuridão da noite.

De repente, Caleb ouve uma batida na porta.

Ele atravessa seu antigo escritório e a abre. Do lado fora, estão Samuel e seus soldados. Caleb pega seu cajado, se juntando a eles.

"Estou pronto," diz ele.

## **DOZE**

"Caitlin!"

Mesmo fora de si, enquanto se ajoelha ali, enforcando Cain, há algo naquela voz que a tira de seu transe. De onde havia vindo?

Um homem dá um passo à frente, abrindo caminho pela multidão, vestindo uma longa túnica e carregando um cajado. Seus longos cabelos e barba grisalhos faziam com que ele parecesse um profeta. Ele para e olha para Caitlin, a decepção evidente na voz.

"Solte-o!" ele ordena com firmeza.

Ao olhar em seus olhos, Caitlin, mesmo em transe, pode sentir que há algo de especial neste homem. Ela sente como se aquele fosse um reencontro, como se já o conhecesse havia muitos anos. E ela o respeita.

E é incapaz de recusar. Caitlin lentamente solta o pescoço de Cain, e assim que o faz, ele rapidamente escapa de debaixo dela, ofegante, e corre em direção à floresta.

Caitlin fica em pé, e encara o misterioso homem.

Aiden. Ela tem certeza que é ele.

"Sim, sou eu mesmo," ele responde, lendo os pensamentos dela. "E você e eu temos muito a conversar."

\* \* \*

Caitlin caminha em silêncio atrás de Aiden, seguindo por uma trilha estreita que atravessa as densas florestas da ilha. Pollepel, ela está começando a perceber, é surpreendentemente grande: enquanto o castelo toma apenas um canto da ilha, o restante é completamente tomado por estas florestas.

Eles caminham nesta e depois naquela direção, ziguezagueando para um lado e para o outro, subindo e descendo pela trilha. Aiden mantém um ritmo forte, diversos metros à frente dela, e não diminui ou se vira nenhuma vez para certificar-se de que Caitlin o seguia. Ele deve ter presumido que sim. Ele tem uma personalidade magnética, há algo nele que Caitlin não consegue ao certo identificar, que a faz segui-lo quer ela queira ou não. Esta claro que ele é um líder.

Enquanto caminham, Caitlin pode ver trechos de um rio distante por entre os galhos das árvores ainda sem folhas em Abril. É primavera na ilha, e as milhares de árvores ao redor deles começam a florir, dando um aspecto verde-brilhante à toda a floresta.

O lugar é muito bonito e, com certa tristeza, Caitlin percebe que não quer sair dali.

Ela é repentinamente tomada pelo medo quando passa por sua cabeça que ele talvez já fosse expulsá-la

Ela não tinha tido a intenção de atacar Cain daquela maneira. Mas ela não suportava valentões, e ele era um dos mais repugnantes que ela jamais havia conhecido, e ela não tinha sido capaz de se controlar. Tudo parecia sempre se resumir a isso: autocontrole.

Quando ainda era humana, ela não tinha sido capaz de se controlar, enquanto mestiça, ela certamente não tinha esta habilidade - e agora, como uma vampira, parecia continuar tudo igual.

Quando a raiva se acumula dentro dela, ela não pode mais segurar. Ela não conhece Aiden, mas já pode sentir que ele não aprova suas atitudes anteriores.

Eles caminham até o topo de montanha, e descem pelo outro lado. Caitlin pode ver famílias de veados correndo em todas as direções, com pressa em sair da frente deles. Devia ser ali que o coven caçava o jantar de todas as noites.

Ao circular outro monte, uma estrutura finalmente pode ser vista. Localizada à beira do rio, em uma área de areia, está uma pequena estrutura de pedra. É do tamanho de uma cabana de um quarto, mas construída da mesma maneira antiquada que o castelo escocês, no outro lado da ilha. Deve ser ali que Aiden vivia.

Aiden avança e entra na estrutura sem dizer uma palavra, abrindo a pequena porta medieval e deixando ela aberta para que Caitlin o siga. Ela sente um nó na barriga, como se estivesse sendo intimada pelo diretor da escola. E provavelmente merecia isso.

Ela ainda sente que tinha estado certa em se defender - e mais ainda em defender Polly - mas ela provavelmente não deveria ter ido tão longe.

Ela poderia apenas ter batido um pouco nele e o liberado. Mas essa não seria ela. Ela não consegue simplesmente esquecer certas coisas. Pelo menos tinha começado a perceber isso a respeito de si mesma. Já era um começo.

Ela entra na pequena cabana de pedra. Ela era mal iluminada, Caitlin atravessa um pequeno corredor e chega até o escritório de Aiden.

Esse quarto, também, tinha sido esculpido em pedras medievais, com um teto arredondado e duas grandes janelas com vista para o rio. Era simples e sóbrio, com uma bonita vista do rio que parecia tomar conta de todo o lugar.

Caitlin se senta na enorme cadeira em frente à mesa de Aiden, enquanto ele toma seu lugar atrás dela. Ela pode sentir a brisa do rio entrando pela janela, e isso a refresca. Ela se vira e olha para Aiden.

Ele está sentado atrás de sua mesa, encarando-a.

Aiden era um homem, ou vampiro, estranho. Alto e forte, seus longos cabelos prateados, penteados com esmero, desciam até

abaixo de seus ombros, mesclando-se com sua barba. Ele tinha olhos azuis intensos, que se fixaram nela, sem vacilar.

Aiden aparentava ter 60 anos, mas ela sabe que ele é muito mais velho. Um homem intenso. Não é do tipo que gosta de enrolação. Nunca. Não que ele parecesse severo, não era isso. Ele só não parecia ser frívolo.

Ele encara Caitlin intensamente, olhando dentro dos seus olhos, e ela sente que ele está descobrindo tudo que precisa simplesmente a encarando. Isso a deixa desconfortável. Ela tenta imaginar o que poderia ser.

"Eu te trouxe até aqui," começa ele, com uma voz profunda em tom oficial que, apesar de tudo, acalma Caitlin, "porque Caleb me pediu. Considere como um favor a um velho amigo. Ele me garantiu que você seria uma pessoa de fácil convívio, harmoniosa, que se daria bem com o restante do meu coven. Como sabe, há apenas 23 de nós, 24 agora, com você aqui, e que eu aceito novos vampiros muito raramente. Devemos viver em harmonia uns com os outros, se vamos conviver bem aqui."

"Eu não comecei a briga," Caitlin se defende. "Cain começou tudo. Por que você não o repreende? Ele é o idiota da história."

No momento em que diz isso, Caitlin sabe que está certa, mas também sabe que, como sempre, havia falado sem pensar, e que não deveria ter sido tão dura.

"Cain tem seus problemas, você tem razão. Não perdoo seu comportamento. Mas também não desisto do meu povo, mesmo se eles têm problemas. Esse coven existe para isso. Devemos aprender a trabalhar nossas diferenças, a superar nossos próprios defeitos. Cain está tentando. Não tanto quanto deveria, eu admito. Mas ele vai ser responsabilizado por seus atos de hoje, isso eu lhe garanto."

Caitlin começa a responder, mas ele ergue a mão.

"Apesar do que você possa estar pensando, eu não lhe trouxe aqui para lhe repreender; pelo contrário, estou bastante orgulhoso da forma como se comportou hoje e de como você defendeu Polly."

Caitlin de repente sente todo seu corpo se relaxar. Ela nunca, em toda sua vida, tinha ouvido alguém dizer que estava orgulhoso dela. E passa a enxergar Aiden com outros olhos. Ela gosta dele.

Ele parecia ser o pai que ela nunca havia tido.

"Eu já sei o seu lado da história. E sei o dele. Na verdade, eu vi tudo antes mesmo que acontecesse," ele afirma de maneira enigmática.

Isso faz com que Caitlin fique confusa. Seria possível que Aiden previsse o futuro? E se ele o tinha previsto, por que não tinha evitado? Ela fica ainda mais intrigada com ele.

"Então por que estou aqui?" Caitlin pergunta.

Aiden a observa por um momento, e então se vira e olha para fora da janela, para o rio, soltando a respiração. Ao falar, ele continua olhando para a água.

"Era a hora de conhecê-la," ele responde. "De contar-lhe sobre este lugar. Presumo que Polly já a tenha informado," ele completa, sorrindo. "Ela não tem medo, como eu poderia dizer, de começar uma boa conversa."

"Mas há mais que você precisa saber. A Ilha Pollepel é um lugar muito especial. Aceito recrutas seletivamente, e os treino cuidadosamente. Embora todos aqui sejam desajustados de alguma maneira, rejeitados pela comunidade vampira, todos que saem deste lugar são uma força a ser reconhecida. E nós, coletivamente, somos uma força a ser reconhecida. Não gosto de me considerar um líder. Prefiro que pensem em mim como um mentor. Eu supervisiono todo o treinamento que acontece aqui, e me certifico de que todos os vampiros que por aqui passam se

tornem a melhor versão de si mesmos. Quando você sair daqui, lhe garanto, terá atingido o seu mais alto potencial em cada uma das técnicas vampiras de guerra," diz ele. "O engraçado é que ninguém que vem pra cá quer ir embora, e nunca foram. Somos um grupo à parte. E somos também uma família, e levo questões familiares muito a sério. Nós treinamos juntos, jantamos juntos, compartilhamos nossos afazeres, e cuidamos uns dos outros. Sempre. O que torna comportamentos como o de Cain hoje inaceitáveis. Ele raramente age assim. Tenho certeza que a presença de um novo membro em nosso coven é o que o incomodou. Não vai acontecer novamente, posso te garantir."

Ele encosta-se à cadeira, organizando seus pensamentos.

"Se quiser continuar aqui, se quiser fazer parte desta família, há determinadas regras que devem ser seguidas. Você deve estar disposta a ajudar nos afazeres. Deve estar disposta a ficar de guarda. Você deve estar disposta a se dedicar ao máximo ao seu treinamento, a fazer um juramento de lealdade aos seus companheiros de coven. Você pode partir a qualquer momento, mas se nos deixar sem permissão, não poderá nunca mais retornar. Tratamos esta questão com muita seriedade, então minha recomendação é que você pense bem antes de tomar uma atitude precipitada."

Aiden então a observa.

A mente de Caitlin dá voltas, enquanto ela considera tudo que tinha ouvido. Ela já gosta daquele lugar, gosta de Polly, adora a Ilha e realmente simpatiza com Aiden. Mas também está um pouco nervosa. Nunca sair sem permissão?

Ela começa a processar tudo, e a realidade de que aquele poderia ser seu novo lar, bate à sua porta.

E, mais ainda, talvez ela nunca mais visse Caleb.

Ela ainda esta furiosa com ele, é claro, e uma grande parte dela sente como se ele a tivesse abandonado, como se amasse outra pessoa e já não se importasse mais com ela. Então ela não deveria se importar, não deveria nem pensar duas vezes.

Mas ainda há uma pequena, irritante parte dela que insiste em perguntar. Ele ainda a ama? Houve algum mal entendido? E se fosse um mal entendido, ela deveria ir atrás dele?

Há também uma parte dela que ainda se preocupa com Sam. Afinal, ele é seu irmão, e ele tinha sido tomado como refém. Uma parte dela sente que Sam a tinha traído também, que de algum modo ele tinha levado Samantha até a King's Chapel para roubar a Espada, e que mesmo que ela o encontrasse, ele não estaria interessado.

E ainda, uma pequena parte dela que pensava.

Será que Sam está em perigo? Será que ele precisa de ajuda? E o que seria da busca dela por seu pai? Ela ainda quer saber onde ele está e quem ele é. Ela parecia ter estado tão perto. Ela quer voltar para lá, continuar procurando. E se tudo aquilo fosse verdade, se ela era mesmo a única Escolhida, ela não teria alguma missão especial? Ela não deveria estar lá fora, salvando o mundo, ou alguma coisa do tipo? Ela tinha o direito de ficar ali, em segurança e protegida, na ilha? Ainda mais enquanto uma guerra acontecia em Manhattan? Ela quer ficar ali, realmente quer, mas uma parte dela se preocupa que talvez tenha o dever, a obrigação de estar em algum outro lugar.

"Errado," diz Aiden repentinamente, assustando Caitlin ao ler seus pensamentos. "Você está exatamente no lugar onde deveria estar neste exato momento."

A ideia de que ele consiga ler na sua mente e ouvir exatamente o que ela está pensando a assusta. Mas é claro que ele consegue. Ela deveria ter pensado nisso.

"Mas e meu irmão?" ela pergunta.

Ele balança a cabeça devagar.

"Sam está sob a influência de forças muito obscuras. Receio que não haja nada que você possa fazer por ele agora."

Caitlin fica alarmada.

"O que isso quer dizer? Isso soa como se ele precisasse da minha ajuda."

"É tarde demais para ele," Aiden responde com firmeza. "Sei que é difícil para você, mas você deve aceitar isso. Se tentar entrar em contato com ele, posso lhe garantir que irá se machucar. E a ele também. Se quiser se salvar, e aos outros, você tem que deixá-lo partir."

"E o Caleb?" Caitlin pergunta com receio.

Ela quer saber se Caleb precisa dela, e mais importante, se ainda a ama. Mas ela tem medo de perguntar diretamente, então deixa a pergunta em aberto.

Aiden respira profundamente.

"Ele a deixou aqui por um motivo. É aqui que ele quer que você permaneça por enquanto."

O que isso queria dizer? Que ele ainda a amava? Que ainda a queria em segurança e protegida? Ou que apenas queria se livrar dela?

"Você tem que esquecer Caleb, por enquanto," Aiden fala. "Você tem que se concentrar em seu treinamento. Não pode se distrair. Já posso sentir o quanto você é distraída por ele, e essa é uma situação perigosa. Seus pensamentos devem permanecer claros. Completamente vazios. Você me compreende?"

Caitlin olha para baixo, enrubescendo, envergonhada. Ela lentamente concorda com a cabeça.

"E minha busca por meu pai?" Caitlin pergunta. "É verdade que sou a Escolhida? O que isso quer dizer, exatamente? Isso significa que eu tenho que salvar toda a raça a vampira ou algo assim? Eu não deveria estar fazendo alguma coisa? Não estou errado em simplesmente ficar aqui?" ela questiona, as perguntas escapando de uma vez.

"Você, de fato, vem de uma linhagem muito especial," diz Aiden, devagar. "Seu pai é um homem formidável. Sei que você deseja encontrá-lo, e saiba que ele também quer ver você. E mais importante, você de fato terá um papel importante em encontrar a arma que pode salvar tanto a raça humana quanto a vampira."

Caitlin olha para ele atentamente.

"O que isso quer dizer? Eu pensei que essa arma fosse a Espada? Achei que já a tivéssemos encontrado."

Ele sorri.

"Vejo que você não pensou com cuidado sobre o enigma, fico surpreso."

Caitlin pensa. *Que enigma?* O que ela estava esquecendo?

"*A Rosa e o Espinho,*" ele continua. "Você não vê? Há dois lados para cada dinastia, cada linhagem. Caitlin e Sam. E há duas armas, também. Uma arma para atacar, e uma arma para proteger. A Espada é a arma do ataque. Mas existe outra arma. Uma arma ainda mais poderosa para a proteção. A Rosa e o Espinho. O espinho é a Espada. E a Rosa é o Escudo."

"Escudo?" Caitlin pergunta, espantada.

"A Espada pode aniquilar a raça humana," ele diz, "e parte da raça vampira. Mas o Escudo pode salvar a todos. E quando você encontrar seu pai - quanto você realmente encontrar seu pai - ele te levará até o Escudo."

A mente de Caitlin fica confusa. Era coisa demais de uma só vez.

"Então... eu não deveria estar lá fora? Procurando por ele? Pelo Escudo?"

Aiden balança a cabeça de novo.

"Você ainda não entendeu. Você nunca irá encontrar seu pai nesta vida."

Caitlin o encara, em choque.

"O que isso quer dizer?"

"Seu pai vive em outra época. Em outro século. A única maneira de encontrá-lo seria retornando - voltando no tempo."

Os olhos de Caitlin se abrem de surpresa.

"Isso é possível?" ela indaga.

"Para um vampiro, sim. Mas não é algo que seja facilmente feito. Há um grande custo. Uma vez que você tenha voltado, não há como retornar ao presente. Nunca mais. Tudo que você sabe, as pessoas que conhece, todas as suas lembranças e experiências - tudo relacionado a esta vida - será completamente apagado. Quando você volta, começa tudo de novo. É inevitável. E pior, nem todos os vampiros sobrevivem à viagem. Você pode muito bem morrer tentando. E não há garantia nenhuma de que quando você retornar encontrará seu pai, ou o Escudo. Você não sabe exatamente em que momento ou local do passado ele se encontra agora."

A mente de Caitlin dá voltas, enquanto ela considera as consequências. Esquecer tudo que ela sabe. Esquecer Sam, e Caleb. Este lugar. Ela não consegue imaginar uma coisa dessas.

"Como eu disse, você está exatamente onde deveria estar neste momento," ele afirma. "Você deve se recuperar completamente, e tem que treinar. Onde quer que vá, você não pode ir adiante antes de ter se tornado a melhor versão de si mesma."

Ele sai de trás da mesa, ficando em pé na frente dela. Ela também se levanta, sentindo que aquela reunião estava chegando ao fim.

"Gostaria de tê-la em nossa família," ele emenda, "se esta for sua escolha."

Caitlin não precisa pensar muito tempo sobre isso. Ela não só não tem outra escolha, como também gosta de tudo que já sabe sobre aquele lugar.

"Eu me sentiria honrada," ela responde.

Ele sorri.

"Excelente. Seu treinamento começa hoje."

\* \* \*

Caitlin esta no centro de uma grande roda de vampiros, um grande círculo no pátio interno do castelo. O local onde estão deve ser usado como campo de treinamento, pois a grama está gasta e o chão é apenas de terra. Caitlin pode sentir o calor que emana do chão naquela manhã inusitadamente quente de Abril. O sol parece mais quente do que Caitlin já havia sentido, mesmo vestindo suas proteções.

O coven inteiro está ali, em pé no círculo, 24 ao todo. Ela analisa seus rostos, e fica surpresa com o quanto são diferentes uns dos

outros. Alguns são mais baixos, outros mais altos, alguns têm cabelos curtos, outros compridos, uns são sérios e outros parecem mais relaxados. Há uma divisão igual entre garotos e garotas - 12 de cada. Todos parecem ser adolescentes, embora ela saiba que são bem mais velhos do que isso. Ela não consegue enxergar seus rostos muito bem - é difícil se concentrar porque ela está nervosa demais. Todos estão a postos, em completo silêncio, esperando que Aiden comece.

Aiden dá diversos passos em direção ao centro da roda, e lentamente olha para cada um deles.

"Meus caros irmãos," Aiden começa formalmente, "é com muito orgulho que lhes apresento um novo membro para nosso coven. Vocês farão o melhor para que ela se sinta em casa aqui. Ela é um de nós agora. Companheiros conheçam Caitlin Paine."

Caitlin nunca tinha se saído bem como o centro das atenções, e fica envergonhada com tanta atenção. Ela fica ainda mais envergonhada ao ver todos os vampiros, lentamente e com formalidade, curvarem a cabeça na direção dela.

De repente, Caitlin sente algo passando por suas pernas e, ao olhar para baixo, fica envergonhada ao ver Rose interromper a cena, entrando na roda e pulando.

Aiden sorri.

"E, é claro, não podemos nos esquecer. Rose. Parece que ela também gostaria de ser reconhecida."

Rose dá um latido, e todos do coven riem.

"Muito bem," diz Aiden, "parece que agora temos todos os 24,5 membros presentes."

Rose sai da roda, indo se acomodar atrás dos pés de Caitlin, esperando e observando tudo.

"Antes de começarmos," continua ele, "temos alguém aqui que gostaria de se desculpar por suas atitudes anteriores."

Cain, no lado oposto de Caitlin na roda, lentamente se dirige ao centro. Ele olha bem para Caitlin, remorso e medo em seus olhos enquanto ele fica ali. Ele parece muito nervoso.

"Sinto muito, Caitlin," diz ele. "Minhas atitudes são indesculpáveis. Espero que você possa me perdoar."

"Eu perdoo," diz Caitlin, com sinceridade.

Olhando para ele agora, mesmo à distância, ele parece apenas uma figura patética, e aparenta estar realmente arrependido. Ela não vê motivos para guardar mágoas. Passado é passado. Além disso, ele tinha levado a pior.

Cain volta para o seu lugar no grande círculo. Aiden dá um passo à frente.

"Muito bem, vamos começar," ele grita, e todos de repente partem para a ação.

Caitlin está desorientada e sentindo-se deslocada, enquanto os outros vampiros tomam suas posições, cada um com seu parceiro, e dirigem-se a uma seção diferente do pátio. Todos pegam armas variadas de cima das prateleiras e, sem perder tempo, começam a lutar. Caitlin fica ali, assistindo à mistura de atividades, incerta sobre como agir. Ela percebe que não tem um parceiro.

"Fui atribuído a você," diz uma voz atrevida.

Caitlin se vira, parado ali, apenas a alguns metros, está um garoto ruivo, alto e magro, coberto de sardas, com cabelo raspado, orelhas

de abano e um enorme sorriso. Ela nunca tinha visto alguém tão feliz. Ele parece quase um desenho animado.

"Atribuído?" Caitlin pergunta.

"Sou seu parceiro de treinamento," fala ele, esticando a mão. "Patrick," diz ele.

Caitlin aperta a mão dele, ela é longa e fina, e muito fria. Ela não consegue entender como aquela pessoa podia ser um guerreiro.

"Ah, mas eu sou," ele diz, respondendo seus pensamentos "posso lutar muito bem, na verdade. Mas isso você vai ter que descobrir." completa ele, com um sorriso e uma piscadinha, antes de virar e partir na direção de um dos cantos do pátio.

O rosto de Caitlin fica ruborizado de vergonha.

*Claro, pensa ela. Todos aqui podem ler meus pensamentos. Que burrice. Preciso aprender a escondê-los.*

"Não tenha vergonha," diz ele, "você se acostuma. Siga-me. Você está perdendo tempo. Aiden odeia quando as pessoas desperdiçam tempo," diz ele, saltando.

Caitlin se apressa para alcançá-lo.

"Nós começamos com espadas," informa ele ao chegarem à parede oposta, e pega duas grandes espadas de bambu, jogando uma para ela. Ele a atira rápido e com força, e Caitlin se surpreende com seu próprio reflexo, com a forma como ela reage, agarrando a espada em pleno ar sem o menor esforço. Ela era muito mais rápida do que ela mesma sabia.

"Sempre começamos o dia com espadas," ele completa. "Mais tarde, vamos trocá-las por lanças."

Caitlin ouve o barulho das espadas batendo ao redor dela, e pode ver outros vampiros disputando com espadas de bambu, lutando e duelando mais rápido do que ela jamais tinha visto. Eles pulam sobre as cabeças uns dos outros, voando, rolando, saltando e derrubando... Todos estão igualmente preparados, lutando golpe contra golpe em muitos casos. Quando acertam, é possível ouvir o som distinto do bambu na pele. Parecia doer bastante.

Caitlin está prestes a descobrir.

"AI!" ela grita, ao sentir o ardor repentino do bambu em seu quadril.

Ela se vira e vê Patrick parado ali sorrindo, tendo acertado um dolorido golpe no lado do seu corpo. Seu rosto fica vermelho de raiva.

"Por que você fez isso?"

Ele não responde, e bate de novo nela. No último minuto, ela levanta a espada e bloqueia o golpe, com um estalo bem alto, bem antes de ele acertar seu ombro. Ele é bem rápido. Ela percebe que ele sabe lutar, afinal.

"Acabou o papo," diz Patrick. "Agora nós vamos lutar!"

Caitlin olha para ele, segurando a espada com as duas mãos, completamente concentrada no momento. Ela está cheia de raiva, e dispara na direção dele, dando golpes com toda a força, mirando no ombro dele.

Ele desvia com habilidade, e ainda bate com força nela.

Caitlin sente a dor. Ela se vira, agora duas vezes mais brava.

Irritantemente, ele continua a sorrir. Nada parece abalar esse garoto.

"Você transmite tudo que você vai fazer" conta ele, "eu vi seu golpe de longe."

Caitlin ataca feito um touro, golpeando para todos os lados. Mas ele bloqueia cada um dos seus golpes, e dando uma pirueta sobre ela, dá uma espadada nas costas dela.

Aquele golpe realmente dói, e Caitlin se revolta, furiosa.

"Só porque você está com raiva, não quer dizer que você é boa." Ele fala. "Você precisa aprender a controlar suas emoções. Elas não vão te ajudar em um campo de batalhas."

Caitlin está prestes a atacar de novo, mas algo sobre o que ele diz lhe chama a atenção. Ele está certo. Ela está tomada pela raiva, e não está pensando com clareza.

"Controle a sua raiva. Faça-a trabalhar em seu favor. Não trabalhe para ela. Não se descontrole. Controle sua raiva. Lute com ela."

Caitlin o ataca mais uma vez, atacando sucessivas vezes, e sendo bloqueada por ele. Ela está começando a entender o que ele queria dizer. O medo ainda está ali, mas não está fora de controle. Ela o tinha controlado um pouco. E ela começa a se sentir tudo com um pouco mais de clareza, mais foco.

Ela dá um golpe em particular e ele o bloqueia, travando sua espada e a segurando ali. Eles ficam naquela posição, um impasse, apenas alguns centímetros um do outro.

Ela o encara, e pode ver que ele ainda sorri.

"Então," ele consegue dizer, com tremendo esforço, lutando para controlar a espada dela, "você tem namorado?".

Isso pega Caitlin tão despreparada que ela perde a concentração, o suficiente para que ele se agache, dando-lhe uma rasteira. Ela cai de

costas no chão com força, e uma nuvem de poeira se levanta ao seu redor. Ao olhar para cima, vê a ponta da espada dele bem no seu pescoço. E claro, ele ainda estava sorrindo.

"Você perde a concentração facilmente," ele diz e, com um único movimento se abaixa, segura na mão dela e a ajuda a se levantar. "Fácil até demais. Alguma coisa está distraindo você."

Caitlin pensa um pouco, e percebe que ele tem razão. Caleb. Ela ainda está rodeando seus pensamentos, habitando seu inconsciente. Esta luta está a ajudando esquecer, mas ela ainda não se considera normal. A intensa batalha tinha, por um momento, a tirado de seu estado de tristeza.

Mas ela ainda se sente mal.

"Mente vazia," recrimina ele. "Se estiver com algo na cabeça, você nunca será capaz de lutar."

Os dois ficam parados ali, arquejando e exaustos, descansando. Ela seca o suor do rosto, e admite que ele esteja certo. Ela está de cabeça quente. Distraída.

"Mas eu não disse só por dizer, viu," continua ele. "Eu realmente gostaria de sair com você."

Ela olha para ele, que continua sorrindo, e pode ver que ele realmente falava a verdade.

Ótimo. Ela não estava ali nem há uma hora, e já está tendo problemas com garotos. Eles tinham acabado de se conhecer. Não fazia nem uma hora que tinham se conhecido. Como era possível que ele já quisesse sair com ela? Era assim que vampiros agiam? As coisas realmente mudavam tão rápido assim naquele mundo? Era de enlouquecer. Ela nem sabe direito qual é o costume vampiro.

Ela gosta de Patrick, de verdade, mas não mais que como um amigo. Como ela lhe diria isso? Que situação. Naquela ilha, não havia para onde ir.

"Sinto muito, Patrick," ela responde, baixinho. "Já tenho namorado."

"Entendo," diz ele, ainda sorrindo. "Bem, talvez você mude de ideia."

"Pode ser," declara Caitlin, sabendo perfeitamente que isso nunca aconteceria. Mas ela não é capaz de dar um fora nele. A ilha era pequena, afinal de contas.

Felizmente, o fora pareceu não interferir em seu treinamento. Eles lutam por mais muitas horas, assim como todos os seus colegas de coven, golpe por golpe. De vez em quando, Patrick lhe dá alguma instrução, um conselho aqui, outro ali. Ele obviamente sabe o que está fazendo. E é muito bom. Olhando para ele, ela nunca teria imaginado que ele fosse capaz de lutar de forma alguma. E realmente se surpreende.

Por fim, quando ela já está quase exaurida, imaginando quanto tempo mais aquele treinamento poderia durar, ela ouve um sino tocar.

Patrick, e todos os outros vampiros ao redor deles, de repente largam suas armas, e se encaminham em uma direção.

Caitlin fica intrigada.

"Almoço!" Patrick grita para ela, indo na direção da multidão.

*Graças a Deus*, pensa ela. Ela precisa de um descanso.

Enquanto Caitlin segue rumo ao lado oposto do pátio, Polly aparece ao seu lado. Como sempre, Polly carrega um grande sorriso no rosto, seus olhos brilham.

"Sortuda," fala Polly.

Caitlin olha para ela, sem saber do que ela está falando.

"Você foi parceira do Patrick," emenda.

Caitlin acompanha o olhar de Polly na direção de Patrick, e percebe que ela gosta dele.

"Estou tentando chamar a atenção dele há anos," continua Polly, "mas parece que ele não percebe."

Ah, não. Caitlin de repente fica preocupada, imaginando que Polly não iria querer ser sua amiga, que ficaria com ciúmes, tudo por um garoto de quem ela nem gostava.

"Sério?" Caitlin pergunta, genuinamente surpresa. "Mas você é tão bonita. E ele é tão..."

Por sorte, Caitlin para de falar antes que possa completar a frase.

Polly a observa, preocupada.

"Ele é tão... o quê?" ela pergunta.

Caitlin tenta pensar em alguma coisa para falar para não se complicar.

"Ele é tão... o que eu quero dizer é que... ele é tão... bem, ele é perfeito para você. Fico surpresa que vocês dois não estejam juntos."

A preocupação de Polly desaparecesse e ela volta à sua felicidade de sempre.

"Não é? Não faz o menor sentido. E não é como se ele estivesse com outra pessoa, também."

Eles chegam ao final do pátio, e Caitlin vê uma enorme mesa redonda, com bancos de pedra ao redor. Todos os membros do coven já estão sentados, e quando Caitlin se aproxima da mesa, Polly segura seu braço e a leva para sentar ao seu lado. Caitlin está feliz em ter com quem se sentar, já que ainda se sente um pouco intimidada pelo grande grupo, a maioria de desconhecidos.

"Esta é Madeline," apresenta Polly, "e aquele ali, é Harrison."

Caitlin olha para a esquerda, e vê uma garota surpreendentemente bonita, com cabelos pretos e retos e grandes olhos negros, sentada com um garoto com uma barba loira curta, e cabelos encaracolados. Os dois sorriem, e estendem a mão para cumprimentar Caitlin. Todos parecem amigáveis.

"E aqueles são Derrick e Sasha," continua Polly, apresentando os vampiros a sua direita.

Caitlin se vira e vê dois vampiros olhando para ela, sorrindo. Ela sorri de volta.

Os dois são baixos e atarracados, com cabelos castanhos e olhos verdes, e enormes sorrisos. A bondade e calor que emanavam dos dois eram aparentes mesmo de longe.

Caitlin começa a se perguntar se todos ali eram casais. E começa a se sentir um pouco constrangida.

Polly está prestes a apresentá-la aos outros, quando Patrick passa por ali e senta entre as duas.

"Ola, sou Patrick," diz ele.

Caitlin se vira novamente, e vê que Patrick tinha se enfiado ao lado dela. Ele está a centímetros de distância, com aquele mesmo sorriso.

"Mas você já sabia," ele completa, piscando.

Minha nossa, pensa Caitlin. Ela já se sente incomodada. Ela gosta bastante de Polly, não quer que Polly pense que ela gosta de Patrick. E também não tem interesse em que ela pense que Patrick gosta dela, porque isso com certeza deixaria Polly com ciúmes. Ela quer ver Polly feliz, e não gosta de Patrick. Ela tem que dar um jeito de fazer Patrick gostar dela. Mas naquele momento, ela só quer sobreviver ao almoço.

Um sino toca, e todos se levantam da mesa, dirigindo-se para o outro lado, uma enorme laje de pedra onde há, no estilo buffet, carne crua. Caitlin segue de perto Polly, que agarra um enorme pedaço de carne, coloca sobre um prato, e pega um jarro com um líquido. Caitlin faz o mesmo.

Caitlin segue Polly de volta para a mesa, segurando seu próprio prato e jarro. Patrick as segue.

Quando estão prestes a se sentar, no último segundo, Caitlin troca de lugar com Polly para que ela fique no meio, bem do lado de Patrick, com Caitlin sentada do seu outro lado.

Ela vê que Patrick está desapontado, mas que Polly, agora sentada ao lado dele, parece bem satisfeita. Caitlin sorri por dentro. Pelo menos aquilo manteria Patrick um pouco mais longe dela e faria tudo aquilo se tornar menos desagradável.

Caitlin dá uma olhada em volta, observando seus colegas de coven levantando seus pedaços de carne com as mãos, perfurando-os com suas presas para sugar todo o sangue disponível. Eles não mastigam, eles apenas mordem e sugam.

Caitlin experimenta. No começo, segurar aquela carne crua é meio nojento, mas quando ela morde e suga, Caitlin sente o sangue escorrendo por sua garganta e se sente rejuvenescida, renovada. Ela sente seu poder voltando.

Vendo seus colegas bebendo de seus jarros, ela olha para o dela. Ele está cheio de um líquido vermelho escuro. Sangue, ela pensa. Provavelmente o sangue de um veado.

Caitlin bebe e embora no começo ela sinta certo repúdio por aquele líquido viscoso com gosto levemente salgado, ela também sente a descarga de poder que ele lhe transmite, e logo se vê bebendo profundamente. Ao fazer isso, se sente profundamente recuperada.

Caitlin ouve um latido, e vê Rose sentada ao seu lado. Ela dá seus restos de carne para ela, e Rose os engole com prazer.

Imediatamente, ela late pedindo mais. Madeline e Harrison pegam seus restos e os jogam na direção de Rose, assim como Polly e Patrick.

Logo, todos estão jogando seus restos para Rose, que se sente no paraíso, se esbaldando com cada pedaço de carne crua.

"Tudo vai ficar bem," diz Polly, "Sim, treinamos muito, mas nós vampiros também sabemos como nos divertir. Vai haver jogos mais tarde esta noite."

Caitlin não está preocupada. Ela tinha gostado de verdade do treinamento, e adorava estar ali. Ela amava exercitar-se, ficar ao ar livre, ver água por toda parte.

Ela gosta dos seus novos colegas de coven, e pela primeira vez que ela se lembra, sente-se em casa. Realmente em casa.

É então que ela o vê.

Pelo canto do olho, Caitlin percebe uma figura ao longe, andando na praia. A princípio, ela acha que está tendo uma visão, algum tipo de miragem.

Quem poderia estar andando lá? Ela tinha achado que todos do coven estavam ali, e os considera novamente. Enquanto observa, ela percebe que um dos lugares está vazio. Somente 23 estão presentes.

Caitlin olha a figura solitária, andando na distante praia, e se vê completamente transfixada.

Com um metro e oitenta, vestido de preto, bem mais pálido que todos os outros, cabelos castanhos meio compridos e ondulados e grandes olhos verdes. Mesmo de longe, ela sabe que há algo a respeito dele, algo tão impressionante, tão incomum, tão... Diferente de todos os outros. Ele anda devagar, olhando para a água, de costas para todos eles. Caitlin percebe que não consegue parar de olhar.

Polly a pega olhando. Ela se aproxima.

"Ah, então você viu ele pela primeira vez, foi?" pergunta ela. "Ele é o misterioso 24º. Pelo menos, quando resolve aparecer."

"Quando resolve aparecer?" Caitlin pergunta.

"Ele vive apartado de nós, a maior parte do tempo. Ele raramente treina conosco, e nunca comemos juntos. Ele até mesmo dorme em seu próprio quarto. A maior parte do tempo, ele fica andando na praia, olhando a água. Ninguém nem sabe sobre o que ele pensa. Ele redefine a palavra 'solitário'".

"Não estou entendendo," diz Caitlin. "Pensei que todos nós treinássemos juntos, comêssemos juntos..."

"Blake é a exceção," responde Patrick com escárnio. "Aiden sempre arruma uma desculpa para o Blake. Não sei por quê. Ele deveria ter que seguir as mesmas regras que nós. Não é justo, se você parar para pensar."

"Ah, Patrick, você não precisa ser tão duro," diz Polly. "Blake é um cara legal. Ele só gosta de ficar sozinho."

"Mas por quê?" Caitlin pergunta.

Mas ela já sabe a resposta. Mesmo de longe, com sua visão vampira, ela consegue ver seus olhos. Esse vampiro está completamente perdido no passado. Ele tinha sofrido profundamente, ela consegue perceber, e de alguma maneira tinha tido seu coração partido, e nunca mais se recuperado.

E provavelmente nunca iria se recuperar.

É estranho, mas mesmo à distância, Caitlin pôde sentir tudo o que ele estava sentindo. E é consumida por uma tristeza avassaladora. Por um lado, ela sente medo, mas por outro, sente-se grata, pois de alguma maneira tinha superado sua tristeza por causa de Caleb.

Naquele momento, como se sentisse a presença dela, ele se vira, e a encara. Seus olhares se cruzam, e mesmo de longe, Caitlin se sente atraída. Então, da mesma maneira repentina, ele se vira e se apressa em partir.

Caitlin sente um arrepio na espinha. E sabe, que se ela quisesse se manter fiel a Caleb, teria que ficar bem longe desse garoto.

## TREZE

Os olhos de Sam se abrem repletos de raiva. Ele olha ao seu redor pelo quarto, sem saber onde se encontra. Parece haver um pano em seus olhos, como um filtro. Algo está muito, muito diferente.

Ele pode sentir que está dentro de uma grande câmara de pedra. Embora mal iluminada, ele pode ver tudo claramente. Como se tivesse visão noturna.

Mas mais que isso. Ele não se sente como ele mesmo. Ele sente um novo tipo de poder cursando suas veias, em cada poro do seu corpo. Seu olfato também está apurado, assim como sua audição.

Ele se sente enfurecido. Preso. E ele quer quebrar alguma coisa.

Com esse novo senso de tato apurado, ele sabe mesmo sem olhar que seus braços e pernas estão presos. Ele sente o metal gelado cortando sua pele.

E sabe, instintivamente, que tem força para se soltar. Com um leve torcer de pulsos, ele arranca as correntes da parede. Blocos de cimento caem com elas. A força dele é incrível.

Ele olha a sua volta e, pela primeira vez vê, bem na sua frente, o que não tinha visto antes. Samantha. Parada ali.

Uma parte bem pequena dele a reconhece, mas outra parte não. Ele no fundo sabe que ela é familiar, mas a princípio, ele percebe outra coisa a respeito dela. Que ela é da sua raça. O que quer que isso signifique.

Ela dá dois passos na direção dele e coloca suas palmas no rosto dele, tentando fazer com que ele se concentre.

"Sam, você consegue me ouvir?" ela pergunta. "Preciso que você olhe pra mim. Concentre-se em mim. Preciso que me escute."

Ele sente o toque das mãos dela em seu rosto, e não gosta daquilo, não quer ser tocado por nada nem ninguém.

Com um golpe rápido ele bate no braço dela, tirando as mãos dela do seu rosto. Ela recua um pouco e o encara de olhos abertos, em

choque. Magoada.

"Não encoste em mim," Sam grita.

Ele está surpreso com o tom da própria voz. Era tão profunda, gutural. Como a voz de um animal.

"Sam, por favor, preciso explicar o que está acontecendo com você," diz ela. "Não tenha medo."

"Eu não tenho medo de nada," ele dispara, dando um passo na direção dela, deixando a raiva aflorar. "Eu poderia esmagar você em um segundo se eu quisesse."

Ela dá outro passo atrás, e ele vê medo em seu rosto.

"Sam, por favor, escute. Estou do seu lado. Confie em mim. Você tem que confiar em mim. Eu transformei você. Você está me ouvindo? Eu tive que transformar você."

*Me transformar*, pensa Sam.

O cérebro dele, sobrecarregado pela emoção e hormônios, tenta registrar o que ela estava dizendo. *Me transformar*. Uma parte dele começa a se lembrar. Sendo acorrentado. Samantha entrando no quarto. As presas dela... Sim, ele se lembra agora.

Ele a encara com recém-encontrado ódio.

Ela recua ainda mais.

"Por favor Sam, você tem que entender," continua ela. "Eu tive que fazer isso. Não tive escolha. Eles iam matar você. Você está me ouvindo? Eles iam matar você."

*Me matar*, pensa Sam, enquanto se aproxima de Samantha, pronto para matá-la. Algo sobre o que ela diz, o tom que ela usa, faz com que ele pare. *Me matar. Eles iam me matar.*

Agora ele se lembra. Os vampiros. O Coven. Sendo levado como refém.

"Eu salvei você," diz Samantha. "Eu impedi que você fosse morto. Eu não tive escolha."

*Me salvou*, pensa ele. E então tudo começa a fazer sentido. Ela tinha salvado ele. Ele agora se lembrava. Ela não era a inimiga. Sam finalmente para de se aproximar dela, e sente seu rosto relaxar à medida que o ódio diminui um pouco. Ela deve ter percebido, por que para de recuar.

"O que está acontecendo com você é normal," continua ela. "Pode acontecer quando somos transformados. Com você está sendo mais intenso, porque eu tive que fazer tudo tão rápido. Não havia tempo."

Sam de repente sente uma terrível dor atravessar a sua cabeça, pelos músculos. Ele se abaixa, segurando a cabeça nas mãos e gemendo de dor.

Samantha vai até ele e se agacha, colocando a mão nas suas costas.

"Sam, sinto muito," diz ela. "A dor, essa dor vai passar. Confie em mim. Tudo vai dar certo. Mas agora, precisamos sair daqui. Não temos muito tempo."

Sam mal consegue ouvir o que ela diz, a dor é tão forte. É impossível se concentrar.

"Sam, você está me ouvindo? Temos que escapar. Temos que fugir daqui! Só nós dois. Não há...".

De repente, eles ouvem batidas na enorme porta de carvalho.

Samantha olha na direção do barulho, enquanto Sam simplesmente o ignora, ainda com a cabeça nas mãos.

As batidas aumentam.

Com cada batida, Sam estremece. A dor está arrebatando a cabeça dele. Ele não consegue suportar aquele barulho.

"Sam, eles estão aqui," grita ela. "Eles vão nos matar. Preciso que você acorde. Preciso da sua ajuda. Nós precisamos lutar!".

As batidas continuam, e a dor ricocheteia na cabeça de Sam. Ele não consegue mais aguentar.

Ele salta de repente, avançando em direção à porta e, com sua força sobre-humana, arranca ela da parede.

Do lado de fora da porta há um grande grupo de vampiros, perversos executores que obviamente já tinham visto os dois guardas mortos ao lado da entrada. Eles estão ali para matar Sam e Samantha, isso está claro.

Mas Sam não lhes dá uma chance. Enquanto olham boquiabertos, surpresos que ele tenha força suficiente para arrancar a porta, Sam ergue o pedaço maciço de madeira com ambas as mãos, e quando os vampiros o atacam, ele se vira com ele em punhos.

Ele bate neles com força com a porta, lançando-os para trás, para o outro lado do quarto. Ao baterem na parede, caem atordoados. Sam então arremessa a porta em cima deles, esmagando-os com o peso.

Ele sente a raiva percorrendo todos os seus músculos e joga a cabeça para trás, urrando. É um som horrível, que preenche todo o local, forçando até mesmo Samantha a tapar os ouvidos. Ele está furioso.

Samantha o observa de longe, chocada com o monstro que havia criado.

Mas Sam sequer nota. Ele quer apenas matar, e seus recém-adquiridos sentidos o dizem aonde ir. Ele sai em direção a porta e atravessa o corredor, cobrindo 10 metros de uma só vez.

"Sam"! exclama Samantha atrás dele.

Ele não volta.

"Sam, você está indo pelo caminho errado! Este é o caminho de volta ao coven! Precisamos sair daqui. Precisamos escapar! Você tem que voltar! Você está indo direto para o olho do furacão!".

"Ótimo!" Refuta Sam, sem se voltar, ainda correndo, subindo um lance de escadas com um único salto.

Porque Sam não quer fugir do perigo. Ele quer encará-lo. De frente. E arrancar pedaço por pedaço dele.

\* \* \*

Sam atravessa os estreitos corredores embaixo da Prefeitura, correndo às cegas. Ele pode sentir onde deve ir, consegue sentir onde fica o ninho.

Ele quer uma carnificina. Uma batalha. Essas pessoas, eles são os culpados por ele estar ali, são responsáveis por seu cativeiro. Ele vai fazer com que paguem. Cada um deles.

Ele atravessa portas e mais portas, subindo diversos degraus, e afinal se encontra diante de enormes portas duplas. Sem hesitar, ele se dirige a elas, arrancando-as das dobradiças, e mais uma vez joga a cabeça para trás urrando.

O som é horrível e balança o chão de toda a câmara.

Cada um dos milhares de vampiros presentes se vira naquela direção. Mesmo para aquelas criaturas depravadas e imperturbáveis,

a demonstração de força de Sam é surpreendente.

Aquele não é um vampiro qualquer. O poder que ele tem, o som da sua voz, fica claro que há algo de especial nele.

Antes que possam reagir, mesmo com suas incríveis habilidades e rapidez, Sam avança sobre o grupo e arranca a cabeça de pelo menos dez deles. Ele anda pela câmara, levando destruição por onde anda. Suas mãos se tornam armas. Suas unhas se transformam em garras. Os músculos do seu corpo são como aço, e qualquer vampiro que tenta atacar ele é simplesmente repelido. Ele é como uma grande bola de destruição, causando pânico e mutilações por onde passa.

Logo a sala de vampiros está uma grande confusão com vampiros se esbarrando, correndo de um lado para o outro, tentando escapar.

Alguns se juntam, tentando organizar alguma forma de contra-ataque. Grupos inteiros se coordenam contra Sam, tentando controlá-lo. Mas ele simplesmente abre os braços, arremessando um grupo inteiro para o outro lado da câmara. Ele é uma máquina de destruição vampira.

Kyle logo percebe. Ele fica em pé no seu trono, elevado no centro da sala, e assiste à cena. Esse vampiro era diferente de todos os vampiros que ele já havia enfrentado, e ele logo percebe tratar-se de Sam. Aquela vagabunda. Samantha. Ela o tinha transformado. E obviamente esse garoto tinha poderes que nenhum deles havia previsto. Ele estava destruindo seu exército sozinho. Kyle não podia permitir isso.

Ele pula para fora do seu trono e aterrissa no meio da multidão, tirando seus próprios vampiros do caminho. Que exército lamentável. Eles não conseguiam se virar contra um garoto.

Kyle empurra e chuta, abrindo caminho, e logo está na frente de Sam.

Sam abre os braços e tenta acertar um tapa na cara de Kyle. Kyle, com sua incrível força e velocidade, consegue se defender por pouco. Ele fica surpreso com a imensa força dos braços de Sam. Ele nunca tinha encontrado nada parecido.

Tentando empurrar Sam para trás, Kyle fica ainda mais surpreso ao perceber que Sam não se move. Pelo contrário, Sam empurra Kyle de volta, e ele é lançado diversos metros no ar. Sentado no chão, Kyle está realmente atordoado. Nada assim nunca tinha acontecido com ele antes. Quem era esse garoto?

Kyle pega impulso, dá um salto no ar e chuta Sam, acertando os dois pés bem no peito dele. Isso manda Sam com força para trás, e também o pega despreparado.

Kyle pega a Espada, e a encosta no pescoço de Sam, pronto para matá-lo.

Mas algo o impede. Quando ele está pronto para perfura-lo, Sam desaparece bem na frente dos olhos dele. No lugar dele, Kyle vê sua ex-mulher. Keira. Ela não a via há centenas de anos. Ele tinha amado Keira profundamente, e a visão dela o abala. Como ela tinha chegado até ali? Onde estava Sam?

Antes que as perguntas possam ser respondidas, Kyle sente dois pés no peito e o chute, antes de ser arremessado para o outro lado do quarto. Ele bate forte com a cabeça no trono. E fica sentado no chão, desorientado.

Ele vê Keira partir na direção dele, e então vê sua forma se transformando em Sam novamente. E percebe o que tinha acontecido. Polimorfismo. Sam tinha esse poder.

Kyle está perplexo.

Sam parte na direção do rosto de Kyle, que desvia bem a tempo. E sorte a dele, por que o soco de Sam arranca um pedaço do trono.

Kyle ainda não consegue acreditar no poder daquele garoto. Ele não pode simplesmente matá-lo agora, disso ele tem certeza. Não com aquele tipo de poder. Ele precisaria aprender a controlá-lo, precisava dele como soldado.

Sam ataca de novo, e desta vez, Kyle rapidamente retira uma arma secreta do cinto: uma rede de prata. Quando Sam ataca, Kyle arremessa a rede, e sai do caminho.

A rede rapidamente se expande e encobre Sam em uma armadilha vampira, prendendo-o completamente.

Sam, todo enrolado, se contorce desesperadamente, mas é inútil. É claro que é: a prata imobiliza todos os vampiros. Era o método de captura favorito de Sam quando os queria vivos.

Enquanto Sam está se contorcendo no chão, um dos soldados, ensanguentado, se aproxima de Kyle correndo.

"Mate-o, meu mestre!" ele pede.

"Não," responde Kyle, calmamente, ainda ofegante. "Os poderes dele são raros. Precisamos dele."

Bem nesse momento, há outro estrondo na porta, e Samantha corre para dentro da câmara, agarrando Sergei por trás com um punhal de prata em seu pescoço.

Todos no quarto ficam tensos, todos os olhares nela.

"Se você matar Sam, eu mato o Sergei!" ela grita para Kyle.

Kyle sorri por dentro. Ele não dá a mínima para a vida de Sergei, e a simples ideia lhe parece cômica. Ela não percebe que ele também quer Sam vivo.

"Não vou matar ele," Kyle responde. "Deixe Sergei ir, e eu não mato você também."

"E como eu vou saber que você está dizendo a verdade?" pergunta Samantha, receosa.

"O polimorfismo é uma habilidade que eu não vejo há séculos. Não o quero morto. Eu o quero como meu soldado."

Samantha pode ver que ele diz a verdade. Ela solta Sergei, e ele sai correndo para o meio da multidão. Samantha dá alguns passos na direção de Kyle.

"Solte-o," ela ordena.

Kyle olha para baixo, ponderando.

"Está tudo bem," ela diz, se aproximando da rede, apenas a alguns metros de Sam. "Sam, você está me ouvindo?" ela pergunta. "Está tudo bem. A matança acabou. A vingança terminou. Está tudo bem agora. Eles vão deixar você ir, mas você não pode matar. Você é um de nós agora. Um soldado. Há outros para matar. Mas não os nossos."

"Como vou saber que ele não vai matar mais ninguém?" Kyle pergunta.

"Eu garanto," ela responde.

Após uma longa pausa, Kyle consente, e diversos de seus homens dão um passo à frente e removem a rede.

Sam dá um salto e para em pé, pronto para mais uma, mas Samantha o segura por trás, colocando a mão refrescante gentilmente em seu rosto. Ela o vira para ela, fazendo com a veia, que olhe nos olhos dela.

"Sam, escute o que vou lhe dizer," ela fala. "Eles não são nossos inimigos."

Sam olha para ela, tentando pensar, tentando ouvi-la.

"Paciência," continua ela. "Haverá muitos outros para matar mais tarde."

*Muitos mais para matar.* Sam sorri com a ideia. Sim, ele pode esperar. Afinal, ele estava apenas começando.

## CATORZE

Caleb voa sobre Manhattan com seu irmão Samuel ao lado, e dezenas de seus homens logo atrás. Vestindo o manto, Caleb segura o cajado com força em uma das mãos, enquanto seu irmão carrega a manopla. Ambos portam armas de que poucos vampiros seriam capazes de se defender.

Mesmo assim, Caleb sabe, elas não eram tão poderosas quanto a Espada, e se eles se enfrentassem durante uma batalha, as chances estariam contra eles.

Sem falar que tinham apenas alguns soldados, enquanto Kyle comandava milhares de vampiros.

Se pelo menos o coven de Caleb não tivesse sido tão intransigente, eles estariam levando milhares de vampiros à batalha e poderiam conseguir alguma vantagem e até mesmo ganhar esta guerra.

Mas com esta pequena força tática, Caleb sabia que seria uma missão suicida.

Ainda assim, ele tinha que tentar. Que escolha ele tinha? Ele não podia simplesmente se sentar e assistir enquanto Nova Iorque fosse tomada, que todos os humanos morressem impotentes. E ele não podia permitir que Kyle ficasse mais forte. Os juízes tinham sido simplesmente antiquados demais para enxergar isso. Essa era a escolha deles. Mas Caleb, como sempre tinha feito, não iria ficar esperando pela permissão de ninguém.

Ele voaria direto até a batalha, deixando todo o medo para trás, e encararia o que estivesse por vir.

Caleb olha para trás e se dá conta da imensa gratidão que sente por ter um irmão como Samuel ao seu lado. Através dos anos Samuel sempre tinha estado ao lado dele, pronto para encarar qualquer luta com o irmão. E tinham enfrentado algumas situações difíceis. Mas os dois sempre tinham saído vitoriosos.

Mais uma vez, os pensamentos de Caleb se viram para Caitlin. Ele não consegue passar muito tempo sem pensar nela. Ele se sente muito mal com o mal entendido entre eles, e mais do que qualquer outra coisa, está chateado que ela tinha achado que ele ainda nutria sentimentos por Sera.

Ele quer muito simplesmente esclarecer as coisas.

Ele pensa sobre a carta que tinha enviado, e se Caitlin a tinha recebido, se a tinha lido. Quando esta guerra terminasse, se algum dia ela acabasse e ele estivesse vivo, ele iria até Caitlin e tentaria se explicar. Não havia nada que ele quisesse mais do que deixar tudo aquilo para trás, e viver feliz junto com ela, em algum lugar. Se não for tarde demais.

Caleb olha para baixo ao sobrevoar o céu sobre Nova Iorque. É uma verdadeira loucura. Eles voam baixo sobre o Central Park West, na

beira do parque, e testemunham o caos que reina dentro e fora dele. Como em todas as outras partes da cidade, o Central Park West, por dezenas de quarteirões está completamente lotado de carros empilhados uns sobre os outros. Os passageiros buzina, se xingam, pulam para fora de seus carros correndo.

Mas antes que consigam ir longe, são atacados por vampiros mercenários. Por todos os lados, há sangue. Para cada humano, há pelo menos um vampiro. Eles estão rastejando por toda a cidade, como formigas. E estão despedaçando os humanos.

Caleb e seus homens continuam voando, em direção ao sul, indo para a Prefeitura. Eles passam pelo Columbus Circle e continuam, descendo pela Broadway. Se havia um lado bom nisso tudo, era que por enquanto todos os vampiros de Kyle tinham estado tão distraídos em terra que não se incomodaram em olhar para cima. Parecia que Caleb, Samuel e seus homens tinham total domínio do espaço aéreo.

Mas Caleb estava errado. De repente, quando ele e seu bando de guerreiros entram no Times Square, ele olha para cima e vê dezenas dos vampiros de Kyle voando na direção deles. Caleb e seus homens estavam tão preocupados em observar o que se passava em terra, que quase não têm tempo de se preparar para o impacto.

No último segundo, Caleb pega o cajado, enquanto Samuel ergue a manopla. Eles atacam, e conseguem acertar diversos vampiros em pleno voo. Mas há muitos deles. Antes que Caleb possa atacar mais uma vez, vários vampiros partem pra cima dele, agarrando-se a ele, arrastando-o para o chão. Ele aponta o cajado furiosamente, e consegue se livrar de alguns, mas dezenas de outros, como um enxame, se dirigem até ele. Ele está em grande desvantagem. E se vê despencando em direção a terra, bem no meio do Times Square.

Caleb bate com força no chão, dez vampiros em cima dele. Ele pode ver que Samuel e os outros também estão no chão.

Mas agora que estão em terra, Caleb tem uma vantagem. Ele consegue se levantar com um salto, e derruba cinco vampiros de uma só vez, girando o cajado desesperadamente. Ele então perfura o pescoço de outro vampiro, usando o cajado como uma lança. Ele bate com a ponta arredondada dele, esmagando a cabeça de mais um vampiro.

Depois, segurando o cajado pela ponta, com o braço esticado, ele dá uma volta e derruba mais 10 vampiros, criando um perímetro ao seu redor.

Samuel instintivamente se junta a ele e, de costas para Caleb, começa a bater e apunhalar com sua manopla. A manopla era uma arma incrível, e ao bater em outro vampiro, produzia um som oco, derrubando-os, lançando-os pelo ar.

Seus dedos protuberantes também tinham um propósito, e Samuel perfura os olhos e pescoços de muitos vampiros, levando-os ao chão.

De costas um para o outro, os dois lutam com todas as forças que têm, e juntos se livram de dezenas.

Os homens de Samuel, corajosos guerreiros, acabam com o restante deles.

Dentro de minutos, todos os vampiros de Kyle estão espalhados. Caleb examina seus homens e percebe que eles tinham perdido um deles durante a batalha. Muitos outros estão bastante machucados. Mas tinham sobrevivido.

Caleb olha a sua volta. Eles estão no meio do Times Square, bem no meio da civilização. E tudo está um completo caos. A área está iluminada, com os letreiros piscando, mas não há nenhum outro sinal de normalidade. Humanos correm e gritam por todos os lados, perseguidos por bandos de vampiros. O congestionamento de carros é tanto, que ninguém mais tenta dirigir, alguns saem de seus

veículos correndo, enquanto outros trancam suas portas e fecham suas janelas - como se isso fosse ajudá-los. Caleb observa uma mulher fechar e trancar a porta de sua SUV, apenas para outro vampiro arrancá-la do carro segundos depois, puxando ela para fora em seguida.

Caleb parte para a ação. Antes que o vampiro possa morder o pescoço dela, Caleb o perfura com o cajado, arremessando-o para cima de uma pilha de carros. A mulher, ainda gritando, olha para Caleb em choque.

Caleb olha à sua volta, e vê humanos sendo seguidos por vampiros em todos os lados. Sem hesitar, ele parte para cima dos vampiros, e é seguido por Samuel e seus homens.

Eles salvam inúmeros humanos, um após o outro.

Quando terminam, mais dezenas dos soltados vampiros de Kyle estão mortos ou inconscientes.

Eles não eram páreo para as armas de Samuel e Caleb, para os guerreiros de Samuel - e tinham sido pegos de surpresa, vulneráveis, no meio de suas refeições. Dentro de minutos, a energia no Times Square muda e os poucos vampiros de Kyle começam a fugir.

Caleb e seus homens os perseguem, até que finalmente voam, fugindo dali. O Times Square é deles.

Os humanos que ainda estão ali percebem o que acaba de acontecer e explodem em gritos de comemoração. Caleb olha a cena, e percebe que muitos deles estavam lhe dando tapinhas nas costas em sinal de agradecimento.

"Quem é você?" um deles pergunta.

Caleb olha para baixo e vê um garoto, de talvez 10 anos, olhando para ele com admiração. Ele percebe que, do ponto de vista da criança, seu manto de força e cajado de marfim faziam-no parecer um super-herói.

"Apenas um vampiro amigável do bairro," responde Caleb com um sorriso.

"Você pode salvar meu pai?" pergunta o garoto.

Ele leva Caleb até seu carro e abre a porta. Sentado no banco do motorista está um homem visivelmente doente, coberto de feridas.

Caleb balança a cabeça negativamente. Ele identifica o problema imediatamente. A Peste Bubônica.

Caleb é tomado de desgosto e tristeza. Kyle deve ter desencadeado a peste, ele observa. Ninguém mais seria tão maquiavélico.

Caleb sente uma presença ao seu lado e vê Samuel o encarando.

"Isso é trabalho do Kyle," diz Caleb.

Samuel também balança a cabeça.

Caleb se sente mais determinado, ainda mais certo de seus propósitos e ideais. Agora, mais do que nunca, ele sabe que tem que impedir Kyle. E que cada segundo contava.

Ele ouve uma confusão repentina e ao olhar vê, do outro lado do Times Square, centenas de vampiros vindo na direção deles. Eles andavam com casualidade e confiança, indo direto na direção de Caleb e Samuel. Os humanos gritam, abrindo caminho e correndo em todas as direções.

Mas Caleb e Samuel não sentem medo. Ao observar mais de perto, Caleb percebe que aqueles não eram os homens de Kyle. Eles eram

de um coven diferente, disso ele sabia. E era um coven do bem, ele presente. Estavam do lado dele. Eles saem pelas portas da Igreja do Times Square.

Os vampiros chegam a alguns passos de Caleb e param, e seu líder encara Caleb abertamente.

"Queremos nos juntar a vocês," diz o líder, simplesmente.

Caleb concorda, observando seus números, centenas deles, e se sente revigorado.

"Nós vamos para a Prefeitura," afirma Caleb. "O coven Blacktide. Vamos acabar com eles de uma vez por todas."

O líder deles concorda, abrindo um leve sorriso.

"Isso é algo que venho pensando em fazer há milhares de anos," diz ele.

Samuel sorri.

"Então se juntem a nós!"

Caleb, Samuel e seus homens se viram e alçam voo e, ao fazerem isso, Caleb ouve um forte bater de asas, e sente a enorme presença, em sua retaguarda, de centenas de outros vampiros. Agora eles tinham um exército. E ele o levaria direto até a Prefeitura.

## **QUINZE**

Sentada na enorme e caótica câmara, rodeada de milhares de vampiros, com Kyle sentado em seu trono e Sam em pé ao seu lado, Samantha pensa na rapidez com que tudo havia acontecido. Ela não tinha antecipado nada disso. Ela tinha imaginado sua fuga deste lugar há muito tempo, com Sam, ambos deixando tudo isso para trás. Mas as coisas tinham acontecido de maneira bem diferente.

Ela sabia que estava correndo um risco ao transformar Sam tão abruptamente, e que qualquer coisa poderia acontecer. Ela não tinha tido muito tempo, e teve que assumir os riscos. Ainda assim, ela nunca tinha imaginado qualquer coisa semelhante. Sam tinha acordado em fúria, e com um poder além de qualquer coisa que ela já tinha testemunhado. Ele também parecia ter algum tipo de sangue dentro dele, algo que Samantha não reconhecia. Ela nunca - nunca - tinha visto um jovem vampiro tão poderoso. Talvez fosse por que ele era da mesma linhagem que Caitlin. Mas nele, o sangue parecia ser mais negro, mais cruel.

Ela não tinha previsto a falta de controle de Sam, sua insistência e sede por sangue, por vingança.

Isso tudo a tinha surpreendido. Ele era como uma criatura selvagem, não domesticada.

E ela o amava ainda mais por isso.

Ela também não tinha previsto que ele fosse invadir a câmara daquela forma, matando tantos do coven dela. Ou sua força incrível. Ela se sentia honrada por ele não ter tentado matá-la também.

Ela também não tinha antecipado que Kyle fosse capturá-lo, ou a decisão de Kyle de deixá-lo viver, para torná-lo um de seus soldados.

A mente dela está confusa. Relatos chegavam de todos os cantos da cidade de que o Coven Blacktide - o coven de Kyle agora - estava dominando a cidade. Todos os tipos de vampiros de covens

vizinhos estavam rastejando para fora de seus ninhos, ansiosos para juntar-se à guerra.

Todos adoram um vencedor, e os números do exército de Kyle cresciam a cada minuto. A hora do coven Blacktide tinha chegado. Não havia como escapar dele, e o efeito cascata do que estavam fazendo eventualmente atravessaria o mundo.

Samantha estava começando a reconsiderar seus planos. Afinal de contas, ela estava exatamente onde deveria estar naquele momento, em um lugar de poder, Sam estava vivo, já tinha sido transformado e Kyle o queria como soldado de seu exército. Ele não corria mais perigo, e nem ela.

Pelo contrário, estavam na posição ideal, o lugar certo na hora certa, com a oportunidade de conquistar poderes até então inimagináveis.

Talvez ela não devesse tentar fugir com Sam, afinal. Quanto mais Samantha pensava nisso, mais ela sentia que não deviam fugir. Em longo prazo, ela sabia que seria melhor para ela e para Sam nadarem com a corrente, ver onde aquilo tudo acabaria. Não fazia sentido os dois tentarem encarar um exército inteiro. Enquanto estivessem juntos, não faria diferença qual caminho seguir.

Ela era uma sobrevivente, uma oportunista. Era isso que a tinha ajudado a permanecer viva por milhares de anos. E agora, pelo menos, parecia que o caminho de menor resistência era participar da guerra de Kyle.

Ela e Sam ficam em pé juntos, próximos ao trono de Kyle. Ela olha dentro dos olhos de Sam, e pode ver que ainda estão desfocados, que ele ainda está passando pela transformação. Ele não parece capaz de registrar o que se passa com clareza, e parece ignorar os outros vampiros que se aproximam, tentando falar com ele. Por sorte, uma parte dele ainda parece ouvir Samantha. Na verdade, ela parece ser a única que ele reconhece.

Talvez porque ela o tinha transformado. Ou talvez porque, de alguma forma, ele se lembra dela. O que quer que seja, Samantha se sente grata. Ela estica o braço e pega a mão dele, segurando com firmeza. O que quer que aconteça, ela o ajudará, ficará ao seu lado.

Naquele instante, as enormes portas se abrem, e entra na sala um contingente de vampiros, machucados e ensanguentados, parecendo bastante agitados. Eles marcham até o centro da sala. Todos abrem caminho para eles.

Kyle se levanta, e Samantha pode ver a preocupação estampada em seu rosto.

O que quer que fosse não era nada bom.

\* \* \*

Kyle analisa o grupo de vampiros vindo em sua direção. Ele não gosta do que vê, e já pode sentir a raiva se acumulando dentro dele. Ele sabe que as notícias que eles trazem não são boas. Kyle não tolerava perder, não tinha paciência com perdedores, e se essa fosse a notícia que eles traziam, pagariam caro por isso. Se eles estavam pensando que encontrariam compaixão nele, estavam muito enganados.

O grupo de pouco mais que uma dúzia de vampiros se aproxima do trono de Kyle, fazendo uma reverência. Eles se levantam e o vampiro do meio começa a falar, o medo evidente em sua expressão.

"Líder supremo," diz ele, "trazemos más notícias. Perdemos muitos de nossos irmãos em uma luta. Outros covens se juntaram e agora nos enfrentam nesta batalha."

Um murmúrio de surpresa se espalha pela câmara.

"SILÊNCIO!" grita Sergei. Ele bate seu cajado repetidas vezes no chão, até que todos se acalmam.

Kyle encara o grupo, sentindo o ódio tomar conta do seu corpo. Guerreiros patéticos. Por que eles não lutavam como ele?

"E que coven teria a audácia de lutarem contra nós?" ele pergunta, calmamente.

"Meu líder, reconheci apenas dois dos vampiros. Um era Caleb e o outro, Samuel, do coven White."

Outra onda de indignação se espalha entre os presentes.

"E isso não é tudo," continua o soldado, gritando para ser ouvido, "eles carregavam armas que não conseguimos reconhecer. Um cajado de marfim, uma manopla dourada. Contra estas armas, não havia muito a fazer. Estávamos em maior número, e mesmo assim eles quase nos destruíram."

A multidão começa a se manifestar.

"E pior!" grita ele, "vimos outros covens começando a se juntar a eles. O exército deles se fortalece enquanto falamos. E eles estão vindo para cá!".

A multidão irrompe em caos.

"SILÊNCIO!" grita Sergei diversas vezes, batendo seu cajado. Após diversos minutos, a multidão finalmente se acalma.

Kyle encara o soldado com frieza. Ele treme, se esforçando para conter sua raiva. Mas não está funcionando.

"Então," começa ele, em tom gélido, "você nos traz notícias de uma perda. Você está nos comunicando sobre sua derrota. Está contando como fugiram como covardes."

Os olhos dos soldados se contorcem de medo.

"Meu caro líder, temos que reportar o que está acontecendo. Temos que avisá-lo. Precisamos lhe dar...".

Kyle ergue a mão, e o soldado para de falar sem completar sua frase,

"Você sabe que só existe uma regra em meu exército," fala Kyle. "Nunca recuar. Nunca."

Com isso, Kyle de repente pega a Espada em seu trono, salta até o chão e com um golpe rápido, corta as cabeças de todo o grupo de vampiros.

As cabeças saem rolando, mas os corpos continuam em pé por alguns segundos antes de lentamente despencarem até o chão.

A sala é tomada por um completo silêncio, exceto pelo som das cabeças rolando.

Kyle está prestes a abrir a boca e preparar seu povo para a guerra, quando a porta se abre mais uma vez.

Dezenas de humanos entram vestidos com ternos, e começam a atravessar o centro da sala com arrogância, em direção a Kyle. Kyle pisca duas vezes, pensando que está imaginando aquela cena. Mas não está.

São eles. Os políticos. Os que viviam no andar de cima, acreditando que mandavam naquele prédio, naquela cidade. Eles avançam com a petulância típica da raça humana, mas logo se veem rodeados por milhares de vampiros, o sangue espalhado no chão e as cabeças recém-cortadas, e a confiança deles diminui drasticamente. Dramaticamente.

Eles olham para Kyle, que sorri com sarcasmo, segurando a espada pingando sangue, e de repente não parecem tão seguros de si.

"Como ousam entrar em nossa câmara?" Kyle pergunta.

"Vocês vivem embaixo do *nosso* prédio," o político chefe responde. "Nós deixamos vocês viverem nesta câmara. Não se esqueçam disso. Com um piscar de olhos, podemos trazer os militares americanos aqui pra explodi-los e acabar com a existência de vocês."

Kyle sorri abertamente. Ele admira a arrogância deste homem. Na verdade, ele gosta dele o suficiente para matá-lo rapidamente.

"Sério?" Kyle pergunta.

"Toleramos sua permanência aqui, durante todos estes anos, porque vocês sempre serviram os nossos interesses," continua o político. Mas agora, com esta peste que você liberou, pessoas inocentes estão morrendo nas ruas. Não recebemos aviso algum sobre isso, e nem lhes demos nossa permissão. Seus dias aqui terminaram. Façam as malas e saiam daqui. Caso contrário, traremos a Guarda Nacional, e se ainda estiverem aqui, acabaremos com todos vocês."

Kyle abre ainda mais o seu sorriso, dando alguns passos em direção ao político, e os outros vampiros se aproximam junto com ele. Ela está começando a gostar da brincadeira. Se esse pobre humano fosse vampiro, Kyle poderia até se tornar seu amigo.

"Preciso lhe fazer uma pergunta," começa ele devagar, chegando ainda mais perto, e ao fazer isso pode ver os olhos do humano se arregalarem de medo, "para que seus militares venham até aqui e 'acabem com todos nós', não seria necessária uma ordem?"

O humano recua um passo.

"Sim, é claro," diz ele, agora já sem muita segurança.

"E quem daria esta ordem?" Kyle questiona.

"Eu mesmo," o homem responde com confiança.

Kyle não contém o sorriso.

"Como eu pensava."

Kyle sinaliza para Sergei, que por sua vez sinaliza para outro vampiro, e um segundo depois as portas se fecham atrás dos políticos com um estrondo.

Os políticos olham para trás, e então se entreolham, virando-se pra Kyle em seguida, para os vampiros ao redor deles. Agora pareciam apavorados.

"Muito bem," diz Kyle solenemente, "imagino que esta ordem nunca vá chegar até eles, não é mesmo?".

Antes que o humano possa responder, Kyle o golpeia com a Espada, cortando sua cabeça com um único movimento.

Dentro de segundos, centenas de vampiros atacam os políticos restantes, alimentando-se o quanto podem.

Kyle se vira e parte na direção de Sam e Samantha. Ele para na frente deles, mal contendo a própria raiva.

Ele olha dentro dos olhos de Sam, e reconhece uma raiva semelhante em seu olhar. Kyle pode sentir dentro do rapaz uma alma gêmea, e já o considera um amigo. Mais importante ainda, ele está impressionado com seu polimorfismo. É exatamente o tipo de poder que ele poderia usar para pegar seus inimigos de surpresa. Era esse o soldado que ele queria ao seu lado.

"Esse Caleb continua sendo uma pedra em meu sapato," ele fala pra Sam. "Assim como sua irmã. Onde um está logo o outro aparece. E enquanto ambos permanecerem vivos, nós não teremos paz," completa. "Vejo que se eu quiser um serviço bem feito, terei que matar estes vampiros, sozinho. E mais, preciso capturar esse Caleb. Com ele aqui, sua irmã vai aparecer. E então nada mais restará em nosso caminho."

Ele dá mais um passo em direção a Sam.

"Quero você ao meu lado na batalha que virá."

Sam o encara de volta, exalando raiva. Kyle, surpreendentemente, não consegue ler seus pensamentos. Obviamente o garoto está em outra dimensão.

"Estou pronto para matar", diz Sam, devagar.

"Apenas me mostre o caminho."

Kyle analisa Sam. É exatamente esta a resposta que ele esperava.

Sim, pensa ele, esse poderia ser o início de uma bela amizade.

## **DEZESSEIS**

"Caitlin? Caitlin, acorde! Você está atrasada!".

A voz continua, incessantemente, repetidas vezes, acompanhada de batidas na porta do seu quarto. Caitlin finalmente abre os

olhos, despertando de um sono profundo. Deitada de bruços na cama, ela olha a sua volta, ainda desorientada.

A ilha. Ela ainda estava na ilha. Graças à Deus.

Em seu pequeno quarto, no alto da torre, nesta pequena ilha que ela tinha aprendido a chamar de lar, ela se sente segura. Ele olha para os pés da cama e vê Rose, deitada ali, olhando-a pacientemente. Ela deve estar com fome, esperando que ela acordasse também.

Caitlin se senta na cama e estremece com os brilhantes raios de sol que entram por suas janelas abertas. Ela rapidamente estica o braço e pega seu colírio, pingando uma gota em cada olho.

"Caitlin, Caitlin. Deixe-me entrar!" diz a voz mais uma vez.

*Polly.* O que será que ela queria uma hora dessas? Caitlin não tinha nenhum relógio - não havia eletrônicos em qualquer parte da ilha - mas ela não precisava de um para saber que o sol mal tinha nascido. Era cedo demais.

"Entre!" Caitlin finalmente responde, "Está aberta!"

A porta se abre com força, e Polly entra excitada, ofegante, como sempre, como um grande sorriso nos lábios. Ela parecia pronta e animada para encarar o novo dia. Caitlin se pergunta onde ela arrumava tanta energia.

Ela fica sentada, na beira da cama, segurando a cabeça com as mãos, massageando os olhos e prendendo seus cabelos em um rabo. Seus pensamentos estão confusos. O dia não seria fácil.

Ela tinha ficado acordada a maior parte da noite, conversando com seus colegas de coven.

Agora ela consegue se lembrar. Hoje era o dia dela. Ficar de guarda. Ela boceja, esgotada. Bem, pelo menos ela não tinha mais sonhado com Caleb. Uma coisa a menos.

Polly corre até ela, entrelaçando seu braço no dela, e a coloca em pé.

"Se você se atrasar, o Aiden vai matar você. Você nunca, nunca deve se atrasar para montar guarda. Começa em dez minutos. E é puxado. A ilha é maior do que você pensa. Vista-se, vamos," diz ela, de uma só vez.

Caitlin analisa o quarto e vê suas roupas espalhadas pelo chão. Polly tinha sido bastante generosa, dando a Caitlin diversas roupas. Por sorte, eram do mesmo tamanho. Caitlin esperava que todas as roupas de vampiros fossem pretas, ou no mínimo diferentes tons de preto, mas ficou surpresa ao ver que o guarda roupa de Polly era composto em grande parte por roupas rosas e roxas. Polly tinha dado um sorriso sem graça, dizendo:

"Bem, só porque sou vampira não significa que eu tenha que ser como os outros. Não há uma regra, sabia. Posso usar a cor que eu quiser".

Fazia sentido. Se algum vampiro tinha que usar roxo e rosa, com certeza seria Polly. Ela era a pessoa mais feliz que Caitlin já tinha conhecido, e ela não conseguia imaginar Polly vestindo preto, isso jamais.

Então, mais uma vez, Caitlin se encontrava vestindo roupas que não eram de sua escolha. Ela se veste prontamente, olhando-se no grande espelho.

Nenhum reflexo. Claro. Ela tinha esquecido.

Esse era um lado da vida vampira que não lhe faria falta.

Ao invés disso, ela olha para si mesma. Toda de rosa. Ela devia estar ridícula.

"Você está ótima," diz Polly. "Podemos ir agora?"

Caitlin e Polly se apressam em sair do quarto, seguidas por Rose. Rose fica pulando em cima de Polly, como de costume, e Polly agradece, acariciando sua cabeça. Rose gostava de Polly, e o sentimento era mútuo. Caitlin não se surpreende.

Rose parecia gostar de todos que eram gentis com Caitlin, e odiar qualquer pessoa que não gostava dela. Ela estava sempre ao lado de Caitlin. Sempre.

Ao descerem pelos sinuosos degraus de pedra, um a um, Caitlin admira a vista das deslumbrantes águas do Rio Hudson, iluminadas pelo sol da manhã. Era uma vista linda. As brisas frescas lhe refrescavam, e ela se sentia como uma princesa no céu, descendo de seus aposentos. Ela tinha sorte em estar ali.

"Aposto que você nem sabe onde está indo, sabe?" Diz Polly com um sorriso, balançando a cabeça. "O que você faria sem mim?"

Caitlin entrelaça seu braço no de Polly enquanto caminham.

"Provavelmente dormiria," responde Caitlin com certa ironia.

Elas entram na densa floresta, que começa a desabrochar com as flores de Abril, e Caitlin segue Polly pelas trilhas, para um lado e pra o outro, subindo e descendo.

"Bem, para sua informação, eu não estou de guarda hoje," Polly fala. "Na verdade, não há nada que eu gostaria mais do que dormir até a tarde. Mas algo me disse que você faria isso, então levantei cedo, pulei para fora da cama só pra te ajudar com isso."

Caitlin fica sensibilizada pelo gesto.

"Obrigada, Polly. Te devo uma."

"E deve mesmo," retruca Polly, piscando o olho, "e estive pensando sobre aquela roupa da Lily Pulitzer que você guarda no seu quarto. Eu nunca a vi vestindo ela, e estive pensando, bem, se você por acaso quisesse agradar alguém...".

"Ela é sua," responde Caitlin, alegremente.

Ela queria se livrar daquelas roupas de qualquer forma, pois não eram as melhores cores para ela, e a faziam recordar Edgartown, de seu tempo ao lado de Caleb. Ela fica feliz que Polly gosta delas. Os olhos de Polly se abrem de espanto.

"De verdade? Você esta falando sério? Quero dizer, não quis pressioná-la, estava falando por falar, não estava falando sério, você não me deve favor algum..."

"De verdade. Por favor," diz Caitlin. "Você estaria me fazendo um favor."

"Por quê?" pergunta Polly, de olhos arregalados.

Caitlin não quer explicar.

"Hmm... elas não me servem".

Na verdade, serviam perfeitamente nela.

"Mas nós somos do mesmo tamanho," afirma Polly, confusa. Polly era inteligente de mais para ser enganada tão facilmente.

Caitlin pensa rápido.

"O que eu quis dizer foi... o material, o tecido... não é bem... do tipo que gosto de usar."

"Ótimo!" exclama Polly, emocionada. "Agora eu te devo um favor. E um grande. Vou conversar com alguns dos nossos colegas de coven e ver se alguém tem uma roupa preta bem bonita pra você. Eu sei que você gosta de preto e, além disso, você vai precisar de alguma coisa para vestir no concerto de hoje à noite."

"Concerto?" Caitlin pergunta.

"Ai meu Deus, você não está sabendo?" Polly pergunta. "É o concerto da primavera. Acontece todos os anos. Todos vão acompanhados. Costuma ser meio estranho, pois antes de você chegar, havia 23 de nós, mas agora, com você aqui somos 24. Uma garota para cada rapaz. Estão todos muito animados! A divisão vai dar certo este ano. E as únicas duas pessoas ainda sem par são você e o Blake."

*Blake, pensa Caitlin. Ótimo. Não estou aqui nem há uma semana e já estou sendo pressionada a participar de uma situação romântica.*

"Ai meu Deus, eu te contei?" continua Polly. "Patrick me convidou! Estou tão animada!" diz ela, radiante.

Perfeito, pensa Caitlin. Isso não só tiraria Patrick do pé dela, como deixaria Polly feliz. Ela fica feliz em ter rejeitado as investidas de Patrick, e feliz que ele tenha convidado Polly.

As duas continuam andando de braços dados pela ilha, dentro da floresta, subindo e descendo pelas trilhas. Enquanto andam, Caitlin começa a se sentir mais desperta, e começa a se perguntar onde estava indo.

"Onde estamos indo exatamente?" pergunta Caitlin, começando a ficar cansada por causa da caminhada em ritmo acelerado. "O que é montar guarda mesmo?"

"É um rodízio," responde Polly. "Todos nós temos que fazer isso uma vez por semana. Montamos guarda de manhã, enquanto os

outros dormem. Caso alguém se aproxime da ilha. Humanos ou não. Aiden também usa a guarda como um exercício de treinamento. Montar guarda nos mantém em alerta, e também nos faz acordar mais cedo do que estamos acostumados. E cria um espírito de equipe. Ou alguma coisa assim. Você sabe, coisas típicas do Aiden. Mas devo dizer, que faz um certo sentido. Criei vínculo com mais pessoas durante a guarda do que em qualquer outra situação."

"Criou vínculo?" pergunta Caitlin, de repente preocupada. "O que isso quer dizer? Pensei que fosse uma tarefa solo? Eu achei que todos montassem guarda sozinhos?"

Polly dá uma risadinha, balançando a cabeça.

"Nossa, você tem muito que aprender. Não, de maneira alguma. Há sempre dois de nós em cada rodízio. Em pares. Ficamos juntos, cuidando um do outro."

Caitlin pensa.

"Então, se você não está de guarda hoje, isso quer dizer que estou fazendo dupla com outra pessoa? Tipo, alguém está esperando por mim?"

"E ele provavelmente vai estar nervoso," completa Polly. "Você já está 10 minutos atrasada. A única regra que temos é nunca nos atrasarmos."

"Ele?" Caitlin pergunta. Seu coração se aperta.

Ela torce para não ficar sozinha durante a guarda com a única pessoa que não gostaria de ver.

"Blake," responde Polly, confirmando a suspeita de Caitlin. "Você é a feliz ganhadora," emenda ela com sarcasmo.

O coração de Caitlin se aperta. Blake. Ele era a única pessoa de todo o grupo que conseguia aterrorizar Caitlin. Não que ela tivesse medo dele.

Não. Ela tinha medo que ela sentia por ele. Depois de vê-lo rapidamente no dia anterior, durante o almoço, ele não tinha saído dos seus pensamentos.

E quanto mais ela pensava nele, mais difícil estava ficando se concentrar em Caleb. Por outro lado, ela queria esquecer Caleb.

Mas uma parte dela não conseguia esquecê-lo, apesar de sua traição. Então, juntando todas as suas forças, ela tinha finalmente tirado Blake da cabeça no dia anterior.

E agora, isso. Sozinha. Junto dele. Apenas os dois. Montando guarda, por sabe-se lá quantas horas. Só podia ser uma piada sem graça. Por que justo ele, de todas as pessoas? E por que ninguém mais parecia gostar dele?

"Por que você diz que sou a feliz ganhadora?" Caitlin pergunta.

"Bem, se você não percebeu, ele não é exatamente sociável," Polly responde. "Você o viu. Ele não se mistura. Não gosta de conversar."

"Mas por quê?" pergunta Caitlin, ao darem mais uma volta pela trilha da densa floresta. "Por que ele é assim?"

Polly dá de ombros.

"Não sei. Nem fico pensando nisso. Não gosto de pensar sobre pessoas infelizes. Me deixa pra baixo."

Elas chegam ao topo de um pequeno monte, e ali, à uma certa distância, há uma ruína de pedras de quase dez metros de altura, os restos de uma fortificação do castelo, parcialmente submersa no rio. As ruínas ficavam no rio, afastadas uns cinco metros da ilha.

E, no topo delas, encarando-as, está Blake. Ele estava segurando uma lança em uma das mãos e, da maneira como se encontrava, de costas para o rio e para o céu aberto, ele parecia ser o último guerreiro que restava na face da terra.

"Todo seu," diz Polly., e com um beijo rápido no rosto de Caitlin, ela parte.

Caitlin sente as batidas do seu coração, com receio de ficar sozinha.

"Espere!" Caitlin grita.

Polly se vira, mas continua caminhando, indo cada vez mais longe.

Caitlin não sabe o que dizer. Ela queria apenas uma desculpa que impedisse Polly de deixá-la sozinha.

"Quanto tempo... quanto tempo isso dura?"

Polly ri, ao ver a situação de Caitlin.

"Não se preocupe. Tenho certeza que vocês voltarão para o almoço!" ela responde. "Venha Rose!" completa ela.

Mas Rose permanece onde está, tentada, mas recusando-se a abandonar Caitlin.

Polly dá mais uma risada, e com alguns passos largos, desaparece dentro da floresta.

Caitlin se vira e observa a fortificação. Blake tinha virado de costas para ela, então pelo menos ela não teria que lidar com seu olhar, ou deixar que ele observasse enquanto ela se aproximava.

Ela dá passos tímidos até a praia, com Rose ao seu lado, e fica parada na beira da água. Ela olha para cima, observando o forte de pedras. Ele se estende quase 12 metros acima da água, e há uns bons 5 metros de água entre ela e o forte. Ela se pergunta como

chegaria até lá. Ela sabe que, com seu poder vampiro, um pequeno impulso e um salto a levariam até lá. Mas ela não estava a fim de tanto esforço tão cedo. E não queria deixar Rose para trás.

Caitlin examina a água e vê, mergulhada abaixo da superfície, uma passarela de madeira que levava até o forte. Mas a água cobria a passarela em pelo menos meio metro, ela teria que se molhar até as coxas para chegar até lá. Ela coloca um dedo na água. Ela está bastante gelada pela manhã.

"Olá?" Caitlin grita.

Ele permanece lá, de costas para ela.

"Olá?" ela grita mais uma vez, irritada. Que falta de educação. Ele deveria ter se virado, reconhecido a presença dela, deveria ter respondido e a recebido com um sorriso. Em vez disso, ele apenas se mantém de costas.

"Você está atrasada," diz ele secamente, ainda de costas.

"Bem, estou aqui agora," responde Caitlin, "e preciso saber como chegar até aí. Parece que a passarela está coberta pela água."

"Está mesmo, responde ele. "A maré subiu. Você deveria ter chegado mais cedo; é isso que acontece quando se atrasa."

Caitlin sente seu rosto se enrubescer de irritação.

Obviamente, ele não era do tipo de pessoa que deixava as coisas pra lá.

Caitlin não tem escolha. Ela enrola a barra das calças acima do joelho, e entra nas águas geladas do rio. Ela faz caretas no caminho, sentindo água gélida como se fossem milhares de pequenas agulhas.

Rose, sempre animada, a acompanha, nadando pelo rio.

À medida que Caitlin avança, a água vai ficando mais funda, chegando até acima dos seus joelhos, e então de suas coxas - alto o suficiente para molhar suas calças. Ótimo.

Ela finalmente chega do outro lado. Ela estica o braço e pega Rose, tirando ela da água e ajudando-a com o parapeito de pedra. Então ela mesma sai da água, agarrando uma cavilha e se erguendo até o parapeito com um único movimento.

Ela agora se encontra em um pequeno parapeito de pedras, no lado oposto de Blake, que ainda está de costas.

Rose se chacoalha, jogando água para todos os lados, que respinga até sobre Blake. Caitlin vê que ele se retrai, para sua grande surpresa. Bem feito.

Molhado pelas águas do Rio Hudson, não resta outra escolha a Blake a não ser se virar e cumprimentá-la. Ele parece irritado.

"Nada de cães," diz ele.

"Rose não é um cachorro," Caitlin responde, friamente. "Ela é um lobo. Seu nome é Rose, caso você esteja curioso. E ela fica aqui comigo," conclui Caitlin, em tom desafiador. Ela encara Blake.

Seus olhares se cruzam, e eles se encaram de lados opostos. Caitlin pode ver pela expressão dele que ela o tinha surpreendido - que Blake não sabe ao certo como responder.

Por fim, derrotado, ele se vira de costas mais uma vez, e volta a observar o rio.

Caitlin fica feliz com sua pequena vitória. Ela desenrola a barra de suas calças devagar, torcendo-as para remover o máximo de água possível. E torce para que o sol da manhã as seque.

O forte de pedras não era muito grande, talvez 5 metros de largura, e não havia aonde ir. Ela não conseguia entender o propósito de montar guarda.

Com que frequência, ela se pergunta, um humano ou vampiro tentaria atacar, ou mesmo visitar, aquela ilha remota? Aquilo tudo não fazia o menor sentido, e era bastante tedioso. Pior ainda, ela ficaria presa ao Blake pelas próximas horas.

Ela não conseguia acreditar que ele não conversaria com ela durante todo aquele tempo.

Bem, se ele não fosse começar, ela daria o primeiro passo, alguém tinha que ser civilizado.

"Eu sou Caitlin, a propósito," diz ela, dando-lhe mais uma chance.

"Eu sei," responde ele, ainda de costas.

Agora ela fica brava. Pronto, essa tinha sido sua última chance. Com que direito ele tinha a audácia de ficar ali parado, nem ao menos se virar para ela?

"OK," retruca Caitlin. "Ótimo. Faça como quiser."

Ela se afasta o quanto pode até o outro lado e fica ali, olhando na outra direção. Na verdade é um alívio. Todas as ilusões amorosas que ela tinha, baseadas na experiência do dia anterior, baseadas no pouco tempo em que o tinha visto, começam a se desfazer. Ele não é, como ela tinha imaginado, um ótimo partido. Ele é um idiota. E fazia ficar mais fácil não gostar dele. O que era exatamente do que ela precisava agora.

Mas algo ainda a incomoda. E ela não consegue deixar passar. Por que ele era grosso? O que teria acontecido com esse garoto? O mistério a incomoda.

O tempo passa e ela fica ali, observando o rio, e Caitlin começa a ser perguntar se o problema não seria que ele não gostava dela. Seria isso? Se fosse, pensa ela, do que será que ele não gostava nela? Seria sua aparência física? Ou a maneira como ela se vestia? Por que ela tinha se atrasado?

Ela não conseguia entender porque isso era tão importante.

Não, conclui ela, deve haver mais algum motivo.

Ela nunca tinha encontrado ninguém em toda sua vida que não gostasse dela desde o primeiro encontro. Isso a incomoda. Ela tem que entender por que.

"Então," ela finalmente fala ao virar-se, quebrando o silêncio, "por que você me odeia?".

Ele se mantém de costas, mas desta vez ela nota que ele vira ligeiramente o pescoço em sua direção.

"Eu não te odeio," responde ele, depois de algum tempo.

"Ah, entendi," diz ela. "Você odeia todo mundo, é isso?"

Isso o afeta. Ele finalmente se vira, e a encara. Com uma careta.

"Eu não odeio ninguém," responde ele.

"Ah, sim, é óbvio," ela retruca.

Ele deve ter percebido que ela tinha razão, pois a expressão de seu rosto se altera. Agora ele parece apenas irritado.

"Só porque não quero me envolver em uma conversa com você," ele fala, "não quer dizer que não goste de você."

"Se envolver?" ela pergunta. "Eu não estava tentando iniciar uma conversa significativa. Era só por educação. Tipo, 'Oi, prazer em

conhecê-lo. Meu nome é tal. Como vai você nesta manhã? Estou bem, obrigada'... isso é o bastante pra mim."

"Meu nome é Blake," ele responde rapidamente. "Esta feliz, agora?"

Ela finalmente tinha conseguido afetá-lo, finalmente conseguiu uma reação, irritando ele, e ela sorri satisfeita. Bom. Ele mereceu. Esse rapaz arrogante precisava acordar para a vida.

Mas ao olhar para ele, ela pode ver que ele é apenas uma alma perturbada, e sua raiva começa a se dissipar. Ele pode ver que, por trás da fachada séria, ele é na verdade bastante frágil. Vulnerável.

Esse garoto tinha construído algumas grandes barreiras, disso não há dúvidas. Ela não sabe ao certo o que tinha acontecido com ele, mas sabe reconhecer uma pessoa cautelosa quando via uma.

Isso a fazia se lembrar de seu irmão, Sam. Mas ele era ainda mais intenso.

"Blake," repete ela, como se já não soubesse, assentindo com a cabeça.

"Algo mais?" ele pergunta.

Agora é a vez dela de ser virar. Ela faz isso rapidamente, antes que ele possa dar-lhe as costas.

Isso faz ela se sentir bem. Pelo menos ela tinha dado a última palavra.

"Não," responde Caitlin, de costas. "É o bastante."

Ela pode sentir o olhar dele em suas costas, provavelmente duas vezes mais bravo por ter sido provocado a iniciar uma conversa só para então ser interrompido quando ela lhe deu as costas. Ela sorri.

Ela ouve seus passos e percebe que ele também tinha virado de costas para ela.

Ambos permanecem assim por alguns minutos, o silêncio pesado ao redor deles. Minutos se tornam horas, e o sol atravessa o céu enquanto Caitlin observa o Hudson. Ela olha na direção da praia, e mais uma vez pensa em Caleb. Nos penhascos Aquinnah. Na noite que os dois passaram juntos. Ela se lembra dos cavalos, das ondas arrebatando na areia da praia, das pedras, da caverna... E de repente sente tanta falta de Caleb que chega a doer. Não tinha sido há muito tempo. Como tudo poderia ter mudado tão rápido?

Ela sente o poder sobre-humano circulando em suas veias e olha para o seu corpo, brilhando sob o sol, mais musculoso e torneado do que quando ela ainda era uma humana. Sim, muita coisa havia mudado. E a parte mais estranha de tudo aquilo, é que ela se sente bem com seu novo corpo. Ela acha natural ser uma vampira de fato, como se fosse assim que as coisas deveriam ser. Durante toda sua vida, ela havia se sentido confusa em relação a sua identidade, - quem ela era realmente, e onde era o seu lugar. Agora, ela achava que finalmente havia descoberto. Ela era uma vampira.

Era ali o lugar dela. Ali, naquela ilha, com aquele coven, e todos os seus novos amigos. Se Caleb não pudesse fazer parte de sua nova vida, pelo menos agora ela tinha certeza de quem ela realmente era.

Caitlin observa o maravilhoso Rio Hudson hora após hora, testemunhando o caminho do sol no céu. O silêncio é tão profundo, que após um tempo ela se esquece de que há mais alguém ali com ela. Ela adora a solidão daquele lugar, as paisagens, adora estar completamente cercada pela natureza. E adora ter Rose ao seu lado. Se era isso que significa montar guarda, ela certamente se ofereceria para realizar a tarefa todos os dias.

O ar fresco vindo do rio a ajuda a espairecer, permitindo que ela organize seus pensamentos.

Ela sente como se ar a purificasse, limpando se corpo e permitindo que ela deixasse o passado, deixasse tudo para trás.

Justo quanto Caitlin sente a primeira pontada de fome, e começa a se perguntar quando o almoço seria servido, ela ouve um barulho estridente acima dela.

Ela se afasta, protegendo os olhos do sol, e avalia o horizonte. Não parece ser o pássaro de sempre.

Blake também deve tê-lo ouvido, pois ele também se afasta e começa a procurar no céu.

Enquanto ambos observam, um falcão enorme circula o céu sobre eles diversas vezes, se aproximando cada vez mais. Para surpresa de Caitlin, ele finalmente mergulha na direção deles, pousando na parede de pedras. Ele a encara, gralhando.

Caitlin fica surpresa. Era um pássaro enorme, belo e primitivo.

"O que ele é?" Caitlin pergunta.

"Um falcão," informa Blake.

Caitlin olha para a ave.

"É um costume vampiro," continua ele. "Nós os usamos como mensageiros."

"Mensageiros?" Caitlin pergunta.

Blake deixa sua lança, dando dois passos à frente, e aponta para o pescoço do Falcão.

Caitlin olha e vê a pequena caixa de metal, presa em suas garras.

"Abra-a," diz Blake. "É pra você."

"Pra mim?" Pergunta Caitlin, espantada. "Como você sabe?"

"Ele está olhando para você, e não pra mim," ele responde.

Caitlin dá alguns passos tímidos na direção da ave, estica o braço e remove o medalhão ao redor do pescoço do Falcão. Assim que faz isso, ele a assusta batendo as enormes asas em seu rosto e alçando voo. Em segundos, tendo ganhado altitude, ele desaparece no horizonte.

Caitlin examina a pequena caixa de metal em suas mãos, curiosa. Quem poderia ter lhe mandado uma mensagem?

Ela empurra a pequena fechadura, e a pequena caixa, pouco maior que uma caixinha para comprimidos, se abre. De dentro dela, Caitlin retira um pedaço de papel dobrado. Do lado de fora, é possível ler: "Para Caitlin."

Assim que segura o papel nas mãos, ela pode sentir, em cada poro de sua pele. Era uma mensagem de Caleb. Ela tinha escrito uma carta para ela.

Caitlin olha para o horizonte, respirando profundamente. Receber aquele bilhete dele doía mais profundamente do que ela poderia imaginar.

Ele se sente dividida, em conflito, arrebatada pelas emoções. Por que ele estava escrevendo para ela? Por que ele não simplesmente a deixava em paz?

Ele obviamente estava com Sera. Estava claro que eles tinham um filho juntos. E obviamente ele não se importava mais com Caitlin. Então por quê? Por que continuar a incomodando? O que ele poderia dizer em uma carta que mudasse a situação?

Caitlin está prestes a rasgar a mensagem em pedaços e jogá-la no rio, deixando que desapareça para sempre. Mas ela não quer fazer isso na frente de Blake. Ele faria muitas perguntas. E uma parte simplesmente não consegue fazer isso, de qualquer forma.

Ao mesmo tempo, ela não consegue se forçar a ler a carta. E duvida que algum dia fosse ser capaz. Por agora, ela a guardaria. Mas ficaria lacrada.

Caitlin enfia o papel em seu bolso, se vira, e volta para sua posição de guarda.

Ela sente que Blake a observa. Pode sentir seus olhos nela. O falcão e a carta devem ter despertado sua curiosidade.

"E aí?" ele pergunta. "Você não vai abrir?"

"E o que lhe interessa?" ela responde, ainda de costas para ele. Pelo menos algo havia chamado a atenção dele. Ao menos ele estava vivo.

"Vampiros não mandam mensagens a não ser que sejam urgentes. Você deveria respeitar isso. Deveria abrir a carta."

"Vou perguntar mais uma vez," ela diz, olhando para ele, "que diferença faz pra você?"

"Eu só não consigo entender," ele responde. "Por que você não abre a carta? Não faz o menor sentido."

"Talvez por que eu não queira ler a carta," ela desafia, "Talvez eu nunca a leia."

Blake a encara. Quando ele faz isso, a luz muda, iluminando seus olhos azul-claros. E ela percebe o quão atraente ele é. Rapidamente, ela olha para o outro lado, disfarçando.

"Você sabe de quem é?" ele pergunta.

Caitlin não responde.

"Claro que você sabe," ele mesmo responde. "É o único motivo para não abri-la... Deve ser de alguém de quem você não quer notícias," continua ele, pensando em voz alta. De repente, ele se dá conta. "É do seu namorado, não é?"

Caitlin deixa a pergunta pairar no ar por algum tempo.

"Eu não tenho namorado," diz ela, finalmente. E, mesmo enquanto sente pergaminho dentro do seu bolso, ela sabe ser esta a verdade. Ela não sabe exatamente o que Caleb significa para ela, mas certamente não é mais seu namorado. "Podemos simplesmente não falar mais nada?" ela pede irritada, querendo o silêncio.

Caitlin sente a hesitação atrás dela, e então, enfim, após algum tempo, ela ouve os passos indicando que ele havia retornado ao seu posto.

Pelo menos ele a tinha deixado em paz. O que era mais do que ela poderia dizer a respeito de Caleb.

Naquele momento, ela odeia todos os garotos.

Ela pensa sobre o concerto daquela noite, e sobre o fato de que ela e Blake seriam os únicos sem pares. Por ela, tudo bem. A última coisa que ela precisa agora é de outro homem em sua vida.

## **DEZESSETE**

Caitlin está animada, andando pelo quarto, arrumando suas roupas em cima da cama enquanto se veste. A luz do por do sol invade a janela do quarto e, percebendo que está atrasada, ela se apressa. Polly estaria ali a qualquer instante, e ela não pode se atrasar para o concerto.

Mas ela não sabe o que vestir.

Em cima da cama a sua frente há duas roupas que Polly havia achado para ela. Ambas pretas, mas muito diferentes. Uma era um vestido feito de um material que Caitlin não conhecia - o que quer que fosse tinha certo brilho, e parecia couro.

A outra era um pouco mais discreta. Um par de calças jeans pretas, e uma camisa de gola alta também preta, com sapatos pretos para combinar.

Caitlin não conseguia se decidir entre a roupa discreta, ou a mais chamativa, a mais dramática.

Alguém bate na porta. Polly.

Caitlin rapidamente parte para a ação, decidindo-se pelo look discreto. Era mais o seu estilo.

“Caitlin!” Diz a voz.

Antes que Caitlin pudesse responder, Polly entra no quarto. Caitlin termina de vestir a camisa, arruma seu cabelo com as mãos e está basicamente pronta.

Polly a olha de cima embaixo.

“Nossa,” diz Polly, “essa roupa fica muito melhor em você. Você está linda.”

“Sério?” Caitlin pergunta, em dúvida.

“Adoraria ter um espelho que funcionasse, para que você mesma pudesse ver,” Polly fala. “É um dos lados ruins de ser um vampiro.”

Caitlin havia descoberto, no dia anterior, um pedaço de metal trazido pelo rio, e levado ele de volta ao seu quarto, para limpá-lo e poli-lo.

“Problema resolvido,” Caitlin diz.

Ele estava em um canto, e ao andar até ele, ela de fato pôde ter um vislumbre do seu reflexo.

Os olhos de Polly se abrem surpresos, e ela se aproxima do espelho, observando seu reflexo no metal.

“Gente, isso é maravilhoso!” Exclama Polly. “Como você teve essa ideia? É tão bom poder me ver!”

Pela primeira vez em muito tempo, Caitlin realmente gosta do que vê. Ela se sente como ela mesma, como se começasse a se tornar a pessoa que deveria ser, a descobrir quem era, e qual seria sua aparência.

“Você está com uma cor ótima também,” continua Polly, “Com as bochechas rosadas. Você está com uma aparência saudável. Realmente.”

Ao se olhar, Caitlin percebe que Polly tem razão.

Ela nunca tinha se visto dessa forma. Será que é por que ela agora era uma vampira? Ela parece mais madura. Menos como uma menina, e mais como uma mulher. Ela gosta disso.

Caitlin olha para Polly. Ela está vestindo a roupa da Lily Pulitzer, que lhe cai muito bem. Ela está radiante.

“Você também está linda,” diz Caitlin.

“Sério?” Polly pergunta. Ela se vira de um lado e de outro, examinando-se, “Espero que Patrick goste. Ele nunca me viu assim antes. Estou tão ansiosa. É nosso primeiro encontro oficial.”

Caitlin sente outra pontada de ansiedade, ao lembrar que todos teriam um par, exceto ela. E Blake. Isso faria com que ambos chamassem a atenção. Era muita pressão. E algo com que Caitlin não gostaria de lidar agora.

Mas, por outro lado, ela gostava de todos os seus colegas de coven, e estava curiosa para ver como seria esse concerto. Ela teria que encarar a situação.

Ela se espanta com o fato de que tudo parece normal. Se não estivesse em uma ilha, e dentro de um castelo, ela com certeza se sentiria como se estivesse em casa, se aprontando para sair com suas amigas para se divertir à noite. Como se sua vida finalmente tivesse se acalmado, voltado ao normal. E torce para que nada mude.

Polly de repente olha para fora, e um olhar de preocupação toma conta de seu rosto.

“Vamos nos atrasar!” Ela diz. “Precisamos ir,” emenda ela, saindo do quarto.

Caitlin começa a segui-la, e vê a carta de Caleb.

Ela ainda estava ali, lacrada, em sua escrivaninha. Por que ela a tinha visto justo agora? Ela estava se sentindo tão bem, estava conseguindo tirar ele da cabeça. Ver a carta trás todas as recordações de volta, deixando um vazio dentro dela. Uma parte de Caitlin gostaria de abrir a carta, a outra, de rasgá-la.

“Caitlin!” Polly grita. “O que você está fazendo!?”

Caitlin respira. *Agora não*, ela pensa. Ela se esforça pra tirar a carta da cabeça.

E com isso, se levanta e sai do quarto, seguida por Rose.

\* \* \*

A noite é certamente uma noite especial, pois tochas iluminam o caminho que leva até a floresta.

Caitlin, Polly e Rose andam um pouco e logo chegam até uma grande clareira, iluminada por mais tochas e rodeada por antigas paredes em ruínas. Há uma enorme rocha lavrada no meio da grama, aparentemente usada como palco improvisado e, toda aquela cena, parece para Caitlin ter saído de *Sonhos de Uma Noite de Verão*, de Shakespeare. É um ambiente de floresta mágica, e ela se sente como se estivesse em um pequeno teatro medieval.

Embora o ambiente fosse informal e todos se comportassem de maneira relaxada, ainda assim Caitlin se sente constrangida ao entrar. Por sorte ela tem Polly ao seu lado. Mas assim que chegam, Patrick se apressa na direção delas e, animada, Polly lhe dá o braço e os dois se dirigem ao outro lado da clareira. Caitlin está sozinha.

Ela olha a sua volta, e vê que todos estão acompanhados de seus pares. Ela fica ainda mais constrangida, como se todos estivessem olhando para ela. Ela sabe que não estão, mas não consegue evitar.

“Caitlin,” fala uma voz.

Ela se vira e encontra Cain, parado ali. Desde aquele primeiro dia, Cain tinha se esforçado para se desculpar. No início, ela tinha até gostado, mas agora já estava se tornando irritante. Ela quase chegar a desejar que ele simplesmente a deixe em paz. Já havia aceitado seu pedido de desculpas inúmeras vezes, e parecia que aquela situação nunca iria acabar.

“Quero que você conheça Barbara,” ele diz.

Ao lado dele, está Barbara, uma vampira muito magra e alta - bem mais alta que Cain, com cabelos pretos lisos, pequenos olhos pretos e um rosto fino e comprido. Seus olhos pareciam estar semicerrados, como se ela estivesse dormindo. Ela aparenta estar muito relaxada, ou apenas bastante apática. Ela se mexe devagar, esticando uma mão comprida e pálida para Caitlin.

“É certamente um prazer,” Barbara diz lentamente, com voz grave.

Ao apertar sua mão Caitlin sente um calafrio. A mão dela está fria, e ela não retorna seu aperto de mão.

“Prazer em conhecê-la,” fala Caitlin.

Observando os dois se afastando, Caitlin pensa em como formam um casal estranho. Mas ao menos estavam acompanhados. Enquanto ela, visivelmente sozinha, estava se sentindo pior do que nunca. Naquele momento, ela sente falta de Caleb desesperadamente. E daria qualquer coisa para tê-lo ao seu lado. Era a única coisa faltando naquele lugar, a única coisa que faltava para sua felicidade ser completa.

Caitlin nota, meio afastado, o que parece ser um bar, no topo de uma pequena ruína. Estava abastecida com uma variedade de cálices e taças exóticos – dourados, prateados, incrustados de joias – e entre eles diversos cântaros cheios de um líquido vermelho misturado com frutas.

Ela se dirige até lá, considerando o que poderia ser. Será que tem álcool? Ela se pergunta por um instante se teria permissão para beber. Penso que sim, considera ela. Por que não? Afinal de contas, a maioria desses vampiros, embora parecesse ter 18, já tinha vivido milhares de anos. Se eles não pudessem beber, quem poderia?

“É a nossa sangria especial,” ela ouve.

Caitlin se vira e encontra os gêmeos, Taylor e Tyler, parados atrás dela.

“Eu mesmo fiz,” Tyler diz.

“E eu dei o toque especial,” Taylor completa.

“É igual a sangria normal,” Tyler explica. “Um pouco de vinho, um pouco de fruta—”

“E um segredinho,” interrompe Taylor, “Pra dar aquele toque, só para vampiros. Sangue de veado, fresquinho.”

Ele pega o jarro e serve uma taça incrustada de joias.

Caitlin pega a taça e bebe. É delicioso, e sobe direto para sua cabeça.

“Nossa!” Sussurra Caitlin.

Os dois sorriem, balançando a cabeça de satisfação.

Enquanto os dois se afastam, Caitlin, discretamente, avalia o local. Ele nota Madeline e Harrison, sentados em cima de um enorme toco de árvore, e vê Eric e Sasha, de mãos dadas, caminhando lado a lado, do outro lado da clareira.

Do outro lado estão Polly e Patrick, envolvidos em uma conversa, e Caitlin se pergunta sobre o que estariam conversando.

Há outros, também, mas ela não consegue se lembrar dos nomes de todos eles, eram nomes demais.

Mas enquanto olha, ela percebe que está procurando uma pessoa em especial. Apesar de tudo, ela tinha que admitir estar procurando por Blake.

E como sempre, ele não está em parte alguma.

Ele levaria qualquer pessoa à loucura. Por que ele tinha certas regalias? Por que não era obrigado a ser sociável, como todos os outros? Aiden não havia dito que era um por todos, todos por um?

De repente, Caitlin ouve o som de vidros batendo, e observa enquanto seus colegas de coven lentamente se dirigem até os diversos lugares espalhados pela clareira. Eles se sentam sobre troncos e tocos de árvores; alguns se sentam na grama e outros em enormes pedras.

Todos ficam costas para ela, observando, ansiosos, o enorme palco improvisado. Aiden está sentado ao lado dele, batendo uma taça com uma faca.

“Esta noite,” ele diz em voz alta, enunciando cada palavra, “temos um presente muito especial para vocês: concertos de Bach para violoncelo.”

Seus colegas de coven aplaudem suavemente, e Aiden desce enquanto uma figure assume o palco.

O coração de Caitlin se sobressalta. É ele. Blake. Ele sobe até o palco e, para surpresa de Caitlin, está carregando um violoncelo.

Ele corre e se senta sobre uma grande pedra polida, e Rose salta para sentar ao seu lado. Ela assiste, enfeitiçada, enquanto Blake se posiciona e uma pequena cadeira sob a luz no centro do palco. Ele parece sério, ainda mais sério do que o normal, e mantém o olhar fixo no chão.

Ele fecha os olhos e, respirando profundamente, começa a tocar.

A música é extraordinária, Caitlin nunca tinha ouvido nada parecido. Ela a faz lembrar o passado. Ela pensa em Jonah e sua viola, e

no concerto deles no Carnegie Hall; em Caleb e na Igreja Whaling, e no incrível recital de piano.

Mas este instrumento – soa diferente de todos os outros, é suave e relaxante.

Ela olha Blake enquanto ele toca. Sob a luz, suas feições são ainda mais impressionantes. Ele é alto, seu rosto anguloso, imponente. Ele toca o instrumento magistramente, alcançando cada nota com perfeição, e a música divina relaxa Caitlin completamente. Enquanto escuta, ela se surpreende que uma pessoa tão angustiada pudesse tocar com tanta perfeição. Como ele conseguia?

Observando seu rosto, é possível ver o sentimento que toma conta de Blake em cada nota, e ela começa a perceber sua profundidade e complexidade. Fica claro o quanto ele guarda dentro de si, e tudo que ele é incapaz de transmitir em palavras. Por que ele estaria escondendo tantas coisas, e o que teria acontecido para fazer com que ele fosse assim?

A hora passa tão rápido que, quando termina o concerto, Caitlin mal pode acreditar, - parecia que ele tinha apenas começado. A nota final, profunda, ressoa pelo ar da floresta, se misturando aos sons das águas do Hudson. O silêncio é total, até mesmo seus colegas de coven ficam ali, sem se mexer.

Finalmente, após diversos segundos de silêncio, todos se levantam calmante e aplaudem entusiasmados.

Caitlin ainda está em estado de choque. É difícil para ela retornar ao momento, e esquecer o que havia acabado de acontecer. Blake permanece lá, encarando-a, e ela se dá conta que é a única que ainda está sentada, sem aplaudir. Não é que a música não a tivesse afetado – e sim o contrário, ela a tinha afetado profundamente. Ela tinha trazido de volta lembranças de Jonah, de Caleb, e agora mais uma lembrança: a de Blake. Ela parece não conseguir respirar, e não consegue interpretar seus sentimentos.

Ela se sente prestes a explodir, a chorar, e não consegue mais suportar. Ela não podia perder o controle na frente de todas essas pessoas. Ele se levanta de supetão e corre para dentro da mata, sendo seguida por Rose. Ao fazer isso, ela teme que eles realmente passem a odiá-la pela falta de educação. Mas ela não tinha escolha, era apenas muito para ela suportar.

Após alguns minutos correndo, Caitlin se encontra em uma área arenosa no lado oposto da ilha, sem ar e enxugando as lágrimas. Ela sentia muita falta de Caleb. E agora, para piorar, estava encantada por Blake, e sentia-se ligada a ele. Ela não conseguia explicar, era um sentimento escuro e trágico, e irresistivelmente forte. Essa força a assustava e, nesse momento de sua vida, ela não queria estar sentindo uma ligação por ninguém que não fosse Caleb.

Caitlin caminha pela costa, ouvindo o barulho das ondas e admirando o luar e, logo, para de chorar, forçando-se a respirar profundamente.

“Caitlin?” Fala uma voz, tão suavemente que ela se pergunta se teria apenas imaginado.

Ela se vira.

E lá está Blake, apenas a alguns metros, olhando-a preocupado.

*Não.* Por que ele estava ali? Por que ele não a deixa em paz?

Parecia que ela estava presa em uma teia do destino, e que não importava o que ela fizesse, qualquer coisa seria inútil. Ela já podia ver a relação dos dois, clara como o dia, e isso a aterrorizava.

Ela rapidamente seca suas lágrimas, respira fundo, e tenta soar confiante.

“O que você está fazendo aqui?” Ela pergunta.

Ele dá um passo na direção dela, e ela não recua.

“Eu vi você correr,” ele diz, sério. “E quis vir aqui, ver se está tudo bem?”

“Por quê??” Ela pergunta. “Você nem quis falar comigo hoje, mais cedo.”

“É por isso que você fugiu?” Ele pergunta, com o péssimo hábito de responder perguntas, com outras perguntas, - “Ou eu toquei tão mal assim?”

Apesar de tudo ela ri. Ele é engraçado, e ela não tinha previsto isso.

“Você tocou muito bem,” ela responde.

Caitlin nota que suas feições se relaxam, ele claramente precisava ouvir isso.

“Então, qual o problema?” Ele continua.

“Eu...” começa Caitlin.

Mas ela não sabe o que dizer. O que ela poderia dizer que sentia muita falta de Caleb, mas que também estava começando a ter sentimentos por ele, Blake? Ou que ela sentia que eles tinham uma ligação, e que ela odiava tanto quanto gostava disso?

Em vez disso, Caitlin fica parada, sem dizer nada, e se vira para a água.

Blake dá vários passos em sua direção e, erguendo a mão, enxuga uma lágrima do seu rosto com o dedo.

Caitlin fecha os olhos, o toque da mão dele, - é delicioso, e a energiza. É suave, macio, e ela se força a virar o rosto, a olhar para qualquer coisa, - menos para os olhos dele.

Por sorte, ele de repente se vira, recuando um passo, e também olha para o rio. OS dois ficam ali parados, lado a lado, olhando para o Hudson.

“Sinto muito pela maneira como me comentei hoje,” ele fala. “Eu deveria ter sido mais educado.”

“Então porque não foi?” Ela pergunta com a voz um pouco dura, e imediatamente se arrepende.

Como sempre, ela não só havia dito o que não queria, mas ainda com determinado tom, como acontecia sempre que ela ficava nervosa.

Ele respira e começa.

“Eu vim para essa ilha, me juntei a esse coven por que precisava ficar longe do mundo lá fora. Havia uma garota. Uma humana. Eu a amava muito, mas meu amor por ela a levou à ruína. Ele pausa. “Por minha causa que ela morreu.”

Caitlin olha para ele.

“Como?” Ela pergunta. “Você a transformou?”

Ela nega com a cabeça.

“Eu deveria, mas ela não permitiu, e este é meu maior arrependimento. Mas eu não poderia contrariá-la, e este era o seu desejo, permanecer mortal. Não, foram os humanos que a mataram. “Na vila dela, descobriram nossa relação e a trataram como uma bruxa, - antes que eu pudesse salvá-la, ela estava morta.”

*Na vila dela,* considera Caitlin, pensando.

“Há quanto tempo foi isso?” Caitlin pergunta.

“Há 400 anos,” responde Blake.

Caitlin está em choque, - aqui está ele tantos anos depois, ainda sofrendo por causa disso. Ele deve sentir as coisas profundamente, pensa ela.

“Sabe,” ele completa, “Sinto que sou um perigo para as pessoas. Quando as pessoas ficam perto de mim, coisas ruins acontecem com elas, não importa o quanto eu tente. “Então eu me distancio e fico longe das pessoas com quem me importo, incluindo vampiros.”

“Mas e se isso não for verdade?” Ela pergunta. “O que acontece se você for o único a acreditar nisso, se tudo que aconteceu com você no passado ter sido apenas má sorte?”

Ele balança a cabeça.

“Não.”

“Mas como você sabe?” Ela indaga. “Quero dizer, você mora aqui, e nada de mal aconteceu com seus colegas de coven.”

“É que eu fico longe a maioria das vezes.”

“Eu me recuso a acreditar nisso” Caitlin diz.

“Você está vivendo um exílio imposto por você mesmo, e nem ao menos sabe se é verdade. E se, ao se aproximar de uma pessoa a trouxesse boa sorte, e a você também? Você não pode desistir para sempre.”

Ela pode vê-lo olhando para a água, de cenho franzido, pensando. Seus olhos parecem iluminados com uma ponta de esperança.

“E você?” Ele pergunta. “Por que você está aqui?”

Ela não faz ideia de como responder esta pergunta. Era tudo muito complicado, e ela não sabe por onde começar.

“Não sei ao certo,” ela finalmente diz, observando o rio.

Ele concorda lentamente e também fica olhando o rio. O silêncio os cerca.

“Bem, fico contente que esteja aqui,” continua Blake, abrindo um sorriso e virando-se para ela.

Ela olha para ele, bem dentro de seus olhos azuis, e sente como se tivesse olhado aqueles mesmos olhos milhares de vezes antes. O sentimento familiar lhe causa espanto.

“Eu também,” diz ela, com a voz embargada.

Ele olha para baixo, estendendo a mão, e diz com simplicidade:

“Isso era dela.”

Caitlin olha e vê que ele segura um pequeno pedaço de vidro do mar.

“Quero que fique com ele,” ele diz.

Ele estica o braço, colocando-o na palma da mão de Caitlin. A pedra é tão lisa...

“Eu não posso aceitar,” ela fala.

Mas ele não responde, e em vez disso, coloca a mão no rosto dela, acariciando sua face gentilmente. Olhando nos olhos dele, ela sentia como se ele estivesse enxergando sua alma. E ela se sente perdida no tempo e no espaço. E totalmente fora de controle.

Será que ele iria beijá-la?

E ela se dá conta que, se ele fizesse isso, ela seria incapaz de recusá-lo.

# DEZOITO

Caleb, Samuel, e seu grupo de centenas de vampiros continuam a sobrevoar Manhattan, dirigindo-se ao centro. Desde o Times Square, nenhum vampiro ousava tentar detê-los. Ao olhar para baixo, Caleb vê a confusão se espalhando por toda a cidade, de quarteirão em quarteirão, um bairro pior do que o outro, mas eles não poderiam se arriscar em parar mais uma vez para ajudar os humanos. O Coven Blacktide já tinha sido alertado de sua presença e eles teriam que correr até a Prefeitura e acabar com Kyle antes que fosse tarde demais, e recuperar a Espada de uma vez por todas. Até ali, eles tinham tido sorte, nenhum outro vampiro tinha surgido no céu.

Ao sobrevoarem a Broadway a todo velocidade, a sorte deles acaba. À distância, vindo direto na direção deles, estão centenas de vampiros Blacktide. Liderando o grupo está Kyle, bem no centro, brandindo a Espada. Sergei está ao seu lado e, do outro, voam Samantha e, seria possível?

Sim, era o irmão de Caitlin, Sam. Caleb é tomado de preocupação, e sem dúvida mataria todos os outros, mas Sam? Matar Sam criaria uma barreira entre ele e Caitlin, uma que eles jamais seriam capazes de superar. Caleb teria que agir com cautela, isso certamente complicaria as coisas.

“Guerreiros!” Caleb grita por cima do barulho do ruído de milhares de asas batendo. “Preparem-se para a batalha!”

Caleb pega o cajado e o segura a sua frente, enquanto ao seu lado, Samuel ergue a manopla.

Os dois grupos de vampiros voam de encontro um ao outro a uma velocidade assustadora, e Caleb se prepara para o impacto. A última coisa que vê, antes de ouvir o terrível som do impacto entre os vampiros, é o rosto de Kyle, contorcido de raiva.

E então o impacto. Centenas de vampiros colidem em pleno ar, golpeando suas armas, ferindo-se mutuamente, perfurando os olhos uns dos outros com suas garras e lutando com força sobre-humana. Caleb concentra-se em um único corpo, um vampiro específico, como sempre fazia durante uma batalha.

Ele vê Kyle erguendo a Espada, e sabe que nenhum outro vampiro, com exceção de Samuel, talvez, seria capaz de enfrentá-lo. Mesmo com o cajado, Caleb não tem certeza de que ele mesmo conseguiria, - não por muito tempo, mas ele tinha que tentar.

Kyle golpeia furiosamente, e Caleb bloqueia todos os golpes com o cajado que, milagrosamente, resiste sem se partir. Aquele som doentio é o primeiro som da batalha, e dá início a uma cacofonia de sons de guerra.

Dentro de segundos, centenas de vampiros, emaranhados, começam a despencar até o chão, juntos, lutando durante todo o tempo. O som de seus corpos atingindo o chão é ensurdecador.

Caleb e Kyle estão travados em um golpe de luta ao caírem juntos no chão de concreto. Caleb consegue imobilizar Kyle, segurando com força, restringindo os braços de Kyle e impedindo que ele golpeie com a Espada. Enquanto pudesse segurá-lo assim, acreditava que teria uma chance.

Ao rolar pelo concreto, lutando, todos à volta deles, - centenas de vampiros - também estão lutando frente a frente. É uma luta

sangrenta, barulhenta e com muita violência. Em todos os lados, vampiros atacam, avançam, recuam e caem.

Alguns gritos desumanos preenchem a noite em uma implacável batalha vampira.

Kyle, também é um experiente veterano de Guerra e, após algum tempo, consegue se afastar um pouco e dá uma cabeçada forte no nariz de Caleb. É o suficiente para desequilibrar Caleb, e o bastante para que Kyle reúna forças para escapar de debaixo dele, lançando-o pelo ar.

Caleb cai no chão, tendo a presença de espírito para cair rolando, agarrando seu cajado. Ele se vira a tempo de erguê-lo bem na hora em que a Espada de Kyle corta o ar e, mais uma vez, ele consegue bloquear o golpe, produzindo um som metálico.

No entanto, Kyle é muito rápido. Com um movimento rápido ele chuta o cajado, arrancando-o das mãos de Caleb. Caleb percebe que está indefeso, o cajado a vários metros dele.

Kyle ergue a Espada, preparando-se para o derradeiro golpe, e Caleb sabe que sua hora havia chegado.

De repente, Samuel aparece e, antes que ele possa dar o golpe fatal, Samuel o ataca. Usando a manopla, ele bate com força no pescoço de Kyle, empurrando-o para trás. Samuel continua em disparada, e se joga em cima dele.

Caleb rola para o lado, agarra o cajado e se levanta, pronto para ajudar seu irmão.

Mas é tarde demais. Kyle já tinha se livrado de Samuel, e antes que ele consiga atacar novamente, Kyle desvia e perfura Samuel com a Espada.

Caleb assiste, enquanto seu irmão cai de joelhos com os olhos abertos de espanto e então desaba, toda vida dentro dele consumida. Caleb é tomado pela dor. Samuel. Seu irmão. Uma vida, vivida juntos por centenas de anos. E então, quando olha para Kyle, é tomado pela raiva.

Kyle ataca, erguendo a Espada. Mas desta vez, o ódio de Caleb supera o de Kyle. Caleb dá um passo para o lado, fazendo com que Kyle erre o golpe, e então bate com o cajado com toda força, acertando o joelho de Kyle que, perdendo o equilíbrio, cai no chão.

Caleb golpeia mais uma vez, acertando Kyle na parte de trás da cabeça. Tudo acontece tão rápido, uma sequência de golpes, - um, dois. Kyle cai de cara no chão, e por um segundo, a solta a Espada no chão de concreto.

Caleb fica surpreso com a própria sorte e, quando se prepara para se dirigir até a Espada, algo chama a sua atenção. Ele olha para cima, e lá está ela, - mas não era possível. No meio de toda a confusão da batalha, lá está Caitlin, em pé, sozinha, com um olhar triste, olhando para ele.

O coração de Caleb se parte, e ele fica paralisado. Ele não consegue imaginar o que ela poderia estar fazendo ali. Talvez Kyle a tivesse feito prisioneira

“Caitlin?”, Ele chama.

Ela sorri, dando alguns passos na direção dele.

Caleb esquece de toda a batalha, e olha enquanto ela se aproxima, - ela estava ali, ela realmente estava ali.

A visão de Caleb é repentinamente interrompida, e ele sente uma teia de metal cobrir todo seu corpo, e sente algo que o segura por trás. Ele percebe que tinha caído em uma armadilha vampire e

enquanto luta, percebe que era feita de prata, e muito reforçada, impossível de arrebentar.

Ele luta com tudo que tem, mas não há aonde ir.

Ele sente a rede apertando suas costas, tanto que mal consegue respirar, e ele vira o pescoço, o suficiente para ver Kyle em pé, sorrindo para ele. Ele volta a olhar para Caitlin, se perguntando como ela poderia tê-lo traído daquela forma, e como ela poderia ter permitido que Kyle o atacasse assim, pelas costas, capturando-o.

Mas ao olhar para ela, ele testemunha a mudança com seus próprios olhos, e vê que ela se transforma em seu irmão, Sam. Caleb está em choque, - não era Caitlin. Nunca tinha sido ela, era apenas um truque.

“Sam deve ter polimorfismo.” É o último pensamento lúcido de Caleb, pois vários vampiros partem para cima dele, agarrando-o por todos os lados. A última coisa que ele ouve, são os gritos de seus companheiros quando Kyle, empunhando a Espada mais uma vez, estraçalha todos eles.

## DEZENOVE

*Caitlin corre por um campo de espinhos. Eles rasgam sua pele, e a dor é insuportável à medida que o campo se fecha a sua volta, mas uma parte dela sabe que é sua única saída.*

*No horizonte, queima um enorme sol vermelho sangue, e ela pode ver a silueta do seu pai desenhada na frente dele. Ela corre sem*

*parar, tentando alcançá-lo. Mas, de repente, o sol se põe, e o céu se torna negro. Em seu lugar, agora está uma lua vermelha que preenche todo o céu, e os espinhos crescem, cortando mais fundo.*

*Caitlin sabe que se alcançar seu pai, tudo vai dar certo.*

*Ele está cada vez mais perto e, dentro de alguns segundos, Caitlin está bem na sua frente.*

*Mas quando ela olha para o seu rosto, não é mais o seu pai. É Caleb, e os espinhos também estão cortando a pele dele, enroscando-se em suas pernas, cintura e braços, cortando e rasgando. Sangue escorre de seu rosto, sua testa, e ela pode sentir a dor dele. Ela tenta alcançá-lo para ajudar, mas os espinhos a seguram.*

*Ele estica o braço, procurando a mão dela e grita: "Caitlin, me ajude!"*

*Ao fazer isso a terra se abre embaixo dele, e os espinhos o arrastam para baixo, como areia movediça.*

*Sela luta com todas as forças contra os espinhos que cortam a sua pele, e consegue cair de joelhos, esticando o braço.*

*Ele segura a mão dela, enquanto afunda, e quando suas mãos se encontram pressionando os espinhos, a dor é surreal, mas Caitlin segura firme.*

*Mesmo assim, não é o bastante e Caleb grita quanto a terra engole seu corpo. Não importa o quanto Caitlin tente, ela não consegue puxá-lo de volta.*

*"Caitlin!" ele grita.*

*Um segundo depois, ele é completamente engolido pela terra, o som de seus gritos abafados pelo solo.*

“Caleb!”

Caitlin senta na cama, coberta de suor, gritando o nome dele.

Ela olha a sua volta, procurando por ele, mas sentada ali, começa a perceber que tinha sido apenas um sonho.

Tinha sido tão vívido, tão real. Ela nunca tinha tido um sonho assim, que parecesse uma mensagem estranha.

Caitlin salta da cama e começa a andar pelo chão de pedra do quarto, iluminado pela luz da manhã que entra pela janela. Ela está úmida de suor, e seca o rosto mais uma vez. Ela se sente tão angustiada, tão ansiosa, que não sabe como agir.

Ela sente, com cada centímetro do seu corpo, que Caleb está em perigo, e que precisa da ajuda dela.

De alguma forma ela sabe que não tinha sido apenas um sonho. E apesar de tudo que ele tinha feito, apesar da traição dele com Sera, existe uma chama dentro dela que arde por poder ajudá-lo.

Rose deve ter sentido sua agitação, por que de repente começa a andar pelo quarto ao lado dela. Caitlin tira o cabelo do rosto, respire fundo, e organiza seus pensamentos. Será que Caleb estava em perigo, precisando realmente da ajuda dela?

Por um lado, ele estava partindo para uma grande guerra vampira, mas, ao mesmo tempo, tinha a ajuda de todo o seu coven, até onde ela sabia. Ele teria milhares de vampiros ao seu lado. Que diferença a presença dela faria?

Mesmo assim, algo a incomoda. Ela não consegue explicar, mas sabe que ele está em perigo. Ou será que ela está imaginando coisas, que são apenas suas próprias esperanças de que ele de alguma forma ainda precise dela?

Caitlin tenta esfriar a cabeça. O sonho não a deixa em paz, e ela sabe que precisa fazer alguma coisa, apenas não sabe exatamente o quê. Será que ela conseguiria descobrir onde ele estava, e mandar uma mensagem para ele?

Então ela se lembra. O Falcão. A carta dele.

Ela corre até a escrivaninha e lá está ela, dobrada cuidadosamente.

Ela pega a carta e a abre, com as mãos trêmulas.

Ela agora certamente tinha que ser lida.

Ela corre os olhos rapidamente pela carta.

*Minha amada Caitlin... nada entre mim e Sera... sinto profundamente que ela tenha lido o passado esta impressão... saiba do meu profundo amor por você... do quanto penso em você... mal posso esperar para voltar para você... uma nova vida em algum lugar bem distante daqui... você tem meu coração com esta carta.*

Ao ler a carta algumas vezes, de uma só vez e depois uma segunda e terceira vez, digerindo cada palavra, Caitlin sente as lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

Ela tinha sido estúpida. Por que não a tinha lido antes? Por que não tinha dado a Caleb o benefício da dúvida? Por que não o tinha escutado, ouvido todo o seu lado da história?

Ela era uma idiota. Depois de ler a carta, era óbvio que não havia nada entre Sera e ele, que eles não tinham um filho, - pelo menos não agora.

Sera tinha entortado os fatos, Caleb era completamente inocente.

Por que ela não tinha dado a ele apenas uma pequena chance?

Caitlin está com ódio de Sera, mas ainda mais furiosa com ela mesma. Ela devia a Caleb pelo menos uma chance de se explicar, e nem ao menos isso tinha dado a ele, depois de tudo que ele tinha feito por ela, - salvado ela da morte e a trazido de volta à vida, pela terceira vez.

Tinha sido tão pobre de espírito, tão orgulhosa, tão impaciente, que se odiava naquele momento.

E ainda por cima, ela o tinha traído, ordenando que fosse embora depois de tudo que ele tinha feito por ela. E também tinha se permitido sentir algo por outra pessoa, Blake. Ela se lembra da noite anterior, e percebe que também o tinha traído com Blake.

Ou não tinha?

Caitlin senta na beira da cama com a cabeça entre as mãos, e tenta desesperadamente se lembrar. O que tinha acontecido? Ele relembra a conversa. Estavam andando na areia. E depois? Ele a tinha beijado?

Ela se lembra de que ele tinha erguido a mão, acariciado seu rosto, e que ela tinha pensado que ele estava prestes a beijá-la...

Mas ele não tinha feito isso, ela se recorda agora. Eles tinham olhado um nos olhos do outro, e de repente, misteriosamente, ele tinha virado e desaparecido.

Ela coloca a mão no bolso e sente o pequeno vido do mar que ele tinha dado a ela e o acaricia, sentindo-se um pouco melhor.

Pelo menos ela não tinha traído Caleb com Blake, mas, ainda assim, seus pensamentos teimavam em ir nesta direção e, não seria isso, em si, uma traição?

Enquanto é tomada pelas emoções dentro de seu coração, ela se odeia mais do que nunca. Por que ela não consegue ser mais forte,

mais disciplinada e paciente?

Naquele momento, as emoções de Caitlin se manifestam fisicamente como algo que mexendo dentro dela. Ela se sente literalmente doente, e corre para a janela aberta, vomitando repetidas vezes. Ela fica ali, limpando a boca e lutando por ar. Ela não se lembra de ter já passado mal daquele jeito, e por tanto tempo, e tinha sido sangue. Ela não se sente bem, e por um instante se pergunta se estaria mesmo doente. Toda a química de seu corpo parecia estranha, mesmo para um vampiro.

Enquanto fica ali, respirando, algo começa a se tornar claro: não tinha sido apenas um sonho, e sim um recado, Caleb precisava dela, disso ela tinha certeza.

E ela faria o que fosse possível para salvá-lo.

\* \* \*

Caitlin atravessa a floresta com pressa, acompanhada de Rose, e finalmente chega até a pequena clareira onde ficava a casa de Aiden.

Tudo parece calmo sob a luz da manhã, e ela se pergunta se ele estaria dormindo.

Ela duvida que estivesse, ele nunca parecia dormir. Por um lado, ela raramente o via, mas pelo outro, parecia ser onipresente em toda a ilha, como uma mão guiando o local suavemente.

Ele havia dito, quando ela chegou ali pela primeira vez, que se um dia ela precisasse de algo, viesse até ele, que sua porta estaria sempre aberta. Ela não havia previsto que um dia precisaria dele para qualquer coisa, mas agora precisa. Parada em frente a porta dele, hesitando, ela imagina o rumo que conversa poderia tomar.

Caitlin respira fundo, erguendo a mão para bater na porta e, assim que o faz, ela abre sozinha.

Aiden está parado ali, seus olhos, sempre determinados, encarando sem expressão. Ele é um homem difícil de ser interpretado; seus olhos brilham com a luz da manhã e, mais uma vez, ela tem a sensação de que ele é uma montanha, que já esta neste planeta há milhares de anos.

Ele silenciosamente se vira e atravessa a sala, deixando a porta aberta para que ela o siga. Ao fazer isso, seguida de Rose, a porta se fecha atrás deles.

Aiden já está sentado em sua mesa, de braços cruzados, pacientemente observando Caitlin que, nervosa, se senta na frente dele.

É claro que ele estava acordado, claro que a estava esperando. Ela havia esquecido, como sempre, das habilidades psíquicas dos vampiros, especialmente deste vampiro. Ele provavelmente já sabia de tudo que ela estava prestes a contar-lhe e, apesar disso, ela tinha que falar. Se não servisse de nada, ao menos ela teria contado.

Ela se prepara para falar, nervosa, e começa, com cautela:

“Presumo que saiba porque estou aqui?”

Ele a encara de volta, neutro, e diz:

“Por que você não me conta,”

“Sonhei com Caleb a noite passada,” ela diz, “e que ele estava em perigo, mas parecia mais do que um sonho pra mim. Parecia... *real*.”

“Vampiros não se visitam em sonhos por acaso,” Aiden explica. “Todo sonho é uma visita. Uma visita intencional. E todo sonho tem

um significado. Não somos como os humanos. Podemos controlar o mundo dos sonhos.”

Ela abre os olhos, assustada.

“Então...é verdade?” Ela pergunta. “Caleb está em perigo?”

Aiden assente com a cabeça, muito sério, e responde sem graça:

“Sim, em grave perigo.”

Caitlin sente seu coração partir ao ouvir essas palavras, e se levanta, agitada demais para ficar sentada. Como ele podia permanecer tão calmo?

“Bem... o que... Eu...o que você quer dizer com isso? O que você sabe?” Pergunta Caitlin.

“Tanto quanto você,” é tudo que ele diz.

“Então é verdade,” ela fala, andando pelo quarto. “Eu...Eu não posso simplesmente ficar aqui sentada. Tenho que ir até ele. Tenho que salvá-lo.”

“Por quê?”

“Por que?” Ela pergunta, confusa. “o que você quer dizer com porquê?”

“O que ele significa para você?” Ele pergunta, calmamente.

Caitlin olha para ele com raiva. Como ele podia perguntar isso para ela? Ele sabia o quanto ela se importava com Caleb, e sabia o quanto Caleb se importava com ela. Ele não podia estar fazendo aquela pergunta literalmente.

Não, ela se dá conta. Como com tudo que dizia, havia um recado oculto, uma dica. A pergunta que ele fez devia ser retórica. Ele devia

estar tentando arrancar algo dela, como sempre fazia.

Ele queria que ela descobrisse sozinha, que usasse palavras. Ele queria que ela rotulasse a relação deles, que dissesse em voz alta. Ele queria que ela chegasse a alguma conclusão.

“Caleb é meu...” Caitlin começa, e então se perde. O que ela poderia responder? *Namorado* era uma palavra um tanto fraca; embora *marido* não fosse verdade. O que era ele, exatamente? Caitlin não sabia que termo usar para descrevê-lo.

“Ele é meu grande amor,” diz ela, finalmente.

Aiden assente mais uma vez, parecendo satisfeito com a resposta.

“Você tem certeza?” ele pergunta.

Mais uma vez, Caitlin o observa, sentindo que ele a estava preparando para uma grande revelação. Ele queria saber quanta certeza ela tinha, quanta certeza ela tinha de seus sentimentos por Caleb. Ele devia ter pressentido algo a mais.

Sim, era isso: ele devia ter pressentido que havia algum sentimento entre ela e Blake. Sim, era uma bronca: Ele queria que ela organizasse seus sentimentos, queria que ela se decidisse, que soubesse a quem iria dedicar seu amor completamente.

E ele estava certo, ela admite. Ela sentia alguma coisa por Blake. Se Caleb realmente fosse seu grande amor, ela não poderia se permitir sentir nada por mais ninguém. Seria necessária muita disciplina, e é isso que ele estava exigindo dela.

“Sim,” Caitlin responde afinal, confiante, decidida. “Caleb, e só o Caleb.”

Aiden assente, dizendo:

“Bom, muito bom. O amor vampiro é uma coisa sagrada, e não deve ser compartilhado levemente.”

“Eu tenho que ajudá-lo,” Caitlin diz mais uma vez, enfaticamente. “Sinto que ele precisa de mim.”

“E precisa,” Aiden diz. “Mas você não será capaz de ajudá-lo.”

“O que isso quer dizer?”

“Caleb escolheu sua missão. Seu próprio destino. Ele escolheu lutar pelo coven dele, por sua família, e escolheu uma missão nobre. Mas ele não conseguirá vencer. As forças do mal são fortes demais, e ele está em menor número. Ele não tem o apoio de seu próprio povo, e caiu em uma armadilha. “Não há saída para ele, e não há nada, - nem ninguém, - que possa salvá-lo agora.”

Caitlin o encara abalada, sentindo-se como se tivesse levado um soco no estômago.

“É uma batalha que você não pode vencer,” continua ele. “Você só seria envolvida pela escuridão, se você tentar certamente morrerá também.”

Caitlin, sem palavras, sente uma lágrima quente escorrer por seu rosto. No fundo, ela sabe que tudo que Aiden está dizendo é verdade.

“Sinto em ter que lhe dizer tudo isso, mas você tem que saber de tudo, sua missão é importante demais. Caleb estava certo durante todo o tempo: você é a Escolhida, e isso significa que você é a única capaz de nos levar até o Escudo. Sem ele, a Espada irá causar uma destruição em escala inimaginável. Precisamos de você, nossa raça precisa de você. Toda a raça humana precisa de você, este coven – sua nova família – precisa de você. É aqui que você deve estar agora, onde você *tem* que estar. Sua missão é aqui: Você tem

que treinar e se fortalecer, e um dia, você nos levará até ele, isto já está escrito.”

“Mas eu tenho que ir até Caleb,” ela diz.

“Não, não posso permitir que você se coloque em uma situação de perigo, e mais importante, que coloque em risco a nossa família: Eu proíbo que você vá.”

Caitlin olha para ele, e sua tristeza começa a se transformar em indignação, e depois em raiva. Ela odeia a autoridade, e qualquer pessoa que a proíba de fazer o que quer que seja. Isso a leva à loucura.

“Você não pode me proibir,” ela diz. “Sou livre para ir e vir como eu bem entender, você disse isso quando cheguei aqui.”

“O que eu disse foi que você poderia ir onde e quando quisesse, mas que se fosse embora sem minha permissão, não poderia retornar. Nunca. Esse é um sacrifício que você está disposta a fazer?”

Caitlin fica parada, aturdida. Ela não sabe o que fazer. Desistir de tudo que tinha aqui? Esquecer todos seus novos amigos? Mergulhar na escuridão para tentar salvar Caleb, quando Aiden insiste que ele não pode ser salvo? Enquanto ele insiste que se ela tentar, morrerá também?

Ela sabe que, logicamente, ele tem razão. Ela precisa ficar ali.

Mas no fundo, bem no fundo, ela não consegue esquecer seu sentimento por Caleb, e seu senso de dever. Ela teria que ao menos tentar salvá-lo, mesmo que fosse inútil. Ela não se perdoaria se não tentasse, e simplesmente se recusa a aceitar que ele esteja morto.

Caitlin de repente se sente mal mais uma vez, e sem avisar, corre para a janela de Aiden, abre a vidraça, e vomita seguidas vezes. O

sangue escorre pelo parapeito da janela.

Finalmente, ela consegue parar para respirar, e limpa a boca. O quarto está rodando. Ela não se sente bem.

Aiden agora para a alguns passos dela, e quando ela vira, ele olha seu rosto. Os olhos dele, sempre tão calmos, tão controlados, de repente se abrem, surpresos. Ela nunca o tinha visto surpreso antes.

“Interessante,” ele diz, examinando-a. “Eu nunca vi isso antes.”

Ele olha no fundo dos olhos de Caitlin, e isso a assusta..

“Seus olhos...” ele diz, “...estão amarelos.”

A simples ideia assusta Caitlin. Ela sente seu corpo tremendo por dentro. Será que tinha mesmo algo errado com ela?

“Não me sinto bem,” ela diz, sentindo-se tonta.

Ela se sentia como se tivesse sido envenenada.

“É claro que não se sente,” ele diz, erguendo o braço lentamente e colocando a palma da mão na testa dela. Ele fecha o olho e respira profundamente. Por fim, ele olha para ela, balançando a cabeça.

“É como eu suspeitava,” afirma ele.

“O quê?” Ela pergunta nervosa.

“Você está grávida.”

**VINTE**

Se Kyle era capaz de sentir qualquer coisa que se assemelhe a alegria, isso era o mais próximo do sentido da palavra que ele jamais chegaria.

Apenas algumas poucas semanas atrás, ele tinha sido punido, tido ácido derramado em seu rosto, sido expulso por seus companheiros, um párea, que nunca mais poderia colocar os pés naquele coven. Agora ele estava de volta, de volta embaixo da Prefeitura, o novo líder do Coven Blacktide. Ele tinha conseguido derrotar Rexius, se vingar de todos os seus antigos inimigos, e conquistar a Espada. Ele tinha comandado um exército com milhares de vampiros, e todos os covens locais tinham mostrado respeito a ele. O mundo lhe pertencia.

E a guerra estava apenas começando. A batalha tinha sido gloriosa. Uma vez que tinha matado Samuel e capturado Caleb, ela tinha se tornado uma comoção, e seus homens tinham matado todos eles. Eles tinham resistido bem, mas no final, os homens de Kyle estavam em maior número. Eles tinham ganhado terreno rápido, e agora mais os covens vizinhos tinham se juntado a ele. Seu exército agora se espalhava para Uptown, avançando quarteirão por quarteirão, como um bando de gafanhotos, eliminando os humanos, e juntando forças em direção aos Claustros, onde poderiam eliminar o Coven White. Logo a cidade inteira seria dele. E depois disso, seu Plano Mestre poderia ser colocado em ação.

Kyle sorri. O apocalipse com que ele sempre havia sonhado tinha chegado. Ele só tinha um problema. Era um problema dos mais insignificantes, mas ainda assim, era um problema. Caitlin, a garota. Ele detestava profecias, e especialmente a profecia que envolvia a garota. Ele odiava toda a linhagem dela. Já que ela era a Escolhida, e tudo mais. A única que, de acordo com a Escritura, poderia colocar um fim ao apocalipse. Ele sabia que era uma grande besteira, mas o

problema era que outros vampiros acreditavam nisso. E isso era guerra como uma guerra psicológica.

Ele sabia desde o começo que teria que encontrar ela e matá-la de uma vez por todas. Depois disso, ele estava certo, a aniquilação absoluta de todos poderia começar.

E é por isso que ele está satisfeito em ter capturado Caleb. Caleb tinha sido um guerreiro melhor do que ele esperava. Kyle tinha que admitir que por um momento ele teve medo de que perderia a luta com Caleb. Mas então Sam tinha aparecido. Sam não apenas um de seus melhores homens, ele tinha se tornado um de seus mais leais e confiáveis soldados. Ele tinha salvado a vida de Kyle, e provado sua lealdade. Por isso, Kyle lhe seria sempre grato. Mais importante ainda, ele tinha dado a Kyle a oportunidade que ele precisava para prender Caleb e agora, ele estava certo de que Caitlin viria. Eles precisavam apenas esperar, e ele tinha certeza de ela logo apareceria, atraída até eles como uma mariposa pela luz.

Ele sorri mais uma vez. Sim, seu plano está funcionando.

E se já algo melhor que matar ela pessoalmente quanto ela chegasse, seria assistir seu próprio irmão, Sam, matá-la diante de seus olhos. Ah, ele pensa, este seria um dia perfeito: A felicidade de presenciar isso, as lembranças, eriam suficientes para sustentá-lo por anos a fio. Sim, seria o final perfeito para ela: morta pelas mãos do próprio irmão.

E, além disso, marcaria a lealdade de Sam com ele para sempre, fazendo dele seu conselheiro de confiança, o homem com quem ele poderia contar durante sua guerra contra Nova Iorque. Ele teria duas utilidades, e Kyle se sente satisfeito por pensado nisso.

E qual a melhor arma para acabar com ela, senão aquela a que *ela* o tinha levado? A Espada certamente a mataria desta vez.

Na enorme câmara, lotada de vampiros agitados, Kyle se aproxima de Kyle e sussurra em seu ouvido, e logo vários guardas saem correndo, atravessando a multidão de vampiros, com ordens para encontrar Sam e Samantha.

Dentro de segundos, os dois estão em pé, parados na frente do trono de Kyle. A sala fica em silêncio, com todos do coven assistindo. Não era sempre que Kyle convocava alguém.

“Sam do Coven Blacktide,” diz Kyle devagar, com autoridade, “você provou sua lealdade durante a batalha e, por isso, temos uma dívida com você.”

Há uma grande comoção no local, quando todos os presentes concordam com suas palavras. Sam olha para ele, sem expressão, exatamente como vinha se comportando desde que tinha sido transformado. Ele ainda parecia estar perdido no meio da névoa.

“Você tem apenas mais um teste para provar sua lealdade a este coven de uma vez em definitivo.” Continua Kyle.

Sergei aparece correndo, segurando a Espada.

Kyle se estica e a pega, segurando-a com as mãos esticadas na frente dele. Ela brilha sob a luz das tochas.

“Um dia, sua irmã virá até nós. É inevitável. E quando ela vier, nós a mataremos.” Kyle se aproxima de Sam. “Mais especificamente, *você* irá matá-la, - com esta Espada.”

Sam o encara, olhando para o vazio.

“Em com este ato,” Kyle continua, “você irá provar sua lealdade a mim de uma vez por todas. E quando você fizer isso, eu lhe concederei a honra de se tornar meu General, e lhe garanto poder e

riqueza com os quais você jamais sonhou. Sam do Coven Blacktide, você aceita esta missão?"

Sam fica em pé, olhando, sem piscar. Sua expressão não muda de forma alguma. Kyle começa a se irritar. Ele sente seu rosto começar a se contorcer de raiva.

De repente, Samantha dá um passo e frente, ficando entre eles, e se curva.

"Meu mestre," ela fala. "Sam ainda está em estado de choque devido a transformação, e também por causa de sua primeira batalha. Ele ainda não compreende tudo. Peço que me conceda uma reunião a sós com ele, para que eu possa lhe explicar tudo. Prometo que não irei desapontá-lo", completa ela, com outra saudação.

Kyle respira fundo e fala:

"Muito bem, mas você tem apenas alguns minutos, não mais; e se a resposta não for do meu agrado você e seu namorado pagarão caro, isso eu lhes garanto."

\* \* \*

Samantha guia Sam até a câmara ao lado do grande hall. Ela fecha a porta atrás deles, e quando ambos estão sozinhos, ela fala rapidamente com ele, sussurrando, agitada.

"Sam, eu preciso que se concentre, preciso que me escute," ela implora.

Ele ainda encara o vazio, apático, e ela se pergunta o quanto a transformação o teria afetado, ele mal parece escutar suas palavras.

Ela dá um passo a frente, segurando seu rosto entre as mãos e, aproximando-se, lhe beija, um beijo longo.

Samantha recua, olhando dentro dos olhos de Sam. Há um ligeiro brilho de reconhecimento, talvez ela tenha quebrado o feitiço.

“Sam, estamos em grave perigo. Você precisa aceitar a Espada. Você precisa dizer a Kyle que matará sua irmã.”

Sam olha para ela, piscando. Ele parece estar começando a registrar tudo.

“Sam, você *tem* que fazer isso. Caso contrário, eles nos matarão. E se a Espada estiver conosco, nada poderá nos deter. Quando você tiver matado sua irmã, podemos acabar com Kyle. Com a Espada, você se tornará mais forte que ele. Você se tornará o novo líder do coven, e eu estarei ao seu lado, juntos, podemos conquistar poderes inimagináveis. Sam, por favor me escute!”

Ela chacoalha os ombros dele, tentando causar uma reação.

“Repita comigo: Aceitarei a Espada,” ela diz, olhando dentro dos olhos dele. “Matarei minha irmã.”

Sam olha para ela, ainda em transe, dizendo devagar:

“Aceitarei a Espada; matarei minha irmã.”

## VINTE E UM

Caitlin senta em um amplo parapeito de pedras, com Rose ao seu lado, e observa as águas. Ela havia encontrado estas pequenas ruínas em uma parte deserta da ilha, na costa, quase no mesmo nível que o rio. Ela sente que pode organizar melhor seus

pensamentos aqui, sozinha, e desesperadamente precisa disso. O céu está completamente iluminado pelos tons rosa do pôr do sol, e ela sente que está sentada no limite do mundo.

A mente dela voa, há muito em que pensar, e ela não sabe por onde começar.

Grávida. Esta palavra a tinha balançado. Ela nunca tinha imaginado que isso fosse possível, – fazia apenas uma ou duas semanas que ela tinha passado a noite com Caleb. Ela havia ficado surpresa com a revelação de Aiden de que a gravidez vampira acontecia bem mais rapidamente. Não era necessário aguardar três meses para descobrir e, enquanto era impossível para um vampiro engravidar uma vampira, ele havia explicado, quando ela e Caleb passaram a noite juntos, Caitlin ainda era uma humana mestiça.

Caitlin engole o medo: Que tipo de bebê ele seria: humano, mestiço, um vampiro? E que tipo de mãe ela seria? Ela mal conseguia cuidar de si mesma, mal sabia quem *ela* era de fato. E Caleb, que tipo de pai ele seria para este bebê: Será que ele estará vivo quando ele nascesse? E ela?

Estes pensamentos tomam conta de sua mente.

Ainda pior, em cima deles, a sensação e o medo de que Caleb está em perigo persistem. E também, as palavras de Aiden, - ela não consegue tirá-las da cabeça. *Caleb em perigo... nenhum jeito de salvá-lo... proibida de ir... ela nunca poderia retornar...*

Todos os músculos de seu corpo ardem para que ela vá atrás de Caleb, para que o salve – especialmente depois de ler a carta dele, de ter certeza de seu profundo e verdadeiro amor por ela. Como ela seria capaz de abandoná-lo, depois de tudo que ele havia feito por ela?

Mas, por outro lado, ela se sente oprimida pelo sacrifício que seria necessário. Ela teria que abandonar este lugar, seu novo lar, sua

nova família, para sempre. Ela poderia morrer tentando, de acordo com Aiden, e isso significaria matar seu recém-descoberto bebê. Ela seria capaz de sacrificar tudo isso para salvá-lo? E ainda assim, como ela poderia simplesmente não fazer nada?

Sentada ali, com o sol se pondo e lágrimas escorrendo pelo seu rosto, Caitlin amaldiçoa sua má sorte. Este sempre havia sido seu destino, ela tem a impressão de que sempre que encontrava algo importante para ela, algo de que ela gostasse, um novo lar, uma nova escola ou novos amigos, tudo era sempre tomado dela. A vida lhe proporcionava coisas agradáveis apenas por tempo suficiente para que ela soubesse o quanto gostava delas, e então as tirava. A mudança parece ser a única constante em sua vida.

Logicamente, ela sabe o que tem que fazer. Ela tem que ficar onde está, - por ela, pelo bebê, e por seus companheiros de coven, por sua raça, e seu destino.

Mas, emocionalmente, ela não consegue esquecer Caleb.

Ela fica sentada no mesmo lugar por horas, apenas pensando. Por fim, seu coração vence a disputa. Ela irá até Caleb.

\* \* \*

Caitlin, em pé em seu pequeno quarto, analisa seus pertences uma última vez, enquanto veste seu traje de batalha. Ela o tinha recebido durante seu treinamento, e gostava bastante dele. Todo em preto, ele era feito de um material que ela não conhecia, e cujo nome ela não conseguia pronunciar, mas ela sabia que era extremamente leve, e mais resistente que um colete a prova de balas. O traje serve perfeitamente nela, e o tecido envolve suas pernas e braços torneados, cobrindo todo seu corpo, dos pés a cabeça. E com as botas combinando com ele, Caitlin se sente invencível.

Ela observa seu quarto uma última vez, pegando seu diário e seus poucos pertences, e parte em direção ao amplo terraço.

Ela olha para o céu, preparando-se para dar o salto, seu último salto, quando de repente escuta um gemido. Ao olhar para baixo, vê Rose, sentada aos seus pés, olhando para ela com cara de piedade. Para Caitlin, parecia que Rose estava implorando para que ela não fosse, como se soubesse o que a estaria aguardando.

Caitlin se agacha em frente de Rose, esticando o braço para acariciar seu rosto, e Rose lambe sua mão, gemendo.

“Está tudo bem, Rose,” Caitlin diz. “Tudo vai ficar bem.”

“Você não ia se despedir” ela ouve.

Caitlin olha para cima, assustada, e vê Polly, com lágrimas nos olhos.

“Sinto muito,” Caitlin lhe diz. “Eu realmente não sabia o que dizer, e não sabia como você reagiria.”

Polly concorda com a cabeça, dizendo:

“Descobri através do Aiden.”

Caitlin arregala os olhos, dizendo:

“Aiden? Mas eu não contei nada a ela ainda. Como ele sabe... ”

“Ele sabe de tudo,” relembra Polly.

*Então ele sabia o tempo todo que eu iria,* pensa Caitlin. Ela se lembra de como ele lhe pareceu desapontado com ele, e de como ela havia se sentido mal em deixá-lo frustrado.

“Ele falou sério, sabe,” continua Polly. “Se você se for, não poderá retornar.”

Caitlin de repente sente vontade de começar a chorar.

“Eu sei,” ela diz suavemente. “Mas eu tenho que ir, e espero que você compreenda.”

Polly concorda e entra no quarto para dar um abraço em Caitlin. As duas choram abraças, amparando-se.

Por fim, se afastam e Caitlin pergunta:

“Os outros já sabem?”.

Polly assente, respondendo:

“É difícil não ficar sabendo. Uma vibração como essa se espalha rapidamente. Todos a amam, e está sendo difícil para todo mundo.”

Caitlin pensa em Blake, imaginando se seria difícil para ele, também.

“Sim, até mesmo Blake,” Polly responde, lendo seus pensamentos. “Ele se retirou para o lado oposto da ilha, e ninguém o viu desde então.”

Caitlin sente o pequeno pedaço de vidro do mar dentro de seu bolso, e se sente mal. Ela enxuga uma lágrima do rosto, e faz um pedido a Polly, mal contendo as lágrimas que insistem em escorrer:

“Você pode cuidar da Rose por mim?”.

Rose dá um gemido mais alto. .

“É claro que cuidarei,” Polly responde.

Caitlin balança a cabeça, e respira profundamente, decidida.

Ela dá um passo à frente, e coloca a mão no ombro de Polly, olhando dentro dos olhos dela.

“Eu amo você,” ela diz, “E amo este lugar, do fundo do meu coração.”

Com isso, ela se vira e dá um salto repentino, abrindo suas asas e subindo cada vez mais alto no céu noturno.

## VINTE E DOIS

Ao voar sobre o Bronx, Caitlin fica horrorizada ao ver a extensão da destruição que está acontecendo nas ruas embaixo dela.

Há derramamento de sangue por toda parte, em quadra após quadra, vampiros atacam os humanos, alimentando-se abertamente sob a luz da lua. Ela também vê seres humanos atacando outros humanos, tentando fugir do caos. É uma verdadeira anarquia, e ela não consegue evitar o sentimento de responsabilidade por tudo que esta acontecendo. Se ela tivesse conseguido segurar a espada, se não a tivesse deixado escapar, talvez nada disso estaria acontecendo.

Ela sobrevoa os Claustros, voando baixo, e dando a volta por cima mais uma vez. Ela hesita, debatendo se deveria aterrissar, se Caleb estaria ali dentro. Por um lado, ela imagina que ele já tenha partido há muito tempo, que provavelmente já esteja no meio de uma batalha em algum lugar, supondo que se realmente estivesse em perigo, estaria em outro lugar.

Mas, por outro lado, ela não faz ideia em que parte de Manhattan procurar por ele. Os Claustros eram a melhor pista que ela tinha. Ela tem certeza de que seus companheiros de coven saberiam exatamente onde ele tinha ido, e poderiam apontá-la na direção certa, era o lugar mais lógico onde ela poderia ir.

Mas a ideia de rever Sera lhe causa um tremendo mal estar. Ela sente tanta raiva de dela, que não consegue imaginar como reagiria quanto se encontrassem novamente – e não confiava em sua capacidade de controlar seus sentimentos. Além disso, Caitlin não tinha sido muito bem recebida da última vez que havia visitado o local, e ela imagina que eles ficarão ainda mais zangados com sua presença desta vez; talvez sejam até hostis.

É um risco que ela tem que correr, ela pensa, enquanto voa naquela direção, mergulhando e aterrissando no grande terraço externo com vista para o Hudson.

Ela atravessa o jardim medieval, dirigindo-se direto até as portas, diante das quais há várias dúzias de soldados vampiros, a postos.

Ela não se lembra de ter visto tantos vampiros fazendo a guarda da última vez que esteve naquele local; o coven devia estar em alerta.

Um dos soldados dá um passo à frente, segurando uma lança comprida, e bloqueia sua passagem, com ar muito sério.

“Diga seu nome, o do seu coven, e o propósito de sua visita,” ele diz.

Ela pode ver que os soldados atrás dele estão tensos.

“Meu nome é Caitlin, sou do Coven Pollepel, e estou aqui para ver Caleb.”

O soldado a encara por mais um minuto, e então responde com firmeza:

“Espere aqui.”

Ele se vira, atravessa a grande porta rapidamente, e a fecha atrás dele.

Caitlin fica parada no lugar, esperando em silêncio, nervosa. Logo a porta se abre mais uma vez, e dois soldados saem por ela.

“Siga-nos,” diz um deles, virando.

Caitlin o segue, através da porta, e a ouve bater assim que passa.

Ela segue os dois soldados que marcham rapidamente pelo longo corredor de pedras, e por um pequeno pátio interno. Enquanto caminham, Caitlin vê dezenas de vampiros por todos os lados, vagando, todos em aparente estado de agitação.

Eles a guiam por outro corredor, e depois até os pés de uma escada. Caitlin pode ouvir alguém chorando à distância, o choro ecoando pelas paredes do local. Os guardas param em frente aos primeiros degraus, e um deles diz, olhando pra frente:

“É por ali.”

“Onde estou indo?” ela pergunta.

*Será que Caleb está lá embaixo?* Ela se pergunta. *Por que ele não veio me receber?*

Os dois guardas continuam olhando, ignorando ela. Obviamente já haviam dito tudo que estavam dispostos a dizer.

Caitlin desce a antiga escadaria de pedras, dirigindo-se até a escuridão, mal iluminada pelas tochas e, ao fazer isso, o choro se torna mais alto.

Caitlin faz uma curva e se encontra em uma ampla câmara, profunda e estreita, com tetos altos e curvos. Este quarto sombrio está repleto

de sarcófagos – grandes sarcófagos intrincadamente esculpidos em todas as formas e tamanhos, espalhados pelo quarto. Fora isso, encontra-se completamente vazio.

Exceto por uma pessoa, ou melhor, uma vampira.

Sera.

Ela a vê, ajoelhada no chão de pedra, sozinha no meio do quarto, seu choro preenchendo o vazio. Antes que Caitlin pudesse entrar, Sera se vira, seus longos cabelos vermelhos voando em todas as direções, seu rosto contorcido pelo dor e mágoa.

“A culpa é toda *sua!*” ela grita, ficando em pé e apontando o dedo para Caitlin. “Isto aconteceu por culpa *sua!*”

Aparentemente, Caitlin teria que encarar seu medo de frente. Sera, já era tempo de as duas se entenderem. Caitlin sente sua própria raiva se acumular dentro dela, sem ter sido afetada pelas lágrimas de Sera.

Antes que ela possa responder, Sera grita mais uma vez.

“Eles capturaram o meu Caleb! E tudo por causa de você!”

O coração de Caitlin se parte ao ouvir estas palavras. Ela sente seu mundo girando, e estava tão despreparada para ouvir isso, que mal se recorda do que estava prestes a dizer a Sera. Ela está sem palavras.

*Capturado.* Isso só poderia significar uma coisa; eles certamente o matariam.

Sera se aproxima de Caitlin, dando vários passos, e fica a apenas alguns centímetros dela. Ela a encara com ódio intenso, toda sua tristeza se transformando em raiva.

“Por que você não podia simplesmente tê-lo deixado em paz?” pergunta Sera. “Você começou toda essa confusão. Por sua causa, agora eles têm a Espada. Por sua causa, Caleb teve que arriscar a própria vida para consegui-la de novo. E veja o que aconteceu agora, espero que esteja satisfeita.”

“Foi *você* que veio até nossa ilha para buscá-lo,” Caitlin grita de volta. “Foi *você* que arrastou ele para o meio de tudo isso. Por que você não o deixou quieto? Você não conseguia, conseguia? Você não suportou ver ele feliz com outra pessoa. É *sua* culpa, tanto quanto minha.” Grita Caitlin, igualmente irada.

Sera treme de ódio ao responder.

“Eu o trouxe de volta para ficar comigo, sua esposa fiel, e para que ele ficasse com o filho dele.”

“Você *não é* mais a esposa dele,” Caitlin responde. “E sei sobre o filho de vocês. Sei que ele morreu há centenas de anos. Você só sabe mentir.”

“Meu filho está vivo! Nunca mais repita isso!” berra Sera.

Caitlin percebe naquele momento que Sera está fora de si, sem contato com a realidade, esmagada pela dor, que a tinha moldado. Ela enxerga o quão patética Sera é, e de repente, apesar de tudo, sente pena dela, e sua raiva é abatida.

“Sinto muito pela sua perda,” Caitlin diz, suavemente.

Ela percebe que Sera não esperava por isso. Sua feição se abrandava, e ela senta no chão de pernas cruzadas, segurando a cabeça entre as mãos e chorando.

“Caleb, meu Caleb,” ela soluça “como conseguiram te prender?”

Caitlin pode ver o quanto Sera sente por Caleb, o que é de certa forma, desolador. Independente do quanto ela estava delirando, ao menos seu amor por Caleb era genuíno, fazendo com que ambas tivessem algo em comum.

Caitlin se senta ao lado dela, estica o braço, e coloca a mão em seu ombro.

“Sera,” Caitlin diz, “temos que encontrar Caleb antes que seja tarde demais. Não temos tempo a perder: Conte-me, onde está ele?”

“O Coven Blacktide,” Sera responde. “Eles o pegaram, - o exército inteiro - nunca conseguiríamos resgatá-lo. Meu coven tem medo de ir, ninguém está sequer disposto a tentar. É inútil, somos em menor número.”

O Coven Blacktide pensa Caitlin, isso significa a Prefeitura. Ela sabe aonde ir, e se levanta.

“Bem, eu não preciso da ajuda deles,” Caitlin responde destemida. “Irei sozinha.”

Sera olha para ela, saindo do transe, com os olhos bem abertos, surpresa.

“Você está de brincadeira? Você será trucidada,” diz ela, “Seria uma missão suicida.”

“Então que seja,” Caitlin responde. “Pelo menos não ficarei aqui, sentada como uma covarde.”

Caitlin vira e se dirige até as escadas. Ela sente uma mão em seu ombro.

“Espere,” pede Sera.

Caitlin vira e Sera olha dentro de seus olhos por diversos segundos, em profundo silêncio.

“Você realmente se importa com ele, não é?” Sera pergunta. Caitlin simplesmente a observa. “Sim, posso ver que se importa.”

Sera continua a encarar e então concorda lentamente, tendo tomado uma decisão.

“Muito bem, então,” ela diz, “Eu irei com você.”

Caitlin está surpresa:

“O quê?”

“Iremos juntas,” Sera explica, “Duas pessoas têm mais chances do que uma. Não que eu me importe se você morrer, mas não quero ver Caleb sofrer.”

Caitlin encara Sera: Esta é a última coisa que ela esperava, mas quanto mais pensa a respeito, mais está certa de que seria inteligente ter alguém na retaguarda. Afinal de contas, estavam fazendo isso por Caleb, e não por ela.

“Está bem,” diz ela.

Sera então se vira e atravessa o quarto. Ela para diante de um pequeno sarcófago, grande o suficiente para uma pequena criança, e faz o sinal da cruz. Ela reza, inclinando a cabeça até tocá-lo. Caitlin a observa e então se dá conta de que aquele devia ser o túmulo do filho dela – do filho de Caleb.

Ela percebe que mesmo após todas essas centenas de anos, Sera não tinha sido capaz de esquecê-lo. Para ela, ele ainda estava vivo.

Alguns momentos depois, Sera volta e caminha ao lado de Caitlin, enquanto as duas sobem os degraus.

Ao chegar ao topo, Sera se encaminha para um corredor diferente.

“Siga-me,” Sera pede, “Se vamos morrer, pelo menos devemos levar armas apropriadas.”

## VINTE E TRÊS

Caitlin e Sera voam sobre o West Side de Manhattan, em direção ao centro da cidade. Sair dos Claustros não tinha sido fácil. Os membros do Coven de Sera tinham tentado detê-la, mas ela tinha se recusado terminantemente a desistir, e Caitlin teve que admitir que ela tivesse força de vontade.

Sera a tinha levado até o andar superior, o andar principal dos Claustros, e guiado Caitlin até uma enorme lareira repleta de detalhes entalhados.

Sera estica seu braço e, retirando o abafador de metal, revela um compartimento secreto. Ela pega duas armas para si: uma espada curta, coberta de marcações antigas e uma pequena adaga de prata, enquanto Caitlin observa admirada. Eram armas medievais cruéis, feitas para a destruição e maravilhosas pela simplicidade.

Sera tinha então se dirigido até outro quarto, onde abriu um compartimento no que parecia ser um candelabro de três metros, e de onde extraiu um imenso machado de batalha. Ele também era de prata, e brilhava sob a luz. Pela maneira como Sera o tinha segurado, Caitlin teve a sensação de que ela já o tinha usado antes, inúmeras vezes.

De posse destas armas, as duas tinham durante a noite, saltando do parapeito dos Claustros sob o protesto dos companheiros de Coven de Sera, e dirigindo-se ao Sul e rapidamente desaparecendo.

Elas passam por cima da Rua 150, e sobrevoam a Rua 140, e enquanto voam, Caitlin olha para baixo e se lembra. Era sua antiga vizinhança, e ela estremece com a lembrança. Elas voam por cima de sua antiga escola, e ela percebe que não ficaria incomodada se tivesse que destruí-la.

De repente, Caitlin se lembra: Jonah. Ela não pensava nele há tempos, e a simples recordação é como eletricidade em seu corpo. Ela se dá conta de que ele deveria estar em algum lugar lá embaixo. Ela olha para baixo mais uma vez e testemunha a anarquia, vê os humanos sendo devastados por vampiros e percebe que eles não têm a menor chance. Ela se lembra de que morava bem ali, na Rua 131, e se sente obrigada a ajudá-los. Ela não sentia mais nada por ele, mas ao mesmo tempo, não poderia viver sabendo que havia permitido que ele fosse morto.

“Temos que descer,” Caitlin diz para Sera.

Sera olha para ela e a encara.

“Por quê?” ela pergunta, “Não estamos bem perto. Não temos tempo para distrações.”

“Um velho amigo,” Caitlin responde, “Preciso ajudá-lo.”

Sera faz uma careta:

“Não temos tempo. E não podemos nos arriscar lá embaixo, tempos que nos concentrar.”

Caitlin sabe que Sera tem razão, mas ainda assim, sente que é seu dever.

Então sem discutir, ela mergulha na direção da rua. Ela espera que Sera a siga – que esteja perto para ajudá-la – mas caso contrário, ela está pronta para agir sozinha, como sempre tinha feito.

Caitlin aterrissa na esquina da Rua 131 com a Broadway, bem no meio do cruzamento, e ao fazer isso, é atropelada por um carro que estava fugindo da confusão.

Caitlin se vira e vê o carro se aproximando, mas não tem tempo de reagir. De olhos arregalados, ela se prepara para o que certamente seria um terrível impacto.

O carro começa a frear, fazendo barulho, mas não a tempo; em uma fração de segundo ele acerta Caitlin a 80 quilômetros por hora.

Caitlin abre os olhos devagar. Ela ainda está no mesmo lugar onde estava, sem um arranhão, sem ter caído. O carro, no entanto, tinha parado exatamente no local da colisão, seu parachoque dianteiro completamente amassado ao redor dela.

Ela não tinha se ferido de forma alguma, mas havia destruído o carro. Ela está atordoada, surpresa e grata por não ser mais humana.

O proprietário do carro salta para fora, olha para Caitlin e então para o seu carro, chocado.

“Sinto muito!” ele diz, olhando para os lados, em desespero. “Eu não vi você! Eu juro! É como se você tivesse caído do céu, não pude parar a tempo! Está tudo bem com você!?”

Caitlin olha para o seu corpo, se afasta um pouco do carro, e percebe que está perfeitamente bem.

Ela sorri, pensando: a imortalidade certamente nos proporciona alguns benefícios.

“Estou bem, não se preocupe,” responde ela.

“Espere,” diz ele, aturdido, ainda tentando entender o que havia acontecido “Não é possível, eu bati em você, e estava indo rápido demais. Como você pode estar bem, se meu carro está todo amassado?”.

Ele olha do carro para ela, espantado.

Então ele se lembra do quanto as ruas estavam perigosas, salta para dentro do carro de novo e, com fumaça ainda saindo pelo motor, sai em disparada.

Caitlin olha a sua volta, tentando se localizar. O caos está por toda parte, pessoas fugindo em todas as direções, saqueando lojas, quebrando os vidros dos carros; veículos se acumulam em todas as ruas. Vampiros perseguem pessoas em todos os lugares, e as pessoas também fogem dos humanos infectados pela peste, como um apocalipse.

Ela identifica o prédio de Jonah e, quando está se preparando para correr naquela direção, ouve um barulho. É Sera, que acaba de pousar ao seu lado; Caitlin está aliviada, mas Sera está muito séria.

“Eu aterrissei apenas por que posso precisar de você para encontrar Caleb, e não por que me importo se você morrer,” ela diz.

“Você já disse isso,” responde Caitlin, “Mas obrigada, mesmo assim.”.

“É melhor que isso seja rápido,” completa Sera.

As duas saem em disparada na direção do prédio de Jonah.

Quando Caitlin encontra a porta da frente aberta, ela percebe que a fechadura tinha sido arrombada.

Ela entra, e ao chegar ao no lobby do hotel, vê vários humanos no chão, mortos, e um pequeno grupo de vampiros se alimentando deles.

Ao entrar, os vampiros são alertados de sua presença. Eles deixam o banquete de lado, com as garras estendidas e olhos vermelhos, e sibilam.

Eram criaturas vis, diferentes de todos os vampiros que Caitlin já havia visto. Ela pressente que fazem parte de outro coven; e presume que tinham vindo até ali para juntar-se à confusão, vindo de covens ao redor da cidade, e talvez até de outros lugares.

O que quer que fossem eles, aqueles vampiros lhe davam uma terrível sensação na espinha, e ela torce para que não termine assim.

Antes que eles possam atacar, Caitlin e Sera, soldados treinados, atacam ao mesmo tempo, Caitlin com a espada e lança estendida, e Sera com o machado de batalha erguido.

O grupo de vampiros parte para cima delas.

Caitlin golpeia com sua espada, desviando, rolando e saltando sobre eles. Ela muito rápida, arrancando membros e cortando cabeças, e eles não tem a mínima chance: Ela mata três deles em um piscar de olhos.

Sera é tão capaz quanto ela. Ao mesmo tempo, ela golpeia e investe, usando seu machado de batalha para cortar um vampire ao meio. Ela demonstra ainda mais raiva que Caitlin, e dentro de instantes, ambas estão cobertas de sangue, e os seis vampiros estão mortos, no chão.

Caitlin atravessa o corredor, olhando para o elevador, mas ela sabe que não seria uma boa ideia. Elas ficariam presas se fossem atacadas, e poderia faltar energia elétrica.

Ela corre até as grandes escadas de mármore, sendo seguida por Sera.

As duas sobem os seis lances de escada até o andar de Jonah em pouco tempo. Ao chegarem, Caitlin derruba a porta com um chute, invadindo o hall de entrada, e Sera a segue logo atrás.

Caitlin olha rapidamente para os dois lados, preparada para o perigo. As luzes de emergência estão piscando, e ela pode ver muitos humanos mortos espalhados pelo chão. Ela se vira para a direita, seguindo as letras nas portas dos apartamentos e, no final do corredor, vê três vampiros parados na frente de uma porta de metal, empurrando-a com os ombros. É uma porta de metal sólido, e não está cedendo, mas já começa a entortar e, obviamente, não resistiria muito tempo.

Caitlin olha para as letras e percebe que se trata do apartamento de Jonah.

Caitlin ataca os vampiros com Sera ao seu lado e, desta vez, Caitlin retira sua lança e a joga para frente. Ela perfura a garganta de um vampiro e depois, magicamente, retorna para ela. Os outros dois vampiros se viram e atacam; um deles salta no ar, na direção de Sera, mas ela está pronta e se agacha, erguendo o machado e acertando o vampiro bem no meio do estômago.

Caitlin empunha a espada e, enquanto o outro vampiro salta em sua direção, ela também salta e quando se encontram no ar, ela corta o pescoço dele com ela.

Com os três vampiros mortos, Caitlin e Sera correm até a porta.

“Jonah!” ela grita.

Não há resposta.

“Jonah!” ela tenta mais uma vez, “Sou eu, Caitlin, deixe-me entrar!”.

Após alguns instantes, há um barulho do lado de dentro, seguido de “Caitlin?”.

É a voz dele, ele ainda está vivo.

“Sou eu! Abra a porta, rápido!”

Ela ouve um barulho na fechadura, e várias trancas sendo destravadas até que, finalmente, a porta se abre. Ela e Sera rapidamente entram no apartamento, e ele tranca a porta atrás delas.

Caitlin e Jonah se olham, ambos atordoados.

Mas Jonah está muito mais chocado em ver Caitlin ali, com Sera, ambas armadas e cobertas de sangue, e fica sem reação.

Caitlin avalia o apartamento, e vê o pai de Jonah deitado no sofá, quase inconsciente. Ela vê as feridas no rosto dele, indicadoras da peste, e ela sente por ele, e por Jonah, mas ao menos ambos estão vivos.

“Você está vivo,” diz Caitlin, feliz com a surpresa.

“O que você está fazendo aqui?” pergunta ele, “Como chegou até aqui? Como está viva?”

Caitlin balança a cabeça:

“Não temos tempo. Precisamos ir, precisamos tirar vocês daqui.”

“Onde você... como está fazendo para sobreviver?” pergunta ele, ainda em estado de choque.

Caitlin pensa rápido, e tem uma ideia.

“No depósito de armas,” ela diz, “Você estará seguro lá, há muitos soldados americanos e tanques no local.”.

“Mas... como vamos chegar até lá?” pergunta o pai de Jonah, “Nós nunca conseguiremos sair daqui vivos! E mesmo que conseguíssemos, o depósito fica muito longe.”

Caitlin se vira e olha para Sera. Sera também olha para ela, e ela pode ver que as duas estavam pensando a mesma coisa, na mesma hora.

“É no caminho,” Caitlin fala para Sera, “Não levaria quase tempo algum.”

Sera balança a cabeça irritada, dizendo:

“Sabia que isso iria acontecer.”

\* \* \*

Caitlin e Sera voam, dirigindo-se ao Sul, Caitlin com Jonah nas costas, e Sera carregando o pai dele. Caitlin sorri ao recordar a cara do Jonah quando ela tinha colocado ele sobre os ombros, e Sera feito o mesmo com o pai dele, e depois saltado com eles pela janela. Jonah e seu pai haviam gritado, presumindo que tivessem saltado para a morte certa.

Os dois tinham ficado igualmente surpresos ao perceber que estavam vivos, e voando. Eles ficaram espantados e boquiabertos, simplesmente não havia como explicar. Mas também estavam agradecidos por estarem no ar, fugindo do prédio deles, e da morte certa.

Eles voam rapidamente até o centro, e ao atingirem a Rua 28, viram para o Leste em direção ao arsenal da Avenida Lexington.

Eles descem e deixam os dois próximos da entrada. Milhares de soldados dos Estados Unidos, e dezenas de jipes e tanques estão entrando e saindo pelas portas e Caitlin e Sera passam despercebidas pela confusão.

Todos ficam parados por um instante, Jonah e seu pai olhando fixamente, ainda em choque, sem saber o que dizer.

“Vocês estarão a salvo aqui,” Caitlin lhes diz. Jonah começa a falar algumas vezes, abrindo a boca e depois a fechando.

Por fim, ele tenta mais uma vez:

“Eu... não sei o que dizer...” ele fala, “Eu... nunca me esqueci de você. E nunca me esquecerei.”.

Com isso, Caitlin sente um puxão no braço, e ela e Sera partem, voando na direção da Prefeitura.

## VINTE E QUATRO

Caitlin e Sera voam quase até o centro da cidade sem serem incomodadas, até que, finalmente, a sorte delas acaba. Na Rua Houston, soldados do Coven Blacktide surgem, indo diretamente até elas. Há talvez duas dúzias deles, e nenhuma maneira de escapar.

“Prepare-se para lutar,” Sera diz ainda no ar, com o rosto transformado pela raiva, ao erguer seu machado de batalha.

Caitlin pega a espada e a lança, tentando se lembrar dos princípios ensinados por Aiden na ilha. *Concentre-se. Respire fundo. Mentalize. Quanto estiver em menor número, concentre-se no guerreiro mais forte. Não há espaço para emoções durante uma batalha. .*

Elas estão em número bem menor, mas Caitlin, empunhando suas armas com as mãos suadas, sente que podem vencer.

Um segundo depois, elas colidem com o grupo a toda velocidade. Ao se encontrarem, Caitlin golpeia a espada com destreza, decapitando um deles. Ela arremessa a lança ao mesmo tempo, perfurando o pescoço de outro vampiro. Sera dá uma machadada, arrancando a cabeça de dois deles de uma só vez.

Restam ainda muitos deles, e no momento exato em que Caitlin e Sera dão o primeiro golpe, são atacadas por muitos outros vampiros – vampiros demais, movendo-se rápido demais para que elas pudessem reagir a tempo; e elas logo se veem despencando em direção ao solo.

Elas batem com força no cimento, cobertas por vinte vampiros.

Caitlin, sufocando-se embaixo da pilha, pensa em Caleb, na captura dele, e que ele precisa de sua ajuda. Ela pensa sobre o filho que está esperando, guardado em seu ventre, e sente um ódio incontornável. Ela sente seus músculos se fortalecerem e suas veias saltarem, e é tomada por uma força incrível.

Ela fica em pé, jogando os vampiros para o ar de uma única vez, com um enorme rugido. É o rugido de uma mãe protegendo seu filho, de uma esposa protegendo seu marido, tudo fica vermelho e ela perde completamente o controle.

Ela investe contra o grupo de vampiros, atordoados, golpeando descontroladamente, arremessando a lança assim que ela retornava para ela. Ela é atacada por todos os lados, mas se torna cada vez mais forte e cada vez mais rápida. Ela sente quando é agarrada, sua pele arranhada e rasgada, até mesmo mordida, mas nada que eles façam se compara a sua ira. Ela decapita um vampiro após o outro, e dentro do que para ela parecem apenas alguns segundos, todo o grupo que a estava atacando está morto.

Sera consegue se virar quase da mesma forma.

Ela tem uma força incrível, e golpeia seu machado habilmente, perfurando e cortando, e até mesmo usando o cabo de madeira para bloquear alguns ataques. Quando isso não é o bastante, ela também dá chutes, cotoveladas, e cabeçadas. Ela é como um exército de um só, e mata vários deles.

Mas ela não é tão boa quanto Caitlin. Vários outros vampiros a atacam pelas costas, jogando ela no chão, e um dos vampiros ergue sua espada, prestes a matá-la.

Caitlin parte para a ação, saltando e decapitando o vampiro com um golpe de sua espada. Ela continua atacando, descontrolada, e mata diversos outros, dando a Sera a chance de se recuperar.

Assim que fica em pé, Sera volta a lutar.

Minutos depois, todos os vampiros estão mortos. Restam apenas Caitlin e Sera, ambas sem ar, cobertas de arranhões e pancadas e feridas, cobertas de sangue, e Caitlin sente sua raiva se abatendo.

Ela olha para Sera, e percebe que algo havia mudado em sua expressão. Ela não parecia mais sentir raiva de Caitlin, pelo contrário, ela parece grata, e seu olhar parece o de uma amiga.

“Você salvou minha vida,” diz Sera, surpresa, “Por quê?”

Caitlin sorri.

“Bem, Imagino que também precise da sua ajuda para encontrar Caleb.”

Sera também sorri. Ambas sabem que este não é o verdadeiro motivo. Caitlin claramente podia se virar sozinha, e fica claro, naquele momento, que apesar de tudo, ela tinha aprendido a gostar de Sera, e Sera se sente da mesma maneira.

De repente, Caitlin se sente tonta. Ela cambaleia, contorcendo-se e segurando a barriga.

Sera se aproxima correndo, e coloca a mão em suas costas. Ela a segura pelos ombros, amparando-a.

“O que foi?” pergunta Sera, preocupada.

A dor na barriga de Caitlin tinha sido insuportável. Ela fica em pé devagar e começa a respirar novamente, inspirando profundamente.

Caitlin pode ver que a expressão de Sera muda ao examinar seus olhos. Ela ergue o braço e coloca a palma da mão na testa de Caitlin, e sua expressão se muda para espanto.

“Você está grávida,” diz Sera em um sussurro atônito, “De um filho de Caleb.”

Caitlin diz que sim, e os olhos de Sera se enchem de lágrimas.

“Por que você não me contou?”

“E teria feito alguma diferença?” pergunta Caitlin.

“Sim, é claro. Você está esperando um filho de Caleb, um pedaço dele. Isso significa tudo para mim.”

Sera enxuga uma lágrima.

“Sinto muito,” ela diz, “Sinto pela forma como me comentei. Por favor, me perdoe.”

“Não guardo nenhum rancor de você,” responde Caitlin.

“Eu sei,” responde Sera, “Você é uma pessoa melhor que eu.”

Caitlin sorri, sentindo-se melhor, e coloca a mão no ombro de Sera:

“Você não tão ruim assim,” Caitlin diz.

Sera também sorri.

As duas sobem ao céu novamente, indo direto para a Prefeitura, determinadas a resgatar Caleb, independente do quanto isso custaria. Mas agora, Caitlin sente que são mais do que duas guerreiras lutando pelo mesmo ideal. Ela sente que agora, são realmente amigas.

\* \* \*

Caitlin e Sera aterrissam nos degraus do prédio da Prefeitura. Tudo está quieto – calmo demais.

Elas se olham, pensando, - podem sentir a tensão no ar, misturada ao silêncio. É assustador, quase como se estivessem prestes a cair em uma armadilha.

Elas esperavam encontrar o lugar protegido por centenas de soldados, e vê-los em plena atividade, com vampiros indo e vindo. Mas também seus vampiros já estavam espalhados por toda a cidade. Talvez já tivessem saído dali e pensado, com razão, que o local não precisasse mais de proteção. Afinal, quem ousaria atacá-los?

Enquanto estão paradas ali, pensando, a porta da frente se abre, e dela sai um único vampiro.

Ele dá alguns passos na direção delas e para, encarando Caitlin, que não consegue acreditar no que vê.

É Caleb.

Ela para na frente dela, sorrindo, segurando a espada. A Espada. É um milagre. Ela havia escapado.

Caitlin sente um enorme alívio e cai em lágrimas, correndo para ele, subindo apressadamente os degraus. Ele sente uma onda de amor por ele, e se arrepende por tê-lo abandonado. Ela está determinada a nunca mais deixá-lo ao subir as escadas, pronta para abraçá-lo.

De repente, Caitlin ouve um grito: "NÃO!".

É a voz de Sera.

Caitlin sente quando é empurrada por ela, pouco antes de alcançar Caleb.

Ela bate no chão com força a alguns metros dali, e se vira para olhar.

Ela não consegue acreditar na cena que presencia.

Sera agora está no lugar onde Caitlin estava antes, na frente de Caleb.

Mas há uma expressão de dor terrível em seu rosto, e quando Caitlin olha, pode ver que Caleb tinha perfurado o coração dela com a Espada.

Era um golpe que tinha sido dirigido a Caitlin.

Sera havia percebido e empurrado Caitlin para fora do caminho, salvando-a, e tinha sido acertada em seu lugar; tinha se sacrificado para salvar Caitlin.

Caitlin olha para cima, horrorizada, vendo tudo em câmera lenta, observando o rosto de Caleb. Como ele tinha sido capaz de fazer isso; como ele pôde aceitar matar Sera, e matá-la também?

Mas ao olhar mais de perto, sua incredulidade aumenta. Bem na frente de seus olhos, o rosto dele se transforma. Não era Caleb, afinal. Tudo tinha sido apenas um truque.

E o rosto que ela passa a ver lhe arrepia até a alma: Era Sam, seu irmão. Ele tinha tentado matá-la.

Caitlin se sente como se tivesse sido esfaqueada ao perceber o grau da traição de Sam. Seu próprio irmão, disfarçado de Caleb, tentando matá-la, e matando Sera em seu lugar.

Sam parece registrar a expressão no rosto de Caitlin e, de repente, é como se saísse do transe em que estava. Ele se dá conta da gravidade do que tinha feito, e sua expressão se transforma em uma expressão de horror, ódio por si mesmo, ao olhar para as mãos que ainda seguram a espada ensanguentada, e perceber o que havia feito.

Ele deixa a Espada cair no chão, com um estrondo. Seu rosto se desmancha de tristeza e dor, e ele começa a chorar.

“Caitlin!” grita ele, “Me perdoe!”

E com isso, ele se vira e corre, de volta para dentro da Prefeitura, deixando Caitlin sozinha, a Espada no chão e Sera morrendo ao lado dela.

Caitlin corre até Sera e se senta ao lado dela, chorando. Ela coloca a cabeça dela no colo. Sera olha para ela, sorrindo.

“Sinto muito,” Caitlin fala, “Eu não sabia.”

Sera se esforça para falar, com sangue saindo pela boca. Por fim, ela abre seus lábios, dizendo com a voz fraca, “Era só um truque... polimorfismo... lembre-se... Caleb... é um prisioneiro... acorrentado... não se esqueça... ele está preso... se estiver livre... não é Caleb... não se deixe enganar...”

“Eu sei, Eu sei,” repete Caitlin, chorando. “Agora eu sei. Eu sinto muito.”

Sera levanta a cabeça uma última vez, esforçando-se para pronunciar suas últimas palavras.

“Seu filho,” ela diz, “cuide bem dele.”

E com isso, ela volta a se recostar, morta.

Caitlin se encosta e chora. É muito difícil para ela, pois em pouco tempo ela havia criado um grande vínculo com Sera, e agora era como se tivesse assistido enquanto sua irmã morria em seu lugar.

E ao mesmo tempo, ela se sente traída pelo irmão.

Caitlin olha para a Espada, jogada ali, sozinha, no chão.

Ela deita Sera com cuidado, vai até ela e a pega, segurando com as duas mãos, e dá um grito de guerra.

Naquele instante, as portas da Prefeitura se abrem violentamente, e dezenas de Blacktide partem na direção dela.

Mas Caitlin está pronta, mais do que preparada.

Uma incrível raiva flui em suas veias, um sentimento mais forte do que ela jamais havia experimentado, e agora ela tem a Espada. Eles estão prestes a atacar a pessoa errada, na hora errada.

Segundos depois, dezenas deles estão mortos, incapazes de lutar contra a Espada.

Mas eles continuam saindo pela porta, e Caitlin continua enfrentando cada um deles.

Após mais alguns minutos, os mortos chegam a centenas. Seus corpos se acumulam por cima uns dos outros, a medida que Caitlin destrói todos com uma força inimaginável, ela é outra pessoa. Finalmente, os vampiros param de surgir, mas Caitlin ainda não está satisfeita, e quer mais.

Ela não vai parar enquanto não tiver entrado no santuário, e matado Kyle com as próprias mãos.

Mas primeiro, ela precisaria encontrar Caleb.

Acorrentado, como Sera havia dito. Ele estava lá dentro, acorrentado, e ela precisa salvá-lo.

Agora que ela tinha a Espada, nada poderia detê-la.

## VINTE E CINCO

Sam atravessa correndo os corredores embaixo da Prefeitura, indo cada vez mais rápido. Ele não consegue acreditar no que acaba de acontecer.

Caitlin era sua irmã, e ele havia tentado matá-la: Por que, o que o tinha levado a isso?

Até aquele momento, desde que tinha sido transformado, ele se sentia fora de controle, como se estivesse em transe. Tinha sido tão difícil pensar com clareza, acostumar-se com seu novo corpo, sua nova vida, como se tivesse levado por uma onda gigante.

Mas agora os efeitos da transformação estavam passando, e ele era finalmente capaz de enxergar com clareza e de pensar por si próprio. Ele percebe seu erro, ele nunca quis nada daquilo. Ele odiava Kyle e todo o coven. Acima de tudo, ele percebe que tinha sido manipulado por Samantha.

Ela queria que ele conquistasse poderes para benefício dela mesma, por suas próprias ambições, e ela o tinha usado.

Mas ele não se importava com o poder, com a Espada, ou qualquer outra coisa. Ele só queria que o deixassem quieto, e longe dela, mas, primeiro, há uma coisa que ele deve fazer.

Naquele instante, ao atravessar outro corredor, Samantha aparece correndo na direção dele, com uma expressão frenética.

“Onde está a Espada?” ela pergunta rapidamente, “Você matou Caitlin?”.

Sam lhe dá uma tapa no rosto, que a manda para o outro lado do corredor. Ela bate na parede de pedra com força, e cai no chão.

Sentada ali, ela olha para ele, magoada e surpresa.

Ele se vira para ela, e grita.

“Nunca mais diga o meu nome!”.

Ela tenta responder, explicar para ele, mas ele não quer ouvir. Ele nunca mais quer vê-la.

“Sam!” ela chora pelos corredores, “deixe-me explicar!”.

Mas é tarde demais, ele corre sem parar, até que o choro dela é abafado, ecoando pelas paredes da câmara.

Sam quer vingança e destruição. Ele quer acabar com o Covem Blacktide, fazendo todos sofrerem.

Ele então percebe a melhor forma de conseguir sua vingança, a melhor maneira de compensar tudo que tinha feito – ou quase feito – com sua irmã. Ela nunca o perdoaria, disso ela sabia, mas ele tinha que tentar.

Sam entra em outro corredor, descendo rapidamente outro lance de escadas, e logo chega aonde queria: na masmorra.

Ele atravessa diversas portas até chegar à porta certa. Ele a derruba com o ombro.

E na pequena câmara, acorrentado às paredes, está Caleb.

Sem hesitar, Sam corre até ele e arrebenta as correntes. Dentro de poucos segundos, Caleb está solto.

Caleb olha para ele, desconfiado.

“Por que você fez isso?” ele pergunta, solenemente.

“Por Caitlin,” responde Sam, “por favor, diga a ela que a amo.”

E, com isso, Sam sair pela porta, atravessa um corredor e depois outro, subindo diversos lances da escada. Dentro de alguns instantes, ele sai pela porta dos fundos da Prefeitura. Ele sai em disparada e logo está voando, sozinho, perdendo-se na noite.

\* \* \*

Caitlin, com a Espada em punho, corre pelos corredores embaixo da Prefeitura. Ela está determinada a matar o máximo de vampiros possível, e matar Kyle também. Mas primeiro, teria que salvar Caleb. Ela está decidida a não se deixar enganar novamente. O polimorfismo era uma habilidade cruel e torturante, e ela não cairia mais uma vez. As palavras de aviso de Sera ainda soam em seus ouvidos, enquanto ela se infiltra cada vez mais nas catacumbas: *Caleb está acorrentado.*

Ao fazer outra curva no corredor, uma figura solitária aparece, correndo na direção dela. Caitlin ergue a Espada, pronta para a batalha, e de repente fica paralisada, abaixando-a.

Ali, apenas a alguns metros dela, está Caleb. Ele está livre, andando pelos corredores.

Uma parte dela sente que este é ele, e sente-se aliviada.

Mas outra parte, sua razão, se lembra das últimas palavras de Sera. Este não poderia ser ele.

Era apenas outro truque, tinha que ser. Caleb não estaria livre, ou estaria? Isso não faria sentido.

*Seja forte*, ela fala pra si mesma. *Não é possível que seja ele*.

“Caitlin,” ele diz, cheio de felicidade, “é você mesmo!”

Aquela voz - se parece tanto com a voz dele. Ela deseja mais que tudo simplesmente abraçá-lo, tirá-lo dali.

Mas ela se recorda das palavras de Sera, e sua razão a previne, fazendo-a abandonar a ideia. Este *não podia* ser ele, devia ser outra ilusão. Era o Sam de novo, ou talvez o Kyle, ou algum outro vampiro. Alguém com polimorfismo, preparando-se para matá-la.

“Caitlin,” Caleb repete, dando vários passos em sua direção, preparando-se para abraçá-la. E quando ele se aproxima, ela ergue a Espada e desfere um golpe.

É um golpe certo, que atravessa o coração dele. Ela fecha os olhos, incapaz de olhar, mesmo para alguém que estava apenas se passando por Caleb.

E ao abrir os olhos, ela sente seu mundo ruir.

Ela observa o rosto dele enquanto ele cai até o chão, sua vida lentamente se esvaindo.

O rosto dele devia se transformar, em Sam, ou Kyle, ou em quem estivesse usando o polimorfismo.

Mas isso não acontece, ele ainda é Caleb.

Ele está morrendo, e é ele mesmo.

Caitlin cai de joelhos ao lado dele, soltando um grito de lamúria. Era Caleb o tempo todo, seu único e verdadeiro amor, e ela o tinha matado.

Caleb fica deitado, olhando para ela e, embora estivesse morrendo, embora ela o tivesse matado, ele ainda sorri para ela.

Ela chora desconsoladamente:

“Caleb, por favor, eu não sabia que era você... Eu pensei que fosse...”

“Eu sei,” diz ele, com dificuldade, “Não se culpe.”

Assim era Caleb, forte até o fim, não permitindo que os outros se sentissem culpados. Seu coração é grande o suficiente para ambos.

E isso afeta Caitlin ainda mais, fazendo com que ela chore ainda mais, de maneira descontrolada.

Ele ergue o braço e coloca a mão em seu pulso.

Sua voz está ainda mais fraca.

“Caitlin,” ele diz, “Eu quero que você saiba...sobre Sera... Eu não a amava...”

“Eu sei,” Caitlin responde, soluçando.

Caleb acena com a cabeça quando seus olhos começam a se fechar.

Caitlin não pode acreditar que ele esteja partindo. A única pessoa que ele amava no mundo, amava o suficiente para que seu coração se partisse, e ele estava morrendo. Para sempre, e por suas próprias mãos.

“Caleb!” ela lamenta, tentando fazer com que ele abra os olhos.

Seus olhos tremem ao se abrirem, apenas um pouco.

“Estou grávida,” informa ela, “Você tem que saber... eu estou grávida.”

Os olhos de Caleb se abrem uma última vez, e ele olha para ela, sorrindo. “Grávida,” repete ele, suavemente e, então, com as últimas forças que lhe restam, completa: “Nós sempre ficaremos juntos.”

E com isso, ela sente seu corpo relaxar em seus braços, e com cada centímetro de seu corpo ela sabe que ele está morto.

Ela olha para o lado e vê a Espada, e seu corpo se enche de ódio pelo instrumento que havia causado tanta dor em sua vida. Ela estica o braço, a pega com as duas mãos e, afastando-se um pouco, enfia a Espada no chão com toda sua força, mais e mais fundo, até que ela é inserida no solo até o cabo. Ao fazer isso, todo o prédio começa a tremer, e as paredes começam a desmoronar.

Ela então olha para cima e rugue, um grito primitivo de um animal que tinha perdido todas as razões para viver.

## **VINTE E SEIS**

Caitlin sobrevoa o Rio Hudson com o corpo de Caleb nos braços, voando na direção da Ilha Pollepel. Ela mergulha, voando mais baixo, visando o pátio do castelo. O ar frio do rio assopra seu rosto, suas lágrimas, mas diferente de antes, não a acalma, - nada a acalmaria de novo.

Caitlin pode ver seus antigos companheiros de coven, treinando sob a luz de tochas. Ela sabe que tinha sido banida, e sabe que podem ter recebido ordens para matá-la, como Aiden havia avisado, mas ela não tem escolha. Ela não tem mais aonde ir, e precisa ver Aiden. Ela precisa saber se há algum jeito, alguma forma de reviver Caleb. Ela se recusa a deixá-lo partir, e se não houvesse uma solução, ela tiraria a própria vida.

Ela manda a cautela pelos ares e aterrissa no meio do pátio, no meio das expressões atordoadas de seus antigos companheiros. Todos param de treinar, e ficam parados, paralisados, observando-a espantados. Eles devem ter visto seu pesar, sua dor estampada em seu rosto, ao vê-la carregando o corpo de Caleb nos braços. Ela para no meio do pátio empoeirado, chorando, e dentro de instantes Aiden aparece, marchando em sua direção.

“Eu avisei você!” exclama ele, “Eu lhe disse que nada de bom aconteceria com sua partida, e lhe avisei que Caleb morreria,” completa, em tom severo. “Eu poderia ordenar sua morte por ter voltado aqui, você violou minha...”

“Então me mate!” grita Caitlin, “Já não me importo. Não me importo com suas regras, ou com esta ilha. Só me importo com ele, Caleb, e ele está morto. Você tem que trazê-lo de volta,” ela pede, implorando, “tem que haver algum jeito. Deve existir um modo de trazê-lo de volta à vida, você tem que me ajudar!” Caitlin completa, soluçando.

Todos os seus companheiros observam, em choque. Até mesmo Polly está em choque, estupefata demais para dizer alguma coisa.

Aiden lhes faz um sinal com a cabeça:

“Deixem-nos.”

Em poucos segundos, todos saem do pátio.

Agora era apenas Caitlin e Aiden sozinhos, com o corpo de Caleb entre eles.

Aiden se inclina, colocando a mão na testa de Caleb. Caitlin o observa, chorando, torcendo para que ele lhe dê alguma esperança.

Por fim, após alguns instantes, Aiden balança a cabeça.

“Ele está morto, sua força vital já abandonou este corpo. Ele foi ferido por uma arma muito poderosa, - pela Espada, não foi?”

Caitlin concorda, entre lágrimas.

“E o que você fez com ela?” ele pergunta.

“Eu a deixei lá!” responde Caitlin.

Aiden de repente se levanta, com a cara amarrada.

“Garota estúpida, você nos colocou a todos em perigo. Agora minha ilha será atacada! Você trouxe a guerra até nós. Seus atos foram insensatos, egoístas!”

“Eu sei. Sinto muito. Por favor, apenas me ajude,” ela pede.

“Não há nada que eu possa fazer,” responde Aiden.

“POR FAVOR!” ela implora, “Tem que haver algum modo. TEM que existir uma solução!”

Vários minutos de silêncio se seguem, preenchidos apenas pelo som de seu choro.

“Receio que não haja,” ele responde, finalmente. “ma você me disse, uma vez você me contou que vampiros podem voltar no tempo. Isto é verdade? Você me contou que meu pai está no passado em algum lugar. Isso quer dizer que eu e Caleb podemos voltar juntos, não é? *Não é verdade?*” - ela está histérica.

Aiden a encara, pensando.

“O método do qual você fala, como eu lhe disse antes, é muito perigoso. A maioria dos vampiros morre tentando.”

Caitlin olha para ele, esperançosa.

“Mas há uma chance, não é mesmo?” ela implora.

“Você está preparada para perder sua vida?” pergunta Aiden.

“Sim,” ela responde, sem hesitar.

“Você está certa disso?”

“Tenho absoluta certeza,” diz ela.

“Muito bem,” ele fala, “Siga-me.”

\* \* \*

Caitlin, carregando o corpo inerte de Caleb, segue Aiden pela floresta, com Rose em seus calcanhares; é seguida por seus antigos companheiros de coven.

Todos chegam até a clareira na floresta, e Caitlin acompanha Aiden até o centro, enquanto os outros fazem uma ampla roda ao redor dela.

Aiden fica na frente dela, enquanto ela posiciona o corpo de Caleb na grama. Uma grande lua cheia paira sobre eles, iluminando a clareira.

“Existe um ritual antigo entre os vampiros, raramente usado,” Aiden diz, “Entre os humanos, ele é usado como uma forma de matar um vampiro para sempre, mas entre vampiros, é uma forma de ressuscitá-los.”

“Você deitará aqui, ao lado de Caleb, e nós organizaremos seu funeral, repetindo algumas palavras, três vezes. Se der certo, após a terceira repetição, ambos renascerão juntos; caso contrário, os dois morrerão em definitivo. Se vocês reviverem, devem saber que não estarão mais no presente. Vocês vão acordar em uma nova vida, um novo lugar, em uma nova época. Vocês não podem avançar no tempo, então não poderão voltar; não sabemos em qual lugar, ou em qual época.”

“Mas estaremos juntos?” pergunta Caitlin.

“Ambos estarão no mesmo tempo e local, sim. Mas suas memórias serão apagadas. Talvez não as suas, mas certamente as dele. Ele já morreu, então se você o encontrar nesta nova vida, ele não se lembrará de você. Será como se estivessem se conhecendo pela primeira vez, - você será uma estranha para ele, e ele pode até mesmo não gostar de você. Você entende o que acabo de dizer?”

“Não me importo,” Caitlin responde.

“Você também nunca mais poderá retornar ao presente. Então pode dizer adeus a esta nova vida, para sempre. Você deve estar preparada para sacrificar tudo que sabe, para voltar no tempo, até um local desconhecido, e ficar com um Caleb que não irá reconhecê-la, e que talvez não goste de você. Também é possível que você sobreviva à jornada, e ele não; você pode acabar completamente sozinha no passado. Você está preparada para tudo isso? Está preparada para morrer?”

Entre lágrimas, Caitlin olha mais uma vez para ele:

“Por favor, farei qualquer coisa.”

Aiden olha para ela solenemente por alguns segundos, enquanto um silêncio tenso paira sobre eles.

“Muito bem,” diz ele, finalmente. “Deite-se ao lado dele.”

Caitlin se deita, na grama, bem ao lado de Caleb. Ela olha para o céu, para a grande lua cheia, e vê nuvens passando na frente dela.

“Segure na mão dele.”

Caitlin estica o braço, e segura as mãos frias de Caleb entre as dela, apertando com força.

Rose aparece correndo, e se deita entre os dois, olhando para Caitlin e gemendo.

“Aproximem-se,” Aiden ordena aos outros vampiros do coven.

Os outros membros apertam o círculo, e ficam a apenas poucos metros de Caitlin e Caleb, olhando para baixo.

“Caitlin, feche os olhos. Pense sobre uma época e um lugar. Imagine onde você gostaria de estar, em que época gostaria de viver. Agarrese a este pensamento, não o deixe escapar. E todos os outros, repitam comigo.”

Deitada ali, observando a lua, Caitlin sente as batidas do seu coração, e tenta desesperadamente se concentrar. Ela não faz ideia de onde gostaria de estar, em que período gostaria de viver. Tudo o que sabe é que quer ficar com Caleb. Ela deseja isso tão profundamente, que seu coração quase explode.

“Nós agora lhes deitamos aqui para repousar,” diz a voz suave de Aiden.

“Nós agora lhes deitamos aqui para repousar,” repete o coro de vampiros.

“Caitlin e Caleb, para que ressuscitem em outro dia.”

“Caitlin e Caleb, para que ressuscitem em outro dia.”

“Com a graça de Deus.”

“Com a graça de Deus.”

Caitlin as vozes suaves de seus colegas de coven, repetindo o mantra uma segunda vez. Ao ouvi-los, ela sente um tremendo peso tomar conta de seu corpo, e seus olhos começam a se fechar.

E então, repentinamente, ela começa a ouvir uma música, uma bela e doce melodia. É a música que Caleb havia tocado há tanto tempo, na Igreja Whaling em Edgartown, - Pathétique, de Bethoven.

Ao ouvir o mantra sendo repetido pela terceira e última vez, ao ouvir a expressão ‘Com a graça de Deus’, seu mundo começa a girar. Ela sente a presença de Caleb, mais forte do que jamais havia sentido, e sabe - simplesmente sabe, - que em algum lugar, de alguma forma, eles ficariam juntos novamente.

E então, tudo fica escuro.

# Document Outline

- [Sobre Morgan Rice](#)
- [Crítica aclamada sobre Morgan Rice](#)
- [Livros de Morgan Rice](#)
- [Copyright](#)
- [FATO:](#)
- [UM](#)
- [DOIS](#)
- [TRÊS](#)
- [QUATRO](#)
- [CINCO](#)
- [SEIS](#)
- [SETE](#)
- [OITO](#)
- [NOVE](#)
- [DEZ](#)
- [ONZE](#)
- [DOZE](#)
- [TREZE](#)
- [CATORZE](#)
- [QUINZE](#)
- [DEZESSEIS](#)
- [DEZESSETE](#)
- [DEZOITO](#)
- [DEZENOVE](#)
- [VINTE](#)
- [VINTE E UM](#)
- [VINTE E DOIS](#)
- [VINTE E TRÊS](#)
- [VINTE E QUATRO](#)
- [VINTE E CINCO](#)
- [VINTE E SEIS](#)
- [DESTINADA \(livro 3 na série Memórias de um Vampiro\)](#)

